



Um refúgio?
Uma barriga?
Um abrigo onde se esconder
quando estiver se afogando na chuva,
ou sendo quebrado pelo frio,
ou sendo revirado pelo vento?
Temos um esplêndido passado pela frente?
Para os navegantes com desejo de vento,
a memória é um porto e partida.
Eduardo Galeano

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

Elisandro Rodrigues

**CLÍNICA DE UMA VIDA:
Estilhaços de educação e[m] saúde**

Dissertação de Mestrado
Porto Alegre, 2015

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Elisandro

CLÍNICA DE UMA VIDA: Estilhaços de Educação e[m]
Saúde / Elisandro Rodrigues. -- 2015.
221 f.

Orientador: José Geraldo Soares Damico.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS,
2015.

1. Clínica de Uma Vida. 2. Imagens do Pensamento.
3. Oficinaulas. 4. Medicalização. 5. Educação em Saúde
Coletiva. I. Geraldo Soares Damico, José, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Elisandro Rodrigues

**POR UMA CLÍNICA DE UMA VIDA:
Estilhaços de educação e[m] saúde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico - Orientador

Profa. Dr. Carla Gonçalves Rodrigues

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Profa. Dr. Leila Aparecida Domingues Machado

Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

Porto Alegre, 2015

-para pa,

-minha imagem vaga-lume.

_agradecimentos

Os últimos raios do sol caem no horizonte.
A noite abraça devagarinho o dia.
Aos poucos nada mais resta da luz que outrora iluminava.
A noite reina soberana com sua escuridão.
Aqui e ali vagalumes brilham.
Outros pontos luminosos aos poucos aproximam-se.
Riscam fósforos. Portam lampiões.
Percebe-se o brilho das lanternas.
Displays de celulares brilham.
Chamas frágeis são cuidadosamente carregadas por entre as mãos, protegidas do vento que sopra, trazem velas e candeeiros.

Vejo nos lampejos: Georges Didi-Huberman. Etienne Samain. José Damico. Leila Domingues Machado. Carla Gonçalves Rodrigues. Luciano Bedin. Ricardo Ceccim. Tânia Galli Fonseca. Edson Sousa. Sandra Corazza. Claudia Caimi. Anna Letícia Ventre. Dani Noal. Graciela Caputti. Leo Abib. Ferraz Wagner. Hêlo Germany. Livia Zanchet. Ana Poletto. Rogério Fortes. Paula Fillipon. André. Gigio. Gole Mágico. Dani Dallegrave. Carla Trindade. Alunoficinantes. Atelier Parafernálias. GTED/GHC. PPGCOL/UFRGS.

A todos que faiscaram essa noite, obrigado!

resumo

A presente dissertação busca produzir um movimento rizomático de escoar e avessar as imagens do pensamento em/na saúde coletiva. A medicalização da vida é o tema central dessa pesquisa. Ela faz-se presente, não apenas na intervenção médica diretiva, *stricto sensu*, das subjetividades. Ganha outras formas no contemporâneo como aquilo que [des]potencializa o viver, como captura das produções dos eus. Nas brechas do texto, se quis pensar, em como se compõem as imagens, sendo esse o tema do entre, do meio. Nesse trabalho tentou-se operar com uma imagem do pensamento a partir do pensamento da imagem sobre medicalização da vida. Desenvolveu-se como campo de pesquisa o projeto de Extensão “Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e Saúde”, operando com quatro encontros agenciados pelas linguagens da arte, conceitualizando-se o termo palavra_conceito Oficinaulas. Esta pesquisa inscreve-se na perspectiva teórica da Filosofia da Diferença, como interlocutor, Gilles Deleuze. Os lampejos de Georges Didi-Huberman ajudaram a atravessar à noite escura de nosso tempo. Utiliza-se como metodologia a cartografia. Apresenta-se a ideia força de Clínica de Uma Vida, como uma operação micropolítica, para movimentar os processos imanentes na saúde e na educação. Finaliza-se trazendo como processo de pensamento três instantes, que diz do "como se faz": o Instante Utópico como sustentação das pequenas luzes; Instante Quaisquer de produção de estilhaços e Instante Ludopedagógico como possibilidade de um devir-criança. O que resulta dessa pesquisa são imagens pensamento que falam sobre os modos de cuidar e produzir saúde; de uma clínica [dos pormenores] de uma vida; das oficinaulas como um dispositivo de aprendizagem que se faz necessário para produzir lampejos escritos, por mais frágeis e fragmentados que sejam, sobre medicalização da vida. Pesquisar uma Clínica de Uma Vida para dizer de um lugar, onde a vida acontece na imanência, que é [por]menor, que diz de uma política de vida que lampeja pequenos pontos de luz nas noites escuras.

palavras-chaves: *Clínica de uma Vida; Imagens do Pensamento; Oficinaulas; Medicalização, Educação em Saúde Coletiva*

abstract

This work tries to produce a rhizomatic movement flow and 'avessar' images of thought in / on public health. The medicalization of life is the central theme of this research. It is present not only in medical intervention policy, strictly speaking, of subjectivities. Win other forms in contemporary as what enhances the living, as the capture of productions selves. In the text of loopholes, interested in thinking about how to compose images, which is the theme between the middle. In this study we attempted to work with an image of thought from the thought of the image on medicalization of life. It was developed as a research field the extension project "For a Clinical One Life: Care Politics in Education and Health", operating with four meetings brokered by the art languages, conceptualizing is the term_word_concept Oficinaulas. This research is part of the theoretical perspective of the difference of philosophy, as interlocutor, Gilles Deleuze. The flashes of Georges Didi-Hubermam helped through the dark night of our time. It is used as the mapping methodology and the methodological biografema as intercessor. It shows the Clinical force idea of a Lifetime, as a micro-operation, to move the immanent processes in health and education. It ends up bringing as thought process three moments: the Utopian Instant as support of small lights; Any Instant shrapnel production and Instant Ludopedagógico as the possibility of a becoming-child. What results from this research are images thought that talk about ways to care for and produce health; a clinic [the details] of a lifetime; the 'oficinaulas' as a learning device that is required to produce written glimpses, however fragile and fragmented that are on medicalization of life. Find a Clinic of One Life to say a place where life happens in immanence , that is little detail, which tells of a life politic that flashes small points of light in the dark nights .

keywords: Clinic of Life; Images of Thought; Oficinaulas; Medicalization. Health Collective Education.

listas de abreviações de autores

GA - Giorgio Agamben

GD - Gilles Deleuze

GDH - Georges Didi-Huberman

MF - Michel Foucault

WB - Walter Benjamin

PA - Paul Auster

RB - Roland Barthes

WS - Waly Salomão

_listas de imagens

IMAGEM DE CAPA - desenho com giz e caneta colorida,Guilherme Santos Torres, 2014

IMAGEM N-1 - sala vazia_Foto e Edição Elisandro Rodrigues. s/d - pg 19

IIMAGEM N-1 - intercessores_imagens da internet. s/d - pg 21

IMAGEM 1- Do amanhecer _ Foto e Edição Elisandro Rodrigues, s/d - pg 36

IMAGEM 2 - Xarope Divino, imagem da internet, s/d - pg 54

IMAGEM 3 - Anúncio de 1939, imagem da internet, 1939 - pg 54

IMAGEM 4 - Anúncio dos produtos Tayuya, sabão Aristolino e xarope Grindelia, imagem da internet, sd - pg 55

IMAGEM 5 - Remédio Genial, imagem da internet, s/d - pg 55

IMAGEM 6 - The Black Box, Tonny Smith, 1962 - pg 90

IMAGEM 7 - Montagem do anoitecer_Foto e Edição Elisandro Rodrigues, s/d - pg 146

IMAGEM 8 - Ética da Torneira_Desenho de E"isandro Rodrigues, 2015 - pg 160

CADERNO DE IMAGENS - Fotografias e edições Elisandro Rodrigues, realizadas no período de 07/10 a 04/11 de 2014, no

Projeto de Extensão "Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e Saúde" - pg 194

sumário

n-1	-----	19
_da sala varia	-----	19
_do entardecer de uma escrita {ou do início da noite}	-----	22
_dos cocos no espelho {ou da sustentação das pequenas luzes}	-----	24
_do escuro de nosso tempo -imagens apensar de tudo {ou de um pensamento sobre a imagem}	-----	25
_oficinas	-----	26
_do amanhecer	-----	28

1_das horas iniciais-----30

_06 am-----30

2_do entardecer de uma escrita {ou do início da noite}-----37

_17 pm-----37

_do escrever a vida-----40

_da pesquisa de uma clínica de uma vida-----42

_do tema-----44

_da metodologia-----46

_19 pm-----49

_das várias imagens em uma pesquisa {da noite do nosso olhar}-----51

3_de cacos de espelho -----54

_22 pm-----54

_conceito {ou das palavras vaga-lumes}-----57

_medicalização-----59

_clínica{s}-----62

_vida {ou da vontade de potência}-----65

_de/uma-----69

_por uma clínica de uma vida-----71

4 _do escuro de nosso tempo {ou de um pensamento sobre a imagem}-----73

_00 am-----73

_instantes quaisquer {ou da imagem [do] pensamento em saúde}-----76

_instante utópico dos lampejos {ou da sustentação das pequenas luzes}-----82

_imagens apesar de tudo {imagem do pensamento na saúde coletiva}-----94

5 _oficinas-----96

_04 am-----	96
_conceitualizando oficinas-----	98
_oficina: modos de cuidar e produzir saúde: dos arais-----	106
_oficina o que pode um corpo no contemporâneo?-----	119
_oficina de uma vida anônima e passageira-----	132
_oficina de como [res]pingar uma vida-----	144
_no limiar da miudezas-----	161
6_do amanhecer-----	174

_Ob am-----174

7_das referências-----183

8_anexo 1 _ termo de assentimento livre e esclarecido-----192

_caderno de imagens-----194

*Você
com quem falo
e não falo
centauro
homemcavalo
você não existe
preciso criá-lo.*

Leminski

_n-1¹

Boa-tarde. As palavras do texto saltaram para essa sala, como em uma oficina operando uma possível Clínica de Uma Vida.

_da sala vazia

16:30 E.R chega. A sala ainda está vazia. Começa a arrumar o material para a apresentação e espera. Fica pensando em quem serão as pessoas que a habitaram logo mais. Senta-se e olha para as cadeiras. Aos poucos as pessoas começam a chegar. Alguns vão até ele para cumprimentar. Suas mão suam. A sala é arrastada do silêncio para um murmúrio de pequenas vozes. O início se aproxima. Ele não consegue pensar em muitas coisas. Está nervoso. A banca chega. Leila. Carla. Luciano. Ricardo. O orientador, Damico, semeia as palavras iniciais, dá boas vindas e lança a palavra para ele, “você tem 20 minutos”. Ele ainda não está pronto. Fecha os olhos, respira fundo e conta.



Imagem n-1_sala vazia_Foto e Edição Elisandro Rodrigues. s/d

¹ Devaneio N-1: Texto realizado para defesa da dissertação de mestrado, ocorrida em 07.08.15. Incorporado como preâmbulo por sugestão da banca.

1.

2.

3.

4.

5.

Pausa.

Respira fundo novamente.

Abre os olhos e inicia a apresentação.

#

Esse é um texto fragmentado, ao modo Barthes, com colagens ao modo Benjamim, tecido com estranhas inquietações de Didi-Huberman e de Deleuze.



Imagem n-1_intercessores_imagens da internet. s/d

Para, dessa forma, imaginar e fantasiar um texto.

Esse trabalho é como a fragmentação bressoniana, onde as operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, produzem e frustram expectativas a todo momento [RANCIÈRE, 2012:13]. É uma escrita esquizo, em pedaços, que não se conecta, que repete-se, que não se explica, que deixa o leitor sem respostas, que só faz perguntas. Que

contradiz-se a todo momento. Mas é uma escrita. E afirma-se enquanto escrita. Enquanto proposta de pensamento. Apesar de tudo, apenas palavras-pensamento em pormenores lançados na folha. Não em notas de rodapé, mas no centro do texto. No corpo que compõe uma dissertação.

Esse texto é composto de três processos de escrita. A primeira escrita são os rasgos de pensamento que sustentam o alimento desse trabalho - a medicalização, a Clínica de Uma Vida e as Oficinaulas; a segunda escrita é a composição de um texto-quase-literário onde conta-se a história do Sr. Warburg, personagem criado para dizer de um desejo de pesquisar as imagens de medicalização ao longo da última década; e por fim, uma terceira escrita que é um entre, ao modo Deleuziano, onde tece-se uma aproximação com a noologia – o estudo das imagens do pensamento, traçando questões a cerca da imagem do pensamento em/na saúde coletiva.

#

_do entardecer de uma escrita {ou do início da noite}

O campo empírico dessa dissertação deu-se a partir do projeto de extensão, 'Por uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e na Saúde', onde realizou-se quatro encontros potencializando o termo_ideia_conceito_palavra Oficinaulas.

As perguntas-guias que acompanharam essa escrita foram: Como se pensa e se problematiza a vida no contemporâneo? Como se percebe os discursos da medicalização da vida

nos cotidianos de trabalho e formação? Quais são os pormenores que se pode cartografar através de oficinaulas?

O tema principal, ou a paisagem de fundo, foi a medicalização da vida. Entendida aqui como aquilo que [des]potencializa o viver, que captura as existências, as produções dos eus, diminuindo as vontades e as potências. É um dispositivo de captura. Está presente em muitos espaços, não apenas nos de intervenção médica diretiva. A essa paisagem principal, colore-se um outro tema, o das imagens do pensamento como um exercício do pensar.

A metodologia de pesquisa deu-se de forma cartográfica, afectando-se e inserindo-se diretamente no processo de pesquisar – “toda questão é de saber o que queremos fazer com um conceito seja ele qual for, até onde se quer torná-lo operatório” [GDH, 2011:94]. Utiliza-se o biografema como intercessor metodológico. E entende-se ele como noção, pois é uma ferramenta de travessia que auxilia o processo de pensamento. A prática biografemática volta-se para a potência dos detalhes, do [por]menor.

O pensamento precisa de uma imagem para poder operar, a imagem nesse trabalho é a noite. No projeto de qualificação utilizava-se como imagem o pingó azul. O pingó azul ganhou mais cor e intensidade, transmutou-se em noite. Na noite, “nem o olhar, nem o desejo cessam”, mas são capazes de encontrar “lampejos inesperados” em um processo de experiência em que o sujeito é um expectador cujo olhos procuram o foco das pequenas luzes que a experiência proporciona e “não acaba se a noite cai. O que se encontra, então na escuridão profunda é um áspero desejo de ver” [GDH, 2011:144-145].

_de cacos no espelho {ou da sustentação das pequenas luzes}

Tentou-se produzir um exercício de pensamento a partir de determinados conceitos. E este exercício é um resto, uma l[c]asca, é o próprio inacabamento do pensar. De fato, se fracassa. Mas, no fracasso, tenta-se. Nas tentativas inventa-se outros mundos. Traça-se conceitos_termos_ideias_palavras que ligam o pensamento para a criação de uma ideia força que impulsiona a escrita. Fragmenta-se cada termo. Decompõe-se Medicalização, Clínica, Vida, De, Uma. Isola-se cada um deles para entendê-los melhor. Depois, junta-se. Cola-se. Monta-se o pensando como resultado de uma investigação inacabada.

Uma Clínica de Uma Vida é uma ideia força para dizer de um lugar, onde a vida acontece na sua imanência, onde o olhar, a escuta, as palavras são usadas para inventar e criar novos mundos. Uma Clínica que é [por]menor, que diz de uma política da vida e lampeja pequenos pontos de luz nas noites escuras. Clínica de Uma Vida como imagem que arde, onde se produz encontros [alegres e tristes], onde possibilita-se rasgos de pensamento. Como instante utópico que fura, abre frestas, que desperta e lampeja. Como um espaço que não é nem aula, nem oficina, mas sim um agenciamento dos dois, uma oficinaaula.

#

*_do escuro de nosso tempo - imagens apesar de tudo {ou de um
pensamento sobre a imagem}*

Escrever sobre imagens do pensamento na/em saúde coletiva é pensar sobre a distinção imagética proposta por Deleuze. Para ele existem duas imagens do pensamento, uma sendo dogmática, tradicional, que é a captura da moral e da representatividade do mundo, e a segunda, que rompe com o pensamento dogmático, chamada de Nova Imagem do Pensamento, ou de Pensamento sem Imagem.

Pensa-se que a imagem do pensamento em/na saúde coletiva se dá com os pequenos rasgos e furos produzidos pelas ações, como as oficinaulas que pensam em uma Clínica de Uma Vida, nos furos produzidos nos espaços de formação e de trabalho, que possibilitam criação e rompem com o que já está instituído e o que medicaliza vidas.

As possíveis imagens do pensamento em/na Saúde Coletiva são como uma imagem inquietante, que nos força a pensar, a produzir outras imagens que não as dogmáticas. São uma alternativa as grandes luzes, aos holofotes que ofuscam o olhar e o pensamento. É um operador de pequenas sobrevivências, de pequenos fragmentos que restam, que se atualizam no contemporâneo. A imagem do pensamento em/na Saúde Coletiva é uma “palavra-vaga-lume” [GDH, 2011:131] que emite lampejos de pensamento no escuro da noite.

#

oficinas

“A experiência é alguma coisa que a gente sai transformado.” [MF]

As oficinas aconteceram dentro do projeto de extensão como uma estratégia de produção empírica. E se constituíram num espaço de vivência e de experiência. Desenhou-se as oficinas como uma máquina fotográfica analógica. Captou-se a imagem para depois escrever sobre ela. Os temas de cada encontro foram agenciados por Artesãos dos Lampejos, convidados especialmente para cada oficina, sendo as temáticas trabalhadas: a) modos de cuidar e produzir saúde: dos azuis; b) o que pode um corpo no contemporâneo?; c) de uma vida anônima e passante; e d) de como [res]pingar uma vida. Os participantes foram chamados de alunoficinas. O projeto contou com 30 inscrições, sendo a média de participação em cada oficina de 15 alunoficinas.

Oficina como dispositivo pedagógico, e também espaço de agenciamento de pensamento, que coloca a pensar em quais são as imagens de saúde e de educação que sobrevivem às capturas. É trazer para a roda o que preocupa, o que ocupa o cotidiano, é problematizar os processos de trabalho, os fazeres e os modos de viver a vida, perceber a estranha inquietação e dar voz e corpo a ela. Um espaço-tempo onde se pode perguntar: o que medicaliza o viver? Onde está o que nos medicaliza no contemporâneo? E quais as imagens de pensamento na Saúde Coletiva?

Lugar de brincar e inventar. Onde se resgata as memórias das infâncias, que escava a superfície para encontrar o que está perdido, esquecido, enterrado. Onde existe movimento, onde o corpo cria asas e voa, que [des]ritmize e ritmize em outras cadências. Que estilhaça os pensamentos, que deixe em silêncio, que fragmenta e faz olhar para os pormenores de uma vida. Que é testemunho, que deixe marcas, registros nos corpos de quem vivenciou as experiências, afecções e vontades de vida e que lança aos outros, ao mundo, manifestos em favor do que aumenta nossa vontade e nossa potência. É onde Uma Clínica de Uma Vida pode existir.

Pensa-se que Clínica de Uma Vida pode transmutar-se em Clínica dos Pormenores, onde a “inquietante estranheza” [GDH, 2009] está presente nos pequenos detalhes, nas miudezas, nos punctuns que afetam. Pode-se dizer que, das quatro oficinaulas, problematizam-se três instantes, hiatos, intervalos de tempo: 1) Instante Utópico: como sustentação das pequenas luzes [GDH, 2011]; como sustentação das imagens menores – dos pormenores; como o ainda não, rasura, como instante/vontade utópica. 2) Instantes Quaisquer: em que se colocam intervalos e hiatos de tempo para um outro acontecer, rompendo com os aparelhos de captura, produzindo variação no mesmo e estilhaçando com os sintomas que prendem a uma vida medicalizada. 3) Instante Ludopedagógico: em que os processos de ensino e aprendizagem misturam-se com jogos, imagens, cinema, música, dança, pintura, recortes, colagens. Em que a experiência estética sussurra mais alto, não na afirmação da beleza, mas na afirmação de que tudo o que se produz é uma forma de material estético. E, principalmente, onde saúde e educação são pensados conjuntamente.

do amanhecer

“Será que falar equivale a falhar e falir ou falar também pode significar faulhar, fagulhar e faíscar?” WS

Nesse trabalho tentou-se operar com uma imagem do pensamento a partir do pensamento da imagem sobre a medicalização da vida. Rizomatizar-se em oficinaulas lança, em nossas retinas, mais uma pista de operacionalizar cuidados que escapem à completude imagética que massacra a vida. Amplia-se as imagens na saúde coletiva, num processo de experimentar o experimental. De ir fabulando, artistando, cartografando, biografematizando, ao mesmo tempo em que se vive e se experimenta, em que se pesquisa e se escreve.

Os murmúrios da medicalização estão presentes, principalmente quando entende-se que se vive em uma sociedade que teima em capturar desejos, e onde se questiona-se sobre o que nos medicaliza? E onde está o que nos medicaliza?

Por fim, resta-me indicar rastros, pistas de pensamento: 1) Que “não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos” [GDH, 2011:155]. Seria possível elencar muitos outros mundos, mas nessa escrita o mundo inundado de luz é onde prevalece a medicalização da vida, onde a captura do desejo fala mais alto. Os lampejos são as microações, nosso devir-revolucionário, uma clínica dos pormenores que pensa as imagens do pensamento em/na saúde coletiva. 2) Não se pode permitir a intimação e opressão das grandes luzes, dos grandes holofotes. É necessário também não ter medo da noite. “Contudo, é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes” [GDH, 2011:49]. Trata-se de procurar os espaços onde

se pode criar, construir ideias e ações, oficinaulas, onde se pode furar o cotidiano do trabalho ou pintar noites para achar vaga-lumes. 3) "Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca" [GDH, 2011:155]. Dizer sim e escutar a vida. Produzir lampejos escritos, por mais frágeis e fragmentados que sejam. Dizer não ao que ofusca o processo de pensamento. Pois criar é resistir. E pesquisar é estar sempre em processo de inacabamento. Pesquisar uma Clínica de Uma Vida para dizer de um lugar, onde a vida acontece na imanência, que é [por]menor, que diz de uma política de vida que lampeja pequenos pontos de luz nas noites escuras.

"O que eu disse aqui não é 'o que eu penso', mas com frequência é aquilo que eu me pergunto se não poderia ser pensado." [MF, 2001:429]

#

1_das horas iniciais

_6 am

“Não é por acaso que a metamorfose da lagarta e da ninfa em borboleta é chamada de imago. Assim se passa da borboleta e com a imago psíquica no sentido de Lacan (ou de Merleau-Ponty, aliás): ela bate – ela bate as asas. É uma questão de aparição visual e de experiência corporal ao mesmo tempo.” [GDH]

Senhor Warburg abre os olhos. Olha para o relógio ao lado de sua cama. São 6 horas. Levanta rápido, com a rapidez com que consegue se movimentar. Um velho de 75 anos já carrega as marcas do tempo em seu corpo. Faz meses que Senhor Warburg planeja esse dia. [Chamaremos Senhor Warburg apenas de Sr. W, para facilitar nossa história]. Vinte e quatro meses, setecentos e vinte e nove dias em que ele vem planejando esse momento. Ele pensa se os dias são esses, ao lavar o rosto e ao olhar-se no espelho. Já na cozinha prepara ritualisticamente seu café. Duas colheres pequenas de café, enche a cafeteira italiana de água, lembrando de não ultrapassar a marca de segurança, já apagada pelo

O subtraço [_], traço rasteiro, undersore, underline, ou traço inferior é um sinal gráfico utilizado na informática para substituir o espaço em branco em aplicações e sistemas que não comportam o espaçamento “ ”. Utiliza-se aqui como espaçamento entre o vazio e o possível do pensamento.

anos de uso. Coloca a água para ferver em fogo baixo. Enquanto o café emerge pelo mecanismo até o topo, prepara duas fatias pequenas de pão. Senta na pequena mesa da cozinha e silenciosamente toma seu café. Escuta-se apenas o sorver do líquido na xícara e as mordidas no pão já um pouco seco. Na sua mente a organização do dia desfila passo a passo. 'Levantar às seis horas. Ok. Tomar o café. Ok. Passar a manhã organizando os materiais necessários para o trabalho. Retomar, item a item, o que será necessário. Almoçar por volta das 11 horas. Tirar uma sesta até as 14 horas. Retomar anotações e organizar por ano e mês os conteúdos e informações. Sair para tomar um café, por volta das 17 horas. Voltar pra casa e terminar o projeto já iniciado'. Sr. W sabe que tem que ser meticuloso em seu cronograma. Hoje é o dia setecentos e trinta, hoje é o dia em que ele termina. Sr. W mantém seu cronograma até antes das 16 horas. Pela energia acumulada e sua prévia organização, consegue liberar-se antes para o café da tarde. Decide usar o intervalo de tempo para tomar um ar fresco no parque. Coloca seu sobretudo, pega seu cachecol e seu chapéu. O parque fica a poucos minutos de caminhada de sua casa. No caminho, vai retomando a lista mental e enumerando o que já foi realizado, vendo se não esqueceu de nada. Sr. W, ao longo dos anos costuma realizar anotações do que vê e do que lê em um pequeno bloco que carrega sempre consigo. Muitas das anotações são mentais e, com o passar dos dias, ele acaba esquecendo, não lembrando o que aquelas poucas palavras escritas queriam dizer, ou o porquê dele anotar. Sentado no parque, observa o movimento das pessoas e das borboletas ao redor. Sr. W sempre gostou de borboletas, quando criança tentou ser colecionador. Conseguiu catalogar algumas espécies com a ajuda dos livros especializados no assunto. Como não dispunha de equipamentos para mantê-las organizadas, alfinetadas e intactas, tirava fotos

"Antes de eu entrar na escola, e sem prejuízo de algumas viagens de verão, íamos todos os anos para casas de veraneio nos arredores. Durante muito tempo, estas estadas foram-me recordadas pela espaçosa caixa na parede do meu quarto de rapaz, onde se viam os começos de uma coleção de borboletas cujos exemplares mais antigos foram caçados no jardim de Braunhausberg. As borboletas-da-couve com as bordas cortadas, as borboletas-limão de asas muito lustrosas, traziam-me à memória caçadas ardentes que tantas vezes me tinham levado longe dos caminhos bem arrançados do jardim, para brenhas onde, impotente, enfrentava as conjurações do vento e dos cheiros, da folhagem e do sol, que provavelmente orientavam o voo das borboletas [...] quanto mais eu me confundia com o animal em todas as minhas fibras, quanto mais eu me tornava borboleta no meu íntimo, tanto mais aquela borboleta se tornava humana em tudo o que fazia, até que finalmente, era como se a sua captura fosse o único preço que me permitia recuperar a minha condição humana." [WB, 2013:76-77]

para o seu livro de registro. Fazer essa captura de imagem sempre foi difícil. Quando conseguia uma pose decente, tinha que torcer para o filme não queimar. Ser colecionador, pesquisador de borboletas tornou-se muito complicado. Abandonou seu hobby fazendo menos de um ano desde seu início. Olhando o vô das borboletas, faz a seguinte anotação mental, rabiscando em seu bloco palavras soltas: 'As imagens são como as borboletas, esperam o tempo certo para alçar o voo. Primeiro devem ser concebidas: as borboletas no acasalamento; as imagens, no pensamento, na imaginação. A borboleta mãe coloca o ovo sobre a superfície de uma folha e vai ficar esperando que ele não seja devorado por algum inseto ou animal. Depois de algum tempo, o ovo eclode e de dentro sai uma pequena larva, lagarta. Nessa condição, ela vai viver a maior parte de sua vida, trocando várias vezes de pele e crescendo. No momento, certo será envolta por ela mesma, em sua pupa, ninfa - ou crisálida - fase intermediária entre a larva e o nascer. Permanece então em silêncio, esperando. A imagem nasce de sua fabricação, de sua imaginação, às vezes prolonga-se no seu nascer, vai se modificando conforme amadurece o pensamento, conforme as experiências da vida vão se colocando no seu corpo. Por vezes, silencia por uma noite, por vários meses até que de súbito uma nova imagem explode, cintila por um breve instante antes de levantar voo e desaparecer novamente. Imago é o instante em que a borboleta sai de sua crisálida. Quem sabe um dia essa borboleta, ou essa imagem, volte até nós novamente'. Sr. W permanece ainda com seu pequeno bloco de anotações aberto, olhando para os passantes e viventes. Vagarosamente guarda suas memórias junto ao bolso do casaco, no lado esquerdo, e sai caminhando rumo ao centro da cidade.

“Se numa certa noite, por um feliz acaso, a grande borboleta retornar a nós, atraída pela chama de uma vela, e se acontecer de, ao aproximar-se por demais da chama, ela se tornar cinzas, ainda assim a borboleta permanecerá na memória. As cinzas continuaram vivas, incandescentes, luminosas. Bastará um simples sopro para reavivar o fogo, reencontrar a borboleta com olhos de coruja que se esconde no meio delas. A imagem arde.” [SAMAIN, 2012:62]

#

Esse trabalho que você tem em mãos é composto de três processos de escrita [e de muitas reescritas]. A primeira escrita é composta de rasgos e pedaços de pensamento que sustentam o alimento desse trabalho e diz do resultado final de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Ela se metamorfoseia com a segunda escrita, a história de Sr. Warburg, ou Sr. W. A história de Sr. W divide-se em horas, iniciando pelo acordar desse personagem, às 06 horas da manhã do dia setecentos e vinte e nove, em sua contagem pessoal, passando pelas 17 horas, as 19 horas, 22 horas, 24 horas, ou meia-noite, 04 da manhã e finalizando às 06 horas da manhã do outro dia, do dia setecentos e trinta. A terceira escrita é um entre. É uma experimentação de pensamento e escrita com relação ao entendimento do que seria uma imagem do pensamento. Faz-se nas brechas do texto, perdendo o foco e se distanciando das temáticas trabalhadas. Aparece pelo meio, tremendo e buscando espaço para aparecer².

A escrita do texto - que compõe essa dissertação - divide-se em seis [c]ascas. A primeira [c]asca é essa que ainda não terminou, chamada **_das horas iniciais**. Na seguinte, intitulada **_do entardecer de uma escrita {ou do início de uma noite}**, descreve-se uma breve introdução às temáticas dissertadas. Na sequência, apresenta-se **_dos cacos do espelho**, onde os conceitos que costuram essa escrita são trabalhados separadamente. Abre-se então um espaço-tempo imagético, que corrobora com as reflexões de Sr. W, em que se trabalha com a imagem e coloca-se em questão o pensamento e as imagens da Saúde Coletiva, intitulado **_do escuro de nosso tempo {ou do pensamento sobre a imagem}**.

*O símbolo # chama-se **sustenido**. É usado na música e nos teclados [computador, celular, ...]. Na música o sustenido é um acidente, coloca-se a esquerda das notas para indicar que a altura da nota deve ser elevada em um semitom. O sustenido [#] eleva o tom. Uso ele aqui para dar um outro tom, um meio tom, uma diferenciação para as palavras, ideias, conceitos utilizados e para as entradas dos fragmentos textuais. O # é a entrada de um pormenor, daquilo que chama a atenção, que marca, que possibilita um outro[meio] tom.*

² “A nota de rodapé é simplesmente a honestidade na transmissão do saber. É a possibilidade dada ao leitor de refazer o caminho por sua conta, isto é, para eventuais divergências na apreciação das fontes” [GDH, 2006].

As **_oficinaulas** vêm a seguir, com a escavação das memórias e anotações das experiências das 4 oficinaulas realizadas como campo empírico da investigação, aproximando um estilhaço de conceito_palavra_termo³ a esse dispositivo pedagógico utilizado na educação e na saúde. E, por fim, concluindo os passos dos instantes métricos que iniciaram no dia e perpassam a noite, **_o amanhecer**, buscando a conclusão ou, pelo menos, uma pausa da escrita e do pensamento para novos devires.

Para a orientação da leitura, ou para guiar o perder-se nas palavras, uma bússola, observa-se que os escritos, as pequenas l[c]ascas ao lado do texto que corre na horizontal, impressos num papel vertical, são um pedaço de texto que salta, um diálogo silencioso com alguns escritores, ou algumas reflexões que ecoam a partir do texto principal. Esses fragmentos conectam e desconectam-se, são instantes quaisquer na leitura.

#

Faz-se importante dizer, no início, que esse texto é tecido com imagens. Imagens do pensamento. Um dos temas mais importantes da filosofia de Deleuze é o pensamento, e as imagens do pensamento sempre se fizeram presente em suas obras. Deleuze considera que o pensamento possui eixos de orientação que o aproximam de um certo modo de funcionamento, originando imagens, "uma imagem seria então um conjunto de coordenadas que não somente orientariam um pensamento, mas que norteariam também as suas possibilidades de criação" [MANGUEIRA; MAURÍCIO, 2011].

"E assim vou dando cabo da folha, e cada grupamento de marcas é uma palavra, e cada palavra é um som em minha cabeça, e , toda vez que escrevo outra palavra, ouço o som de minha própria voz, ainda que meus lábios permaneçam em silêncio." [PA, 2007:36]

³ Devaneio 1: A junção de termos_ideias_conceitos_palavras é um rasgo na definição de conceito, uma brincadeira de abertura, de separação, de aproximação com a potência, ou não, do que se quer dizer.

Pensar é movimentar o pensamento, criando dessa forma imagens do pensamento. Desse modo, uma imagem do pensamento não surge do nada, é necessário que haja condições para a operação do pensamento, pensa-se que uma imagem do pensamento é uma maneira de abordar a experiência. O significado atribuído ao conceito de imagem por Deleuze diz respeito a cortes instantâneos, que podem ser abstratos, invisíveis ou imperceptíveis. E é nesse entre que as formas podem ser vistas com mais intensidade: "as imagens não são o duplo das coisas. São as próprias coisas, o conjunto de tudo o que aparece", ou seja, o conjunto daquilo que é. Deleuze, a partir de Bergson, definirá assim a imagem: "o caminho pelo qual passam, em todos os sentidos, as modificações que se propagam na imensidão do universo" [RANCIÈRE, 2001:4].

Interessa, neste texto, pensar os modos como se compõe as imagens, os modos como se pensa, como se cria. Essa é a terceira escrita do texto, que é uma experimentação, uma revelação, por processos químicos subjetivos, de um desejo de aproximar o pensamento das imagens [pensadas, faladas, clicadas, disparadas], tentando construir imagens do pensamento. Dessa forma, não leia as linhas desse texto com imagens pré-disparadas, leia como uma experimentação fotográfica. Algumas imagens estarão nítidas, poucas, outras estarão tremidas e, algumas, desfocadas, até porque fotografar na noite mostra-se difícil pela falta de luminosidade, necessita-se de um tempo para a lente capturar a imagem⁴.

"Para adormecer à noite, e se evaporar da narrativa como os vaga-lumes sabem tão bem desaparecer de nossas vistas." [GDH, 2011:143]

⁴ Devaneio 2: A imagem, a palavra dita ou escrita, não compõe uma realidade simples. Por entre essa palavra escrita muitos pensamentos territorializam e desterritorializam, fragmentam-se antes mesmo de concluírem-se. Esse trabalho é como a fragmentação bressoniana, onde as operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, produzem e frustram expectativas a todo momento [RANCIÈRE, 2012:13]. É uma escrita esquizo, em pedaços, que não se conecta, que repete-se, que não se explica, que deixa o leitor sem respostas, que só faz perguntas. Que contradiz-se a todo momento. Que não sabe se explicar. Onde muitas vezes não se entende o que se quer dizer. Mas é uma escrita. E afirma-se enquanto escrita. Enquanto proposta de pensamento. Enquanto modo de ser no mundo, na universidade, nos artigos e textos produzidos. Estilo? Não se sabe. Ruptura com um modo medicalizante de escrita e pensamento? Não se sabe. Um modo militante, revolucionário de mostrar o pensamento? Não se sabe. Apesar de tudo, apenas palavras-pensamento em pormenores lançados na folha. Não em notas de rodapé, mas no centro do texto. No corpo que compõe uma dissertação.



Imagem 1_ do amanhecer_ Foto e Edição Elisandro Rodrigues. s/d

2_ do entardecer de uma escrita {ou do início da noite}

“Estou sozinho no escuro, faço o mundo dar voltas dentro da minha cabeça, enquanto enfrento mais um ataque de insônia, mais uma noite branca no vasto deserto americano [...] Luz clara, depois escuridão. O sol se derrama de todos os lados do céu, seguido pelo negror da noite, pelas estrelas silenciosas, pelo vento que balança os galhos. Essa é a rotina.” [PA, 2008:7]

#

-17 pm

Sr. W tem o costume de escolher lugares diferentes para tomar seu café. Tem alguns preferidos, que de fato fazem 'café de verdade', e outros onde vai só por experimentação ou pela comodidade do percurso. Hoje ele quer algo especial, não precisamente um 'café de verdade', mas uma imagem que invada seu pensamento. Para Sr. W, um café tem que ter sabor, aroma, textura, ser bem feito e bem tirado. Não pode ser uma água escura que evoca uma mera lembrança. Uma imagem lembrança do que é o café - é o que muitas vezes aparece na mesa de Sr. W. Hoje ele não vai pelo líquido. Vai pelo olhar. Os

pensamentos parecem fabricar muitas imagens nesse percurso, e ele caminha olhando para o chão e pensando nas superfícies, nesse chão que berra histórias e em seus próprios atos de olhar. Chega até o antigo hotel, que antigamente acolhia as culturas viajantes e que hoje se inverte e faz a cultura viajar, que irrompe à passagem do olhar, por vezes permanece e, em outras, evanesce. Entra no elevador, solitário. Aperta o botão com o número sete. A porta se fecha. A máquina de elevação, na vertical, sobe suavemente. A porta se abre. Ele sai. Caminha alguns passos e outra porta se abre. Entra. Olha para os cantos à procura de uma mesa vazia. No canto direito, enxerga uma que lhe serve, longe do único casal que ocupa o local. A mesa tem uma vista quase perfeita, para o horizonte onde o lago brota por entre matos e concretos. Infelizmente, entre seu olhar e as águas, monumentos de concreto erguem-se. Em cima da porta de entrada um relógio marca 17 horas. O sol caminha a passo lento, esquentando o que resta de um dia. Pede um café. Abre um livro. Sr. W sempre carrega com ele, além da chave de casa, de sua carteira com os documentos e dinheiro, de seu bloquinho de anotações e seu lápis de escrever pensamentos, sempre carrega consigo um livro. A capa do livro que carrega nesse dia poderia ser vista pelo casal que compartilha o mesmo espaço. Têm um título que sobressai logo abaixo de uma máquina antiga de projetar filmes - 'Homem no Escuro', de Paul Auster. Sr. W parece ler, mas seu olhar foge repetidas vezes das páginas do livro. Fica minutos a olhar o longínquo. Foi para isso que ele veio a este local, para deixar os olhos fugirem da superfície. Os minutos caminham e o sol segue seu curso, deitando cada vez mais. Seu pensamento parece voar para lugar nenhum. Dois casais entram, falando alto. Em cima da porta os ponteiros marcam 17 horas e 50 minutos. O sol começa a querer se esconder por trás da vegetação e das

águas. Aos poucos, vai colorindo o final do dia com uma tonalidade que mistura o laranja e o vermelho. Sr. W olha para essa imagem e pisca algumas vezes, como se seus olhos fossem máquinas fotográficas tentando captar aquele momento. Sr. W nota, nessa coloração, a presença forte do azul – um alaranjado azulado. Ele levanta. Paga o café e sai. Lá embaixo a noite começa tímida, com tons de vermelho. O frio que vem do lago obriga-o a fechar o casaco e puxar a gola para cima. No horizonte as tonalidades ainda permanecem. Do lado oposto, a cortina da noite é puxada por pequenos pontos que brilham. O azul noite prevalece na disputa das cores. A noite devora silenciosamente o dia. Sr. W segue o caminho de casa.

A noite
me pinga uma estrela no
olho
e passa.
Leminski

#

#

_do escrever a vida

O processo de escrita de um texto, na maioria das vezes, é solitário. Mas tece-se de uma solidão povoada. Povoada por fragmentos e pedaços de textos. Por muitos minutos e horas de leitura. Por autores que agenciam junto. Parecem companheiros de tempo, fazendo relevo aos pensamentos e inquietações. Estão sempre próximos. Na mochila. Na tela do computador. No fragmento que nos move a uma ideia. Por orientações. Pelo não querer escutar o que o outro está querendo dizer. Pelo relutar em largar uma frase. Um parágrafo. Várias páginas. Por comentários anotados em pequenos cadernos, em folhas soltas, em notas e lembretes no celular. Por conversas que brotam de encontros que se traduzem em morada entre um parágrafo e outro, na hora do escrever. Por aulas participadas. Por aulas dadas. Por ideias que saltam nas mesas de bares. O escrever se faz entre [nos] dias e noites. Na escrita. Na angústia. Nas madrugadas adentro.

Aquele que escreve é “produzido pelo gesto de sua escritura” [PRECIOSA, 2010a:88], vai se fazendo, construindo, inventando passos, percursos. Vai tropeçando, fracassando, olhando para o teto, para a noite que toma conta dos pensamentos. “Eu fracasso vezes seguidas, fracasso na maioria das vezes, mas isso não quer dizer que eu não me esforce ao máximo” [PA, 2008:8]. Escreve-se em um exercício do próprio pensamento, operando com os inúmeros fragmentos vivos

“A noite ainda é uma criança, e, enquanto eu fico aqui deitado na cama olhando para a escuridão acima de mim, uma escuridão tão negra que o teto fica invisível, começo a lembrar de histórias que iniciei na noite passada. É isso que faço quando o sono se recusa a vir fico deitado na cama e conto histórias para mim mesmo. Pode ser até que elas não façam sentido, mas, enquanto estou metido nessas histórias, elas impedem que eu fique pensando em coisas que prefiro esquecer.” [PA, 2008:8]

que estão no corpo de quem escreve no momento em que se digita na folha em branco da tela do computador.

A escrita, o texto, é um tecido que se tece de múltiplas colagens, pedaços, fragmentos, pormenores. É, dessa forma, uma escritura [RB, 1987, 2003, 2004, 2007, 2010], acontece por a[*in*]cidentes. Uma escritura dá-se quando as palavras não são mais usadas como instrumentos, mas ganham vida. “O escrever é um caso de devir” [GD, 1997:11], sempre inacabado, sempre constituindo-se no processo. O escrever é como um entardecer em que a luz vai deixando rastros, vazando para todos os lados, deixando pegadas, um resto de dia que se transmuta em noite.

Escreve-se para deixar a noite chegar, para o dia amanhecer. Escreve-se para aprender, para errar. Para desaprender. Para vagar na madrugada da existência. Escreve-se para abrir sorrisos e para provocar lágrimas. Escreve-se “para se desintoxicar, sucatear ideias, muitas vezes entrando numa fria e malograr”. Escreve-se para “abandonar o hábito de ser” [PRECIOSA, 2010b:21]. Para fabular. Para lampear novos modos de vida. “Escrever é tornar-se outra coisa que não escritor” [GD, 1997:17].

Escrever para não pensar as mesmas coisas que antes. Para não escrever as mesmas coisas que antes. Escrever para se experimentar e experimentar a vida e o mundo. Para, dessa forma, ter uma escrita atravessada “por uma paixão noturna, livre, desgraçada e inútil que interrompe por um momento, fazendo vazia e insignificante toda a segurança, toda a estabilidade, toda a felicidade e todo o sentido do dia” [LARROSA, 2004:28].

O ato de “escrever tem a ver com a vida”. E não se escreve simplesmente para passar ou dizer alguma coisa: “acho que se escreve porque algo da vida passa em nós”. Escrever é mostrar a vida, é “testemunhar em favor da vida” [GD, 2001]. Escrever é também disparar imagens.

*a[*in*]cidentes* - Jogo entre duas palavras: acidentes – instantes quaisquer que provocam um acontecimento; e incidentes de Barthes [2004], que são os pormenores biografematizados de uma vida.

“Escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é procurar uma saída, encontrar novas possibilidades, novas potências da vida.” [MACHADO, 2010:221]

#

_da pesquisa de uma clínica de uma vida

Esse texto escreve-se num percurso de dois anos no Mestrado em Saúde Coletiva da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Tempo de muitas colagens, recortes, ideias, percalços, pensamentos. Em 06.06.2014, uma escrita, o projeto de qualificação. Desde a escrita inicial, muitos entardeceres foram vividos. Pistas em dialogo foram lançadas, um lampejo de pensamento com os leitores que compuseram a banca de qualificação⁵.

As pistas produziram efeitos no texto e no pesquisar, em um movimento sutil, mas ainda fragmentado, estilizado, como uma colagem de pensamentos diferentes e diversos, mas que o força a funcionar por associações. E na mesma medida, brincar com o que permanece excessivo, compondo escritos no holofote do contemporâneo, por vezes tão poluído, sustentando os sustentados e a singularidade de cada experiência, que retorna, ao revivê-la na escrita, sempre como ficção, na tentativa de transmitir um pensamento corpo e de um corpo pensamento em Saúde Coletiva.

A partir das "migalhas" deixadas à beira do caminho, abriu-se outras possibilidades para realização da pesquisa empírica. A realização da pesquisa dar-se-ia em uma disciplina com alunos

"Quando perguntamos 'que é orientar-se no pensamento', aparece que o pensamento pressupõe ele próprio eixos e orientações segundo as quais se desenvolve, que tem uma geografia antes de ter uma história, que traça dimensões antes de construir sistemas." [GD 2007:130)

⁵ Devaneio 3: A banca do projeto de qualificação foi composta pela Profa. Dra. Leila Domingues, do PPGPSI/UFES (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo); pelo Prof. Dr. Luciano Bedin, do PPGPSI/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e pelo Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim do PPGCOL/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), sendo o trabalho orientado pelo Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico.

de turmas de graduação da Faculdade de Educação, mais especificamente da disciplina de Psicologia da Educação II. E com alunos da Saúde Coletiva, da disciplina de Promoção de Saúde IV, ambas da UFRGS. As disciplinas e o público-alvo foram problematizados pela banca. As perguntas-guia que direcionavam a escrita configuravam com o seguinte texto: Como se ensina, se pensa e se problematiza a vida em cursos de graduação da saúde e da educação? Como percebemos os murmúrios e sussurros da medicalização da vida nos cursos de graduação da saúde coletiva e das licenciaturas em educação? Quais são os pormenores que podemos cartografar através de oficinaulas/ateliês?

A sugestão da banca, grudada nessa pesquisa, foi no sentido de um Projeto de Extensão - mantendo a metodologia e a proposta de Oficinaulas, com os mesmos agenciamentos da proposição anterior - a ser realizado num Curso/Atividade de Extensão pública, aberta e gratuita (a fim de que as pessoas escolhessem participar livremente) e não como um conteúdo das referidas disciplinas. Dessa forma, emerge o Projeto de Extensão intitulado "Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e Saúde"⁶.

Alterou-se assim o público-alvo, de graduandos da UFRGS, do curso de Saúde Coletiva, e dos cursos de licenciatura da Faculdade de Educação, para interessados em participar de uma atividade de extensão, ou seja, aberto à participação de alunos e à comunidade em geral. A partir das pistas deixadas, elaborou-se um projeto de extensão que caminhou em 4 [quatro] encontros agenciados por linguagens artísticas [literatura, cinema, dança, teatro, ...]. Chamou-se esses encontros de Oficinaulas e agenciou os temas a) modos de cuidar e produzir saúde: dos azuis; b) o

"Falar de colagem a respeito do pensamento filosófico significa dizer que o texto considerado é muitas vezes extraído de seu contexto, ou melhor, que os conceitos – considerados como objetos de um encontro, como um aqui e agora, como coisas em estado livre e selvagem – são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independentemente das inter-relações conceituais próprias a que pertencem."
[MACHADO, 2010:30]

⁶ Devaneio 4: Encaminhado como Extensão pelo Departamento/Escola de Educação Física da UFRGS, lotação do orientador desse mestrado, Prof. Dr. Jose Damico, sendo realizado em parceria com o PPGCOL.

que pode um corpo no contemporâneo?; c) de uma vida anônima e passante; e d) de como [res]pingar uma vida.

As perguntas-guia vestiram-se com outra roupagem: **Como se pensa e se problematiza a vida no contemporâneo? Como se percebe os discursos da medicalização da vida nos cotidianos de trabalho e formação? Quais são os pormenores que se pode cartografar através de oficinaulas?**

#

do tema

O tema principal desse trabalho é como uma paisagem pintada de tons alaranjados, como um pôr do sol. Um pôr do sol que tem como fundo o azul anil do céu. Está presente em todos os dias. Faça sol ou faça chuva, faça frio ou calor. Às vezes, chega antes e, por outras demora-se a chegar. Não se tem como interromper a jornada cotidiana do sol. Ele nasce. Ele se põe. A medicalização da vida é a paisagem de fundo, é o pôr do sol, faz-se presente de muitas maneiras diferentes nos cotidianos, não está apenas na intervenção médica diretiva nas subjetividades, mas ganha outras formas no contemporâneo. Está nos modos de vida que passam despercebidos, na forma de falar, de operar a política, na forma de escrever, no que se **judicializa**, **farmacolariza**, **escolariza**, **academiza**, está enraizada nos modos de viver. Está na produção de perigos e nos medos advindos,

“A tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis.” [GD, 2007:62]

que impedem os encontros. Está na construção do espaço público, no controle do que se come, do que se bebe, enfim, que subjetiva a ponto de modificar a vida, criando nomes e palavras, hiperotimizando a produção de eus modificando as potências.

Esse tema carrega consigo uma complexidade, pois não se fala, aqui, da medicalização ligada ao uso estrito de medicamentos, controlados ou não, ou de um recorte específico, como a medicalização de crianças na escola ou o uso de fármacos em adultos a partir de diagnósticos como a depressão. Fala-se aqui da medicalização como um dispositivo⁷, como um governo das vidas, uma biopolítica.

Colore-se o tema principal, a medicalização da vida, com uma outra camada. Desdobra-se em linhas finas o pensamento imagético, ou seja, ao pensar a medicalização da vida no contemporâneo - como percebemos/olhamos/enxergamos/vemos os discursos [as imagens] da medicalização da vida nos cotidianos de trabalho e formação? - pinta-se a possibilidade de pensar as imagens do pensamento na/em saúde coletiva.

“Não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças” [GD, 2007:62], de traduzir imagens criando outras imagens. A medicalização da vida é uma força invisível que exerce poder sobre os corpos, individuais e coletivos, causando-lhes sensações que [des]potencializam os modos de viver. “A força tem uma relação estreita com a sensação: é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, ou seja, sobre um ponto da onda, para que haja sensação” [GD, 2007:62]. Essas sensações são “devires sensíveis” que agem sobre os corpos. Pensa-se assim em capturar

"É necessário inserir na razão científica em saúde uma visão ampliada dos campos de saber científico e tecnológico aplicados e o respeito à pluralidade metodológica, possibilitando a utilização de diferentes abordagens de pesquisa, incluindo as de natureza qualitativa e de ciências humanas, além de componentes participativos, onde pesquisador(es) e pesquisado(s) compõem estratégias formativas individuais, coletivas e institucionais." [CECCIM; MÜLLHER; MAIA; CATALUÑA, 2014]

⁷ Devaneio 5: Pode-se pensar o dispositivo como a criação de uma condição de novidade e criatividade, de produção de subjetivação e protagonismo, de novas formas de produção do sujeito, de conexão e agenciamento de relações e conhecimento, “todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar” [GD, 1996:4]. Para Agamben [2005] dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

linhas de força que [des]potencializam a vida, rompendo com a diminuição dos devires sensíveis.

Lança-se, dessa forma, uma questão: onde está o que [nos] medicaliza? Ao capturar-se imgeticamente as forças da medicalização, essa questão mostra-se importante para inquietar o pensamento. Essa pergunta continuará voltando, e como um fracasso, sem resposta. Tenta-se desdobrar restos e rastros sobre as imagens do pensamento em saúde coletiva, como possibilidades de pensamento, ou exercício do pensar.

A medicalização da vida é o que motiva a escrita a acontecer, o problema, a estranha inquietação. Na paisagem do quadro, encontra-se outras linhas de força, ou ideias força, como a Clínica de Uma Vida e as Oficinaulas como dispositivos de potencialização.

#

da metodologia⁸

Cria-se a partir de encontros-em-roubo de Walter Benjamin [WB], Georges Didi-Huberman [GDH], Giorgio Agamben [GA], Michel Foucault [MF], Gilles Deleuze [GD], Waly Salomão [WS], Roland Barthes [RB], Paul Auster [PA], e outros tantos mais que a memória não singulariza, mas que já se misturam em cada frase e sustentam esta pesquisa como cartográfica: “toda questão é de saber o que queremos fazer com um conceito seja ele qual for, até onde se quer torná-lo operatório” [GDH, 2011:94].

"Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (fenômeno humano, biológico ou até mesmo físico) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime." [GD, 1976:3]

⁸ Devaneio 6: O trajeto metodológico das oficinaulas será descrito com mais fôlego capítulo 5.

Essa pesquisa inscreve-se na perspectiva teórica da Filosofia da Diferença, tendo como principal interlocutor GD. Entende-se que esses campos oferecem ferramentas conceituais que permitem visibilizar e problematizar as dinâmicas de saber e poder envolvidas nos processos acionados pelas instituições que controlam as vidas. Busca-se entender, com essas linhas teóricas, as forças visíveis e invisíveis que [des]potencializam o pensamento e os modos de viver.

A pesquisa, ao operar conceitos e ideias, ao acoplar saberes formais e saberes de experiência, é, ainda, "um exercício de acoplamento das perguntas de pesquisa e questões de si, dos encontros e do mundo (um processo de formação: educativo, de subjetivação e de composição de saberes)" [CECCIM; MÜLLHER; MAIA; CATALUÑA, 2014]. Dessa forma, é pesquisar imbuído de afeto; deixar que o texto ganhe recortes e Bricolagens; é Briografar; Cartografar; Clinicar; Coletivizar; Cuidar; Devir; Entrevistar; Escrever; Escutar; Fotografar; Guaguejar; Inventar; Ler; Oficinar; Outrar; Pensar; Virtualizar/Atualizar; Zerar [FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012].

Entende-se que a pesquisa é composta de acontecimentos e de possíveis, sendo possível a tradução em diferentes modos: Pesquisa da Noologia; da Besteira; em Fuga; pesquisa Problema; Gaia; Saara; Arte; Atenção; Mapa; Agenciamento; Impessoal; Energia [CORAZZA; TADEU; ZORDAN, 2004]. Cria-se jeitos e formas de se pesquisar. Inventam-se modos, formas e métodos, nos quais o problema a ser resolvido brota pelo meio, gerando novos problemas e novas perguntas, como se pintássemos "nas paredes ziguezagues de perguntas. De respostas. De movimentos de afetos" onde "rizomatizamos nossas andanças" [MEDEIROS; RODRIGUES, 2013:45].

Sendo assim, uma metodologia de pesquisa é sempre invenção, sempre criação de um fazer, ou seja, pedagógica, "pesquisa como invenção em vez de prescrição" [ZANELLA, 2013:21]. Esse processo de pesquisa fez-se com experimentação, com [re]escrita e [re]leitura, utilizando o cartografia como intercessor metodológico. Dessa forma, rompe-se com uma forma de escrita de

"O ato de cartografar pode vir a promover, em um só movimento, a invenção tanto de um mundo quanto de um sujeito, uma vez que, ao analisar as formas que habitam o contemporâneo, os seus limites e fronteiras, rebata-as em si mesmas, atçando-as para provocar o seu plano de alterização e criação." [FONSECA; KIRST, 2004:305]

vida biografada. Em uma biografia, o que se torna importante são os momentos importantes, de maior destaque, do sujeito biografado. Na cartografia, escreve-se a vida com uma lupa, olhando os pequenos acontecimentos, os pormenores de vida, os instantes quaisquer. Volta-se para a potência dos detalhes, do [por]menor, é como um punctum, uma pequena “picada, pequeno orifício, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados” [RB, 2010:35].

Operar com esse intercessor metodológico é trabalhar com os pormenores de vida n[d]o cotidiano da saúde e da educação, nos a[in]cidentes do pensar e no trabalho vivo em ato [MERHY, 2002], “trata-se de um verdadeiro procedimento de invenção, pelo qual a vida é aquilo que deve ser escrita, e não algo com o qual a escrita deva buscar alguma adequação” [COSTA, 2012:54]. É um modo de ler, de escrever, de falar, de desenhar, pintar, cartografar, riscar, rasurar uma vida. É uma forma de tentar escrever os pormenores numa variação, numa tradução, misturando leitura, escrita e vida. Implica disparar movimentos de pensamento, “o que significa escrever os detalhes de uma vida, as raridades que passam despercebidas ou que ainda não foram significadas e partilhadas” [DALAROSA, 2011:21].

Utilizar, dessa forma, a cartografia como intercessor metodológico é deixar vibrar os acontecimentos, é pesquisar o cotidiano em saúde mergulhando-se nos processos que afetam a formação e as experiências que constituem o fazer pesquisa “como investigação-ação e como aprendizagem em ato de pensamento provocado pela participação, por isso a pesquisa da realidade em saúde como pesquisa-formação” [CECCIM; MÜLLHER; MAIA; CATALUÑA, 2014].

-19 pm

Sr. W olha para a organização que fizera na parte da manhã e da tarde. Está tudo preparado. As anotações estão em um lado, perto dos livros a ser usados. As imagens estão no centro, perto dos 10 quadros pretos enfileirados um atrás do outro. Sr. W passou dois anos pesquisando e organizando todo o material para esse dia. É o dia em que irá, enfim, montar e colar as imagens. Foram dois anos dentro de velhos livros, antigas imagens, vários cadernos de anotações e pensamentos, de vasculhar na internet. De leituras, desleituras. Conversas, imagens encontradas e pensadas que, em algumas vezes, o levaram a bifurcar seu caminho, nesses setecentos e trinta dias. Olha para o material novamente. Seus pequenos cadernos são enumerados por número, desde o número 1 até o número 12, o que ele carrega no bolso no momento. O caderno número 7 é onde se encontra a estrutura de sua pesquisa. Olha as anotações: '100 fotos. 100 anos. 100 fatos. 100 acontecimentos. 100 histórias recontadas a partir de imagens. 100 palavras não ditas'. O trabalho que ocupou Sr. Warburg nesses dois anos foi o de coletar imagens-acontecimentos. Chegou a hora de montá-las e finalizar essa história imagética. Ele pega o caderno de número 3 e começa a ler uma das anotações 'Como contar 100 anos de história através de imagens? Como escolher um acontecimento por ano? Mas contar o quê?'. Em outra folha, lê: 'Hoje em conversa com Georges, pensei que talvez pudesse catalogar 100 imagens que digam de um acontecimento específico, buscar

imagens de um processo histórico e social. Georges me perguntou o que me inquietava, o que não estava na superfície do meu olhar. Demorei a responder a essa pergunta. E não respondi'. Sr. W olha para o centro, onde as imagens estão todas juntas e fala baixinho consigo mesmo 'Reuni 300 imagens sobre medicalização da vida'. Caminha até o canto, onde encontra-se sua velha vitrola, escolhe o disco de Blind Willie Johnson e o coloca para tocar. Senta perto das imagens, puxa os caderninhos e anotações sobre as imagens: 'vamos lá, preciso separar, escolher, de 300 imagens, apenas 100, e agrupar essas 100 em 10 blocos de 10 imagens, cada bloco imagético irá acompanhar 10 anos. 10 blocos, 100 anos'. Em algum lugar um relógio badala sete horas. Lá fora, o azul toma conta da noite.

#

das várias imagens em uma pesquisa {da noite do nosso olhar}

No projeto de qualificação, anterior a esse escrito, perpassava uma imagem: o pingo azul. Esse pingo azul, derrubado por acidente em uma folha branca, deixava uma marca e, ao mesmo tempo, respingava agenciamentos para todos os cantos, manchando um espaço e um plano de imanência. Ao longo do percurso de escrita o pingo transformou-se, transmutou-se em um vaziar e em um escoar. Existe uma força nesse pingo azul, uma potência minúscula que inquieta. Mas que força é essa?

Esse pingo, dependendo da intensidade, alcança outros devires. Por exemplo: a imagem de um cano com um pequeno furo⁹. A água vai vazando aos poucos, encharcando a superfície ao redor. Esse pequeno vazamento acumula água em sua volta, que lentamente vai escoando para outros espaços. Esse cano leva a água a um determinado lugar e com esse pequeno furo acontece um desvio, a água sutilmente é desviada. Se o fluxo de água for intenso demais, o vazamento atingirá outras regiões, que não são o destino final para onde essa água é levada. Se aumentar a intensidade de força, de pressão dessa água, esse escoar, esse vaziar será um jorrar, e um dos possíveis finais desse pequeno furo poderá vir a ser um estourar do cano.

O mesmo acontece com o azul. Sua cor é sutil, lembra um horizonte calmo, um céu límpido, um mar tranquilo. Mas apenas vemos sua superfície, sua opacidade (tudo-aquilo-que-não-se-pode-ver-ou-entender [FRAIA, 2013:52]). Quais os perigos existentes nesse mar? Essas nuvens tranquilas

"Na interação da Onda Onetti com A Linguagem de Juan Carlos Onetti (turva, descontínua, não linear), a busca por respostas, salvação e esclarecimento acaba por nos conduzir a uma escuridão ainda maior – Faulkner, irmão mais velho de Onetti, dizia que a pequena chama acesa no meio da noite escura serve apenas para que percebamos a magnitude da escuridão ao nosso redor. Aqui, podemos pensar em nosso mundo, um mundo de naufrágios e sonhos mortos, onde a visibilidade, na maior parte do tempo, para muitos de nós, é violentamente baixa. Como dar forma a esse mundo? Quanto podemos conhecer de alguém e de nós mesmos? Como mergulhar na água turva (cada dia aís turva e saturada) e comunicar esse estado?" [FRAIA, 2013:53]

⁹ Devaneio 8: Pode-se pensar essa imagem do cano como uma das possíveis imagem da medicalização.

não podem transformar-se em uma tempestade? Esse horizonte não pode ser um distante que nunca chega? Nessas imagens pulsa uma potência que pode ser direcionada de acordo com suas intensidades.

Para essa escrita, transmuta-se, traduz-se a imagem do pingo azul que cai sobre uma folha branca. Acrescenta-se a ele mais cor, a intensidade muda, aproxima-se de um azul noite. Salpica-se minúsculos pingos de tinta branca, vaga-lumes e estrelas brotam. Rabisca-se o contorno de uma pessoa a olhar para essa noite. Cria-se um desenho¹⁰. Entramos na noite. Numa opaca noite.

Essa opacidade é um não ver, quando nenhuma proximidade permite decifrar além da incerteza que consome os pensamentos, quando não é possível chegar a respostas satisfatórias. Pensa-se nessa opacidade como um nevoeiro, onde as nuvens alcançam os olhos impedindo o caminhar. Não se enxerga um palmo à frente. Pensa-se na imagem de uma noite com nevoeiro. É inevitável que não possa-se ver o que está a frente. Há pontos cegos, riscos, distorções. Apenas se consegue enxergar que não se pode enxergar [FRAIA, 2013:53-54].

GDH [2013:121] nos lembrará que é necessário, às vezes, esconder para ver e, quem sabe, nesse processo de não ver, esquecer. Esquecer para lembrar. Lembrar para imaginar. Imaginar para fabular. Fabular para pensar em outros possíveis. O que não se enxerga faz parte do olhar, ou seja, “nunca podemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas”, apesar do que medicaliza nossa existência, e do não saber como nomear isso, apesar da noite que acolhe os olhos, do nevoeiro que abraça o corpo, “convém saber olhar como um arqueólogo. É através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as

"Meu cachorro azul não tinha nome. Nada que eu gosto tem nome. Tudo o que é perigoso tem nome. O nome não é dado a alguém para diferenciá-lo. O nome é dado para você se igualar ou ser diferenciado dos outros. Tudo que tenho é meu cachorro azul. O cachorro azul é da cor do Haldol." [LEÃO. 2010:19]

¹⁰ Devaneio 9: Por gentileza observe novamente a capa desse trabalho.

coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados” [GDH, 2013:127].

A imagem, nessa pesquisa, é a noite. Como figura de linguagem. Como metáfora. Como tempo, turno em que a escrita é possível. Como um desafio ao olhar. Como uma coragem necessária para enfrentar o medo do obscuro, do não saber, do que não se consegue olhar. Deixar então que a noite nos olhe, que o nevoeiro molhe o corpo, que as pequenas luzes pontilhem um traçado possível.

Pois, na noite, “nem o olhar, nem o desejo cessam”, mas são capazes de encontrar “lampejos inesperados” em um processo de experiência em que o sujeito é um expectador cujos olhos procuram o foco das pequenas luzes que a experiência proporciona: “não acaba se a noite cai. O que se encontra, então, na escuridão profunda é um áspero desejo de ver” [GDH, 2011:144-145].

#

3_de cocos de espelho

_22 pm



Sr. Warburg está inquieto nos últimos minutos. No corpo, sinais de incômodo, a dor começa em partes específicas, nas costas e pernas. Muito tempo sentado. Faz três horas que está trabalhando sem parar. 'Mereço um intervalo', pensa consigo mesmo. Sr. W levanta-se de sua poltrona. No chão estão as imagens separadas em dois montes, as que serão usadas, 100 imagens, e outras que nesse momento não entram na composição dos pensamentos. 3 quadros estão montados em pé, como uma tela de pintura. Nesses quadros, imagens estão dispostas, afixadas com um pequeno alfinete. Sr. W, ao levantar, fica encarando as telas prontas. As mãos fazem massagem na lombar. Os olhos captam as histórias não ditas naquelas imagens. Ao separar as imagens, Sr. W pensou que seria mais fácil fazer a composição, a montagem que se encontra à sua frente. Separá-las foi teoricamente fácil. Atrás de cada imagem havia uma anotação: o ano e a situação, o acontecimento a que aquela figura se referia. Difícil foi quando percebeu que não tinha exatamente 10 imagens por década, ou uma para cada ano. Dessa forma, teve que

DE JUNHO DE 1939



organizar as imagens em blocos que contassem a década apenas, e não uma imagem a cada ano. No primeiro quadro encontram-se 7 imagens, no segundo, 8 imagens e no terceiro, 11 imagens. 30 anos já estão compostos, montados. De 1925 a 1945. Sr. W pega o caderninho de anotações com o número 6 na frente, passa as páginas lentamente, à procura de uma anotação: 'Ao observar as imagens, todas elas contêm palavras, mostram-se como um problema. Como contar os últimos 100 anos imagetivamente sobre a medicalização sem usar palavras, se a maioria das imagens vinculam palavras? Seriam frases-imagem?'. Fecha seu caderno de anotações e olha novamente para os painéis prontos. Poucas dessas imagens foram tiradas no Brasil. Entre as imagens em preto e branco à sua frente, algumas destacam-se. São fragmentos de uma história. Cascas de um acontecimento. Observa algumas imagens¹¹, duas no painel que vai de 1924 a 1929. Uma imagem mostra uma pomba com raios saindo dela em todas as direções, em cima o nome do medicamento 'xarope divino', ao lado palavras escritas com nomes de doenças e, logo abaixo, o dizer: 'não há remédio igual'. A outra imagem mostra três mulheres, ao redor uma iluminação, próxima ao "divino", ao milagre, da imagem anterior. Uma propaganda de dois remédios ao mesmo tempo, um xarope e um sabão. Produtos mostrados como milagrosos no combate aos sintomas e doenças. Em outro painel, uma imagem composta de palavras, datada de 1939. Na imagem, uma mulher vestida com uma blusa preta, realçando os seios, com os dizeres: 'Magros de nascença podem agora obter 2kg numa semana'. Não aparece o nome do produto, apenas a frase. Durante a



¹¹ Devaneio 10: Imagens 2 a 5 retiradas da internet dos seguintes endereços, Imagem 2 - Xarope Divino e Imagem 4 - Anúncio dos produtos Tayuya, sabão Aristolino e xarope Grindelia - http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/publicidades-antigas-do-brasil.html, Imagem 3 - Anúncio de 1939 - <http://tokdehistoria.com.br/tag/anuncios/>, Imagem 5 - Geniol - <http://www.amenidadesdodesign.com.br/2014/03/a-cabeca-de-geniol-quando-publicidade.html>.

pesquisa das imagens sobre medicalização, Sr. W achou muitas referindo-se a medicamentos e remédios. Algumas, como essa última, mostrando uma outra forma de subjetivação. Em seu arquivo chegou a organizar imagens de várias décadas sobre o mesmo remédio ou medicamento. É o caso da imagem no terceiro painel, um clássico da propaganda farmacêutica da Argentina. A imagem mostra a caricatura de uma pessoa sorrindo, na cabeça muitos pregos, anzóis, alfinetes. O efeito milagroso do 'Geniol' acaba eliminando a dor de cabeça. 'Como gostaria de um genial agora', larga Sr. W, observando a careca sorridente. Estica o corpo,. Caminha mais um pouco pela biblioteca. Coloca lenha na lareira. Olha o monte de imagens no chão e volta a sentar em sua poltrona.

#

"Pelo termo frase-imagem entendo a união de duas funções esteticamente por definir, isto é, pela maneira como desfazem a relação representativa da imagem pelo texto. No esquema representativo, a parte do texto era a do encadeamento ideal das ações, a parte da imagem era a do suplemento de presença que lhe dá carne e consistência. A frase-imagem derruba esta lógica. No seu seio, a função-frase é sempre a do encadeamento. Mas, doravante, a frase desencadeia-se, tanto que é ela que dá carne. E esta carne ou esta consistência é, paradoxalmente, a da grande passividade das coisas sem razão." [RANCIÈRE, 2012:65]

#

conceito {ou das palavras vaga-lumes}

A filosofia sempre se ocupou de conceitos, fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência. [GD, 2010:37]

O conceito é uma multiplicidade, não é algo simples e é carregado de uma história, de um processo de pensamento e criação anterior ao pensado agora. É um emaranhado de vozes, de palavras, de sons, de imagens, de cores. Para tentar entender essa multiplicidade, são necessárias aproximações, recortes, colagens com outros domínios de pensamento. Como lembra Deleuze, “fazer filosofia é tentar inventar, criar conceitos”.

É uma ação de pensamento, criando acontecimentos, instantes quaisquer que se ligam a outros instantes, formando uma rede invisível de agenciamentos que possibilitam, em algumas vezes, um conceito. No pensamento deleuziano, os conceitos são engrenagens, não de reflexão, mas sim de criação e de produção do novo: “se Deleuze defende que a filosofia não é contemplação, reflexão, comunicação, é porque a considera criação, e criação singular, ou melhor criação de conceitos singulares” [MACHADO, 2010:15].

“Enquanto não achamos o conceito que só convenha ao próprio objeto, 'o conceito único', contentamo-nos com explicar o objeto por meio de vários conceitos, de ideias gerais 'das quais se supõe que ele participe': o que escapa, então, é que o objeto seja antes que um outro do mesmo gênero, e que neste gênero haja mais proporções antes que outras.” [GD, 2012:125-126]

No processo de escrita deste texto de dissertação, trabalha-se com alguns conceitos que se fazem necessários para conectar e compor com outras ideias_termos_palavras, dado que o conceito é “um todo fragmentado, uma totalidade fragmentária” [MACHADO, 2010:16], ou seja, uma multiplicidade. Faz-se necessária uma articulação de vários elementos diferentes, de palavras e verbos que se agrupam em “zonas de vizinhança”, compondo um corpus teórico possível.

A pretensão, aqui, não é de uma criação absolutamente singular, mas sim de produzir um exercício de pensamento a partir de determinados conceitos. E este exercício é um resto, uma [c]asca, é o próprio inacabamento do pensar. De fato, se fracassa. Mas, no fracasso, tenta-se. Nas tentativas inventa-se outros mundos. Traça-se aqui conceitos_termos_ideias_palavras que ligam o pensamento para a criação de uma ideia força que impulsiona a escrita desse trabalho. Fragmenta-se cada termo. Isola-se cada um deles para entendê-los melhor. Depois, junta-se. Cola-se. Monta-se o pensando em uma ideia força a respeito do que seria uma Clínica de Uma Vida, como resultado de uma investigação inacabada.

Desse modo, dá-se um pensar em conceitos_termos_ideias_palavras como uma ferramenta, ou melhor, um fragmento de um espelho quebrado que reflete, nos seus pequenos pedaços, partes de uma imagem que não se compõe da mesma forma quando colada novamente. Traz-se assim pequenos reflexos, pequenos conceitos, pequenas imagens que ajudam “a olhar, depois o olhar me ajuda, reciprocamente, a criticar, a modificar, a fazer bifurcar o conceito” [GDH, 2006].

Conceitos, aí, são como palavras vaga-lumes, que lampejam “para fazer livremente aparecerem palavras quando as palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída” [GDH, 2011:130]. Captura-se o olhar em um pequeno fragmento quebrado, solto no chão, que bifurca e potencializa o pensamento.

“Mesmo quando fracassam, as comunidades utópicas transformam radicalmente as pessoas e as percepções.” [JACOBY, 2007:30]

#

_medicalização

Fala-se de Medicalização. De Patologização. Farmacologização. Judicialização. Subjetivação. Da Vida. Da Sociedade. Da Existência. Essas imagens de representação de mundo indicam, em seus fragmentos, a ideia da captura de existências. Esta pode ser pensada como o que esgota, [des]pontencializa e domina a vida. Como um dispositivo que se legitimou como fenômeno coletivo, uma biopolítica, que opera como analisador de um processo em disputa pela existência de um dado modo de vida e do que movimenta a produção dos eus no contemporâneo. “Se quisermos uma metáfora: a medicalização é apenas a ponta do fio de um novelo mais emaranhado. Tal colocação é importante precisamente porque não está em questão exatamente se a medicalização é um processo bom ou ruim” [SANTOS, 2014:33].

O conceito de medicalização vem sendo estudado em diferentes esferas e vertentes. A ideia força “medicalização” surgiu no final dos anos 1960 para referir-se “à crescente apropriação dos modos de vida do homem pela medicina” [GAUDENZI; ORTEGA, 2012:22]. No início dos anos 1970, em seu livro *Nêmesis da Medicina*, Ivan Illich lança uma forte crítica ao modelo adotado pela medicina moderna, comentando que a medicalização ocorre a partir de um “imperialismo médico”, de uma industrialização, de uma profissionalização que leva à burocratização da medicina

[GAUDENZI; ORTEGA, 2012:26], descrevendo essa tomada da vida em uma dimensão individual, social e política.

Foucault, em 1974¹², comentando o trabalho de Illich, traz a problemática do funcionamento das “instituições do saber e do poder médicos”. A palavra proferida, transformada em texto e recortada aqui, diz que, “a partir do momento em que se consegue anestesiá-las as pessoas”, provocando um desaparecimento das barreiras que criam o sofrimento, “se pode proceder a qualquer operação” [2010:177]. A medicalização emerge quando o saber médico anestesia a vida, quando a potência de vida é subtraída¹³, ou seja, o “fenômeno da vida entra no campo de ação da intervenção médica ... Com frequência bem maior, a medicina se impõe ao indivíduo, doente ou não, como ato de autoridade” [MF, 2010:178 -180].

A vida que foge, que escapa, que desvia, que não entra na mesma ordem, é normatizada pelo saber médico, no que tange os atos de medicalização da vida, normatiza. Foucault continua, nessa conferência, dizendo que, “de modo mais geral, pode-se afirmar que a saúde se converteu em um objeto de intervenção médica. Tudo o que garante a saúde do indivíduo, seja a salubridade da água, as condições de moradia ou o regime urbanístico, é hoje um campo de intervenção médica que, conseqüentemente, já não está vinculado exclusivamente às doenças” [MF, 2010:181].

As formas de governo, de medicalização no contemporâneo continuam a explorar outros campos, vestem outras roupagens, produzem outras imagens, não estão apenas na saúde, mas nos espaços onde a vida se produz, como as instituições de ensino, os espaços de trabalho e

¹² Em uma conferência no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual UERJ.

¹³ Devaneio 11: A medicalização traz presente duas questões referentes a potencialização da vida, um que diminui, que captura as forças de viver deixando os corpos anestesiados e outra que otimiza a vida, potencializando as performances do corpo. Por vezes o que diminui pode potencializar, e o mesmo acontece com o que otimiza, que pode diminuir. É sempre um jogo duplo de forças, onde o sujeito que está no meio tem que mediar essas capturas, se perder a estabilidade para um dos lados, pode vir a perder o governo da vida.

de lazer. Cabe lembrar que a medicalização não é realizada apenas pela medicina, mas por todos os campos que atuam com a vida, e “que mesmo sem saber, empregam o método clínico” [MOYSES; COLLARES, 2007:165-166]. Onde existe vida, existe possibilidade de captura.

Autores como Nicolas Rose e Maria Aparecida Moysés problematizam os saberes da ciência médica hoje, apontando a capitalização da medicina e os grandes investimentos da indústria farmacêutica como dispositivos de produção, controle, gerenciamento, medicalização de corpos e mentes, ou seja, um dispositivo de controle dirigido às formas de vida da população [DAMICO, 2013].

A medicalização pode transformar o simples, o cotidiano, o banal da vida em patologia. O que é normal é transformado em fora da norma, para depois ser normalizado novamente e, por fim, ser curado, regulamentando a vida, “o controle de seus acidentes, de suas eventualidades, de suas deficiências, ou melhor, de uma partição constante entre o que deve viver e o que pode morrer, entre o que é vida e o que é perigo, o que ameaça a vida” [MACHADO; LAVRADOR, 2010:128].

Em alguns casos, a autonomia dos sujeitos é tirada, autonomia de se vestir, de andar, de falar, de se manifestar, de amar, do que gostar. Reduz-se a vida, e as possibilidades de criação de vida, em corpos que não aguentam mais. Pode-se dizer que praticamente todos os modos de vida, “dentro” ou “fora” da norma, podem estar sujeitados às formas medicalizantes. “A normalização da vida tem por corolário a transformação dos problemas da vida em doenças, em distúrbios. O que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria tudo é transformado em doença, em problema individual” [MOYSÉS; COLARES, 2007:4].

Esse pedaço de espelho nos mostra a imagem de uma medicalização como captura dos modos de viver, como o que cristaliza, endurece, enrijece, amortiza, rouba os verbos da vida, a potência, silencia uma possibilidade de vida existente, privatiza a vida. É uma linha de força invisível

que se emaranha em todas as instituições, como captura do desejo e das potências. Como capturar essa imagem? Como deixá-la mais nítida para o entendimento?

#

clínica{s}

Pensa-se que, ao falar de Clínica, não existe um único jeito de clinicar ou de fazer clínica ou uma clínica (no singular). Assim como o conceito, a clínica é uma multiplicidade. A palavra Clínica, etimologicamente, tem derivação de duas línguas diferentes, do grego *kliniké/és* e do latim *cliníce/e*. São palavras com sentidos diferentes. O termo que deriva do grego, *kliniké/és*, faz referência àquele que se dobra, que concerne, se inclina ao leito, e refere-se também a repouso. Kiné significa cama, “o que esclarece a forte herança médica da qual, por certo, a concepção atual da Clínica mantém-se refém” [PAULON, 2004:267].

No latim *cliníce/e* significa 'medicina racional (oposta à empírica)'. Passos e Barros [2001], Paulon [2004] e Lima [2014] trazem um outro sentido para esse *cliníce/e*, dizendo que a palavra varia como *Klinamem* (ou *clinamen*), referindo ao seu significado como inclinação, mas também como desvio. Paulon [2004:267] irá dizer que “a outra vertente etimológica provém de *Klinos*, e *Klinamem*, que, em seu significado de inclinação e desvio, abre outras possibilidades para a concepção da Clínica incluir a potência de intercessão”.

{sobre a saúde}

Assim como os conceitos não dão conta da vida, as prescrições, as tentativas de medicalização da vida, de afirmação de uma saúde que é doença, que é sofrimento, também não dão conta da vida. Pois ela sempre escapa, sempre vaza, não se deixa prender ou anestesiá-la. A saúde não e normalidade, é produzir novas normas de vida, como diriam Canguilhem e Foucault, dar um outro sentido, colar outros elementos nesse desenho de vida, inventar outras cores, ter a vida em atividade, em movimento, em criação de si.

Passos e Barros [2001:90] dirão que, “mais do que essa atitude de acolhimento de quem demanda tratamento, entendemos o ato clínico como a produção de um desvio (*clinamen*), na acepção que dá a essa palavra a filosofia atomista de Epicuro (1965). Esse conceito da filosofia grega designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude de seu peso e de sua velocidade, se chocarem articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz”, ao menos nessa perspectiva.

Por sua vez, Silva [2014:62] dirá que “denominamos clínicas como um dispositivo inspirado em Baremlitt, (2012) que prevê uma clínica como proveniente de *clinamen* ou 'desvio', sendo destacável, especialmente, que a finalidade dos procedimentos consiste em fazê-las proliferar e conceber outras sempre singulares e performáticas formas de existir”.

Os três fragmentos desses autores, diferentes mas próximos, apontam para uma clínica que pode ser mais do que inclinar-se sobre o leito. Dessa forma, pensa-se em uma clínica que se faz no desvio, assim como esses autores, em uma clínica que cria outras possibilidades de se fazer a todo momento, rompendo com o inclinar-se e produzindo afetos. A Clínica coloca-se em um, ou como um, espaço a ser construído. E nesse não lugar [*a-topos*] se faz com o outro, pois a “palavra clínica nos inscreve, de imediato, no exercício da experiência com o outro. A clínica nos remete a um olhar para um outro” [PASSOS; BARROS, 2006].

Olhar para o outro, em um desvio que sai da beirada do leito e produz um lugar [um não lugar] através do que nos afeta. Potencializar afetos é aumentar as forças de agir e de existir, produzindo uma variação, um desvio, proporcionado pelos encontros, ou seja, “o afeto é uma variação contínua de instantes quaisquer, de a[*in*]cidentes, de nossa força de existir, de nossa potência de agir” [RODRIGUES; CORREA, 2014].

A saúde, escrita aqui nesse trabalho, é entendida, como possibilidade de escoar e produzir vida, pormenores que vão potencializar novos modos de ser e de viver. A saúde se diferencia dos serviços que oferecem saúde. “A saúde se amplia, cria sempre novas normatividades. O serviço se transforma, produz redes, reconfigura territórios, mas nunca poderá conter a saúde. A saúde ou, como preferimos nomear, a potência de vida, ultrapassa as redes de serviços” [LAVRADO R; MACADO, 2009:517].

Pensando com Spinoza e Deleuze, os afetos produzidos nos encontros geram paixões alegres ou tristes, o que aumenta ou diminui nossa potência de existir e agir. Monique Davida-Ménard [2014:39] coloca uma pergunta interessante sobre a produção das paixões alegres e tristes. Diz ela que “Spinoza escreveu que uma paixão triste, quando é concebida de maneira adequada, não é mais uma paixão triste, mas uma alegria, uma vez que é um verdadeiro pensamento, uma afirmação.” E continua, colocando que Spinoza evitava uma pergunta: “o que fazer com as paixões tristes?”.

Pode-se pensar que, no encontro com a medicalização, a clínica, em alguns casos, potencializa a vida [paixões alegres], como também pode diminuir [paixões tristes]. Pensa-se em uma clínica que potencializa os modos de afetar e ser afetado, por meio da escuta, da palavra, do encontro, do gesto, dos corpos, onde a escuta e o olhar “não procuram mais aquilo que se repete, mas exatamente o que escapa, o que difere e transborda” [COSTA; MOEHLECHE; FONSECA, 2004:303].

Trata-se da clínica como uma tecnologia leve em saúde [MERHY, 2002] que inventa, que cria, nos seus desvios e em [não] lugares, novas formas de existir, de estar no mundo, produtora de vida. “Seria o que Foucault fala sobre o exercício de si sobre si mesmo, sobre o qual tentamos nos transformar e ultrapassar certos modos de ser” [COSTA; MOEHLECHE; FONSECA, 2004:303] e levando em consideração o “modo de existência do sujeito” [BERLINK; FÉDIDA, 2000].

Por fim, pensa-se em clínica como um espaço, um lugar, mas também como um não lugar, não espaço, onde os sujeitos podem produzir modos de existência nos encontros com os outros. Com as palavras. Com os objetos. Com a música. Com a literatura. Com a dança. Com a arte. Com o cinema. Nos mais variados estilhaços do mundo contemporâneo em que vivemos. Cabe pensar se

esses encontros produzem vida [paixões alegre] ou diminuem nossa vontade de potência [paixões tristes], e perguntar-se: o que fazer com o que diminui a vida?

#

—vida {ou da vontade de potência}

É difícil definir, no discurso escrito e falado, o que é vida. A vida está em toda parte. Em todos os momentos. Nenhum conceito pode dar conta de dizer da vida, da experiência da vida, do vivido. Pode-se, entretanto, realizar recortes para as colagens, pois a vida, uma vida são fios de multiplicidades, “o que caracteriza o conceito da vida é, sobretudo, o fato de que, como todo conceito, ultrapassa as fronteiras da ciência” [PORTOCARRERO, 2009:80].

Tenta-se, aqui, com esse pedaço de espelho quebrado, aproximar vida, potência e vontade. Para disparar o pensamento começa-se com algo simples. A vida pelo dicionário.

Vida é um substantivo feminino. A etimologia provém do latim *vīta,ae*, sendo definida por existência e vida. No português, tem-se algumas definições, sendo elas: 1) modo de viver, um conjunto de hábitos; 2) propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte; 3) período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; 4) conjunto de seres vivos classificados do ponto de vista da espécie, do meio ambiente, da época; 5)

"Vida é um daqueles conceitos rodeados por obviedades e clichês. Está presente em todos os lados, nas conversas cotidianas, nos discursos científicos, nos espetáculos da mídia, nas igrejas dos mais variados credos, nas propagandas políticas de direita e esquerda, mas poucos são os que discutem sua sacralidade, sua centralidade. A potência de uma nação corresponde à vida da população: medida por meio de taxas de natalidade, mortalidade, longevidade, qualidade... As escolas de vanguarda "educam para a vida": ensinam informática, inglês, filosofia... Em nome da vida, são criadas e usurpadas forças, reivindicados e declarados direitos, instituídos e modificados costumes, erigidas e destruídas cidades. Em nome dela, morre-se e mata-se. E, no entanto, ela – a vida – segue pouco questionada. Fundamento e fim da arte de governar: um verdadeiro dogma político." [MERÇON, 2010:88]

motivação que anima a existência de um ser vivo, que lhe dá entusiasmo ou prazer, alma, espírito; 6) conjunto dos acontecimentos mais relevantes na existência de uma pessoa, biografia; 7) meio de subsistência ou sustento necessário para manter a vida; 8) conjunto de atividades humanas que caracterizam um grupo social, uma época, um lugar.

Para os gregos, a palavra vida era expressa em dois termos, distintos semântica e morfologicamente. O primeiro termo, *Zoé*, expressava o simples fato de viver, comum a todos os seres vivos, e o segundo termo, *bíos*, indicava a maneira de se viver a vida, o que o indivíduo fazia em meio ao coletivo ou em sua vida privada [MERÇON, 2010].

Um texto intitulado “Imanência: uma vida”, o último escrito por Deleuze, em setembro de 1995, dois meses antes de sua morte, vai dizer que “uma vida é a imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa” [2002:12]. Imanência é aquilo que não se separa, que não sai, que continua onde está, é permanecer, residir em algum lugar. Mas não permanecer, ficar, estar como um prego na parede que é esquecido pelo passar dos anos, esse residir em algum lugar é um movimento nômade, sempre existindo, mas nunca fixado permanentemente. É uma orientação na multiplicidade de planos de existência, quando se olha para os lados, para os outros. Imanência “é o estado daquilo que se situa no plano ordinário das coisas, daquilo que pertence a esta realidade” [TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004:146].

Vida é o que acontece, o que existe, um modo de viver, como diz Deleuze [2002:16]: “Uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades. Aquilo que chamamos de virtual não é algo que falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria”. Esse modo de viver as virtualidades, os acontecimentos, potencializa a vida para inventar novos mundos.

Pode-se pensar que, para a vida ser mais viva, para existir, precisa aumentar sua potência. Onde existe vida existe uma vontade ou potência de vida. Para Deleuze, a vida é criação, invenção. Sendo assim, é uma força criadora, uma vontade de algo mais, de um impulso a mais. Para Deleuze, o que importa é a vida, a vida imanente, na intenção de fazê-la fluir, desconstruindo os obstáculos a ela interpostos. Nietzsche trabalha com um termo_ideia_conceito que ele chama de vontade de potência. Aparece principalmente em duas obras, em Assim falou Zaratustra e em Vontade de Potência. A vontade de potência é um jogo de forças: nessas virtualidades, como vontade de tornar pensável a realidade própria, “a vontade é uma força que comanda” [LINGIS, 2003:16].

Vontade é sempre um mais, um respiro, um fôlego, é colocar-se em movimento. Deleuze, em seu livro Nietzsche e a filosofia, diz que “o conceito de força é, portanto, em Nietzsche, o de uma força que se relaciona com outra força. Sob este aspecto a força é denominada uma vontade”. A potência, por sua vez, afirma sua diferença e a diferença ocorre como potência, como a força do ser: “o que a vontade quer é afirmar sua potência”. Podemos perceber um spinozismo em Nietzsche, no dizer de Deleuze: “a vontade de potência manifesta-se como o poder de ser afetado, com o poder determinado da força de ser ela própria afetada” [GD, 1976:6:7:30]. Lembrando o que se falava sobre medicalização, sobre ser uma força que captura, pensa-se que, na medicalização da vida, existe uma vontade, mas uma vontade de produzir outros eus e subtrair vidas. As forças se relacionam, chocam-se, vibram, [des]potencializam.

O poder de ser afetado não significa necessariamente passividade, mas “afetividade, sensibilidade, sensação”. Deleuze, citando Nietzsche, diz que “a vontade de potência não é um ser nem um devir, é um *pathos*”. A vontade de potência se manifesta quando percebe, quando vê as coisas, quando se aproxima, e é onde aumenta ou diminui sua potência, sua vida: “a vontade de

“Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos.” [GD, 2002, p.14]

potência manifesta-se, em primeiro lugar, como sensibilidade das forças e, em segundo lugar, como devir sensível das forças – o *pathos* é o fato mais elementar do qual resulta um devir” [GD, 1976:31].

Vida e vontade de potência se identificam, são uma imanência, um princípio intensivo, multiplicidade, diferença menor. Dessa forma, pensar no termo_ideia_conceito_palavra vida é pensar nela como uma vontade que ultrapassa os limites fixados pelos próprios termos_ideias_conceitos_palavras, é “um pensamento que iria até o fim do que a vida pode, um pensamento que conduziria a vida até o fim do que ela pode. Em lugar de um conhecimento que se opõe à vida, um pensamento que afirme a vida. A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida ... Pensar significa descobrir, inventar novas possibilidades de vida... Em outras palavras, a vida ultrapassa os limites que o conhecimento lhe fixa, mas o pensamento ultrapassa os limites que a vida lhe fixa” [GD, 1976:48].

A Vida/Vontade de Potência é o um, “mas o um que se afirma no múltiplo” [GD, 1976:41]. Sendo assim, pergunta-se: Onde pode estar a vida? Encontra-se a vida em uma brincadeira, no meio de outras palavras, algumas que aumentam, outras que diminuem as vontades e os afectos. A vida está em todos os lugares, principalmente no entre:

A vida está no meio da/de/do: Dúvida – Desenvolvida – Vida – Promovida –

Atividades – Dúvidas – Diferenças – Exclusividade – Intersubjetividade – Subjetividade –

Efetividade - Agressividade - Gravidade - Gravidade - Criatividade - Coletividade - Absorvida -

Ouvida - Afectividade - Comidar - ...

#

_de/uma

Andarilhou-se pelos termos_ideias_conceitos_palavras Medicalização, Clínica e Vida. Para pensar em Uma Clínica de Uma Vida ainda falta minimamente ver o que liga as palavras. Dessa forma, faltam ainda as conexões “de” e “uma” para finalizar a reflexão.

“De” é uma preposição, ou seja, é o que conecta, o que liga dois termos em uma oração, não existe sentido na frase sem que haja essa conexão. As preposições são palavras invariáveis, não sofrem flexão de gênero, de número ou de variação. A preposição “de” é considerada uma das essenciais, junto com outras, como: com, em, a, ante, para, por, etc. No dicionário, observa-se algumas relações que essa preposição pode estabelecer em uma frase: 1) posse (a boneca de

“Por fracas que sejam, as imagens de sonho são sempre a expressão de uma natureza outra que, à banal transparência do cotidiano, opõe as frágeis visões esclarecidas do interior, ou seja, por si mesmas. Pode-se, pela lógica que fazia Plotino dizer que o olho humano não poderia perceber o sol se ele próprio não tivesse algo de solar, afirmar que o dia que nos ofusca não nos daria a menor imagem se nosso olho não fosse preparado pelos sonhos noturnos. E, se às vezes somos obrigados a observar o mundo de olhos fechados, é sobretudo para conservar o caráter frágil dos sonhos que nos levam aos espelhos do invisível.” [BAVCAR, 2003, p.142]

Irene); 2) lugar (A rodoviária de Porto Alegre); 3) Tempo (De manhã. De dia. Antes de Cristo); 4) Modo, circunstância (Atrasado de novo); 5) Meio (Viajou de ônibus); 6) Emprego, fim (Sala de Jantar); pode ser usada ainda como Procedência; Ponto de Partida; Situação, estado inicial; Alvo, meta, fim, destino; Causa, motivo; Dimensão, tamanho, medida, número, valor;

Utilizada aqui como ligação entre Clínica e Uma Vida. Sem a preposição entre Clínica e Uma Vida, não teríamos o sentido quanto a de que Clínica falamos, pois o 'de' aproxima o que se pensa sobre Clínica, com do que se pensa sobre Uma Vida.

“Uma”, por sua vez, é o feminino de um, artigo indefinido que individualiza o substantivo. Dessa forma, em nossa composição Clínica de Uma Vida, não falamos de várias Clínicas, mas sim de uma clínica singular. O Um/a designa também o uno, o que é único, só, uma unidade, e é o primeiro de uma série ou ordem. No contexto usado remete a pensar, assim como Deleuze, no seu texto comentado acima - “Imanência: uma vida...”, uma única vida e uma única clínica, porém mais do que apenas “uma” vida e “uma” clínica. Trata-se de uma singularidade que é uma multiplicidade. Vasconcellos [1998:120] vai dizer que afirmar uma vida “é inventar uma nova subjetividade, uma subjetividade que abandone dualismos como sujeito/objeto e leve apenas em conta o jogo das forças do acaso”.

por uma clínica de uma vida

Nesses pequenos sonhos diurnos, nesses pedaços de espelho quebrado, observou-se fragmentos de imagens de ideias_conceitos_termos_palavras. Conceito. Medicalização. Clínica. Vida. De/Uma. Esse trajeto proporciona a reflexão sobre a Medicalização da Vida, tema de fundo desse texto, e Clínica de Uma Vida como conceito força para pensar os processos imanentes na saúde e na educação.

Pode-se sistematizar, minimamente, aqui, que **Medicalização da Vida** é um dispositivo de captura dos modos de viver; que realiza um corte na expansão das vontades de potência; e que restringe e limita a vida. É uma linha de força atuante no contemporâneo, sendo que essas capturas ocorrem de diferentes formas, com vários nomes, como já salientado anteriormente, Patologização, Farmacologização, Judicialização, Subjetivação. A todo instante são criadas novas formas de governmentação sobre as vidas, por meio das quais se tenta controlar as virtualidades e as vontades, sendo que as antigas capturas continuam ainda exercendo força e domínio, como a escola, o hospital psiquiátrico, os asilos, a polícia e a prisão. A medicalização da vida está sempre de conluio com uma forma de fazer clínica, a que afeta as potências e, portanto, [des]potencializa o viver.

Por isso, faz-se necessário pensar em dispositivos que aumentem a vontade [utópica] de potência. Dessa forma, pensa-se que **Uma Clínica de Uma Vida** é uma ideia força para dizer de um lugar, de um espaço, onde a vida acontece na sua imanência, onde o olhar, a escuta, a palavra

"[...] uma definição para clínica menor, baseada no conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari, para pensar as possibilidades clínicas praticadas [...] Artigo tal conceito com as ideias de autores do campo da saúde coletiva, como Lancetti e Merhy [...] A clínica menor a que me refiro vai à direção de afirmar outras formas de existência, por mais que elas nos exponham a situações limites e complexas, exigindo ao mesmo tempo solidariedade, tolerância e cuidado [...] a clínica menor: ela não age sobre o outro e tampouco age no outro. Em vez disso, a clínica menor vai agir com o outro, de modo a partir do pressuposto de que o outro possui desejos que podem ser diferentes dos meus, mas nem por isso irei julgá-lo [...] Ela surge enquanto uma possibilidade de trabalho de encontro com o sujeito de forma a não capturar seu modo de viver a vida, a sua resistência e resiliência, mas sim de maneira a potencializar essa vida, escutar, acompanhar e não se submeter ao preenchimento de protocolos padrões e de práticas engessadas, fragmentárias, verticalizadas." [ABIB, 2014]

são usados para inventar e criar novos mundos. Uma Clínica que é menor, que diz de uma política da vida que promove linhas de forças, e de fuga, para escapar, para lampejar pequenos pontos de luz nas noites escuras.

Clínica de Uma Vida como imagens que ardem, que produzem encontros [alegres ou tristes], onde os sujeitos, em suas dimensões política-ética-estética, possibilitam rasgos de pensamento em corpos que vibram e pulsam existências. **Clínica de Uma Vida** como um instante utópico que fura, que abre frestas, que desperta e lampeja. **Clínica de Uma Vida** como um espaço que não é nem aula, nem oficina, mas sim um agenciamento dos dois, uma **oficinaula**. Oficinaula como dispositivo pedagógico, ou um espaço de agenciamento de pensamento, que coloca a pensar em quais são as imagens de saúde e de educação que sobrevivem às capturas. Um espaço-tempo onde se possa perguntar também: o que medicaliza o viver? Onde está o que nos medicaliza no contemporâneo? E quais as imagens de pensamento na Saúde Coletiva?

4_do escuro de nosso tempo {ou de um pensamento sobre a imagem}

_00 am

O cansaço e o sono começam a pesar nos olhos de Sr. W. Os olhos piscam rapidamente, várias vezes. Em algumas piscadelas, permanecem um instante fechados. 'Um café viria bem agora' - pensa, consigo mesmo, Sr. W. Levanta e caminha até a cozinha. O cheiro do café novo sendo passado espalha-se pela casa, invadindo os cantos e despertando os sonos adormecidos. Um cheiro na meia-noite. 'Foi-se o tempo em que conseguia aguentar a noite toda acordado' - Sr. W. pensa nos tempos de juventude - 'Conseguia virar a noite, lendo, estudando, escrevendo, corrigindo provas e trabalhos'. Resmungando para si mesmo, sorve o café em pequenos goles. O projeto de construir um mapa imagético dos últimos 100 anos, de uma história sem palavras, sobre a medicalização da vida, vagou no pensamento de Sr. W por uns 15 anos. O tempo, como sempre, era curto. Aulas. Seminários. Correções. Viagens. Projetos da Universidade. Bancas. Ao pensar em sua aposentadoria, com seus 70 anos, decidiu retomar esse velho pensamento. Mas antes necessitava descansar, preparar-se para isso. Tirou um ano para organizar seu tempo de professor, para despedir-se vagarosamente do ensino. Das orientações. Rever anotações. Artigos. Traduções. Mais um

ano para desligar-se gradativamente dos afazeres acadêmicos e, por fim, um ano sabático. De viagens por lugares que ainda não havia visitado, de visitar seus lugares preferidos, de passar um tempo com os contatos da Paris VIII, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. De tomar cafés nos finais de tarde com os professores, conhecidos da Alemanha, Bélgica, Holanda, EUA. Um ano para amadurecer seu projeto através de diálogos. Sr. W larga a xícara e volta para sua biblioteca. Olha para os cinco painéis já prontos. Um trabalho de dois anos. De escavação. De memória. De estilhaçar o tempo à procura de instantes. Olhando para as imagens dispostas nos painéis, fica a pensar nas perguntas que o acompanharam ao longo dos últimos anos: 'O que o outro, ao olhar essas imagens, irá pensar? Será que as imagens farão brotar pensamentos? No que elas farão pensar?'. Sr. W sabe que não tem essas respostas, e que dificilmente vai ter, a menos que alguém lhe escreva criticando, elogiando, contrariando, duvidando. Mas, até lá, o olhar é apenas o dele, e as possíveis respostas também. Mas ele sabe também que cada imagem, cada composição diz uma coisa e, ao mesmo tempo várias coisas. Cada instante, acontecimento poderá ser interpretado, se o observador deixar que a imagem fale com ele, ao se colocar diante dela. Cada interpretação, diferente uma da outra... 'O que vemos quando algo nos olha?', pensa alto. Sr. W vai até a janela e fica alguns instantes a fitar, por trás do vidro, a noite. Pensa, ou imagina, ver alguns pontos brilhantes a se apagar e acender. Brilhando aqui. Brilhando mais adiante - 'Será que são vaga-lumes?'. Tenta fixar o olhar para ver outros pontos luminosos na noite. Nada vê. 'Uma imagem vaga-lume, apenas de passagem'. Decide acender a lareira para ver crepitar, dentro da sua biblioteca, os pequenos vaga-lumes. O cheiro do café ainda permanece na casa. Vai sendo levado para a noite como um gosto de perguntas despertas.

#

Faz-se aqui um intervalo, um entre para a terceira escrita ter mais fôlego e para pensar sobre a[s] imagen[s]. Problematiza-se aqui o pensamento, a imagem do pensamento, o pensamento sobre as imagens, o contemporâneo e a noite.

Retoma-se, e antecipa-se duas questões. A primeira diz das perguntas que finalizam o último encontro das oficinaulas: como pensar a imagem na saúde e na educação? Como transformar as palavras em imagens? A segunda refere-se aos Instantes - por isso essa escrita é um entre, ela irrompe no meio de um devir texto, é a borda que amplia as conexões, ao Instante Utópico; ao Instante Quaisquer. Esses instantes são carregados de imagens. Para tanto, opta-se por aprofundar o pensamento, sendo os instantes quaisquer agenciados no pensamento imagético de Deleuze. E o Instante Utópico, ou sobre a sustentação das pequenas luzes e lampejos, dialoga com Giorgio Agamben e Didi-Huberman.

A imagem cria uma série de palavras, que muitas vezes o texto não consegue traduzir, mas mesmo assim escreve-se, apesar de tudo. A ideia_termo_conceito_palavra Clínica de Uma Vida, por exemplo, é uma colagem de imagens e é também uma nova imagem no pensamento da saúde, possibilita um rasgo no entre do já pensado, mas pergunta-se: como escrever essa imagem? É necessário o percurso da mudez, o olhar e, posteriormente, a escrita com força. Para prosseguir, é necessário uma série de imagens que as palavras tentarão traduzir. Sendo assim, pede-se que se utilize a imaginação como “mecanismo produtor de imagens para o pensamento” [GDH, 2011:61].

“Escrever sobre as imagens é inicialmente escrever. É articular o que aparece inicialmente como uma experiência do inarticulável apesar de tudo. É escrever o inarticulável mesmo, ou a partir dele, preservando-o, e sabendo escrever que se o preserva. É procurar todas as energias na própria escritura, é abrir as possibilidades poéticas e filosóficas de conseguir algo – uma palavra, um texto, um estilo particular que daria conta dessa imagem particular – a partir de uma mudez primeira. É preciso, por isso, uma espécie de coragem: coragem de olhar, olhar ainda, coragem de escrever, escrever apesar de tudo.” [GDH, 2006]

#

_instantes quaisquer {ou da imagem [do] pensamento em saúde}

Compreende-se o pensar, a partir das reflexões de Deleuze, como uma micropotência do pensamento. Ao trabalhar com as questões relacionadas ao cinema, Deleuze é enfático ao afirmar que o cinema faz pensar, que produz criações rompendo com a tradição dogmática, do uno, do verdadeiro, criando assim outras configurações e possibilidades de pensar o múltiplo, as multiplicidades.

O pensamento precisa de uma imagem, ele não se faz sozinho, sempre existe uma imagem que o acompanha. Pensar é criar imagens e “o pensamento nasce do acontecimento intrusivo que surpreende o próprio pensamento” [CORAZZA, 2013], do que o assusta, do que é diferente, do choque que se leva a partir destes a[in]cidentes, dos encontros com os outros, com as coisas, com a música, a arte, etc.

Utilizando essa perspectiva, pode-se dizer que o que força a pensar é o signo, e esse signo é objeto desse encontro, desse a[in]cidente, “mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira”. Dessa forma, para Deleuze, “a criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento” [GD,1987:96].

"O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que o pensamento se proporciona do que significa pensar, fazer uso do pensamento, orientar-se no pensamento..." [GD, 1997b:40]

Pensar é criar outros territórios, construir linhas, buracos para vazarem o pensamento, é pintar linhas e deixar pingos de tinta cair sobre o papel. Sair da imobilidade, fazer-se movimento. Navegar em outras águas, nas águas de uma imagem-pensamento. Pensar é deixar-se incomodar, “o pensamento é ato de corte, de enquadramento e de montagem; por corte, enquadramento e montagem o pensamento se insinua na matéria” [GD,1987:96].

Pensar é estar Aberto ao Todo, aprender aquilo que pode um corpo não-pensante, e esse pensar é realizado através de uma experiência que resiste à nossa capacidade de saber. O pensamento cria o novo. O pensamento é uma relação de forças, de movimentos, de enquadramentos, de planos, de linhas [de fuga]. Ele se faz imagem de pensamento para poder pensar em novas possibilidades de abordar a experiência e deixar que o pensar brote pelo meio.

O pensamento é uma mesa de edição, *une table de montage*, pois nela podemos ir criando, conectando, possibilitando encontros e pensando por nós mesmos, reeditando, reconfigurando, colando, bricolando, jogando com os sons, com as imagens. O pensamento, dessa forma, se faz imagem.

O Pensamento se faz movimento, e “pensar não é se alinhar com o que já se conhece. É justamente o contrário disso” [PRECIOSA, 2010b:28]. Somos movidos por forças, por linhas, pelo fora, pelo estrangeiro, para assim pensar o impensável. “Isso exige de nós piruetas mortais e quase nunca podemos contar com uma cama elástica que ampare as quedas. Despenca-se, fraturam-se ossos” [PRECIOSA, 2010b:28]. Para pensar, é preciso romper, não ter medo de experimentar, de andar nas alturas e acreditar no mundo.

“Há portanto uma experiência [...] Há experiência, logo há experiências, ou seja, diferenças. Há portanto tempos, durações atuando em ou diante desses objetos supostos instantaneamente reconhecíveis.” [GDH, 2010:66]

No pensamento deleuziano, existe a distinção entre duas imagens do pensamento, uma delas sendo a dogmática, que é a captura da moral e da representatividade do mundo, e a segunda, que rompe com o pensamento dogmático, chamada de Nova Imagem do Pensamento, ou de Pensamento sem Imagem. Deleuze as explora em três obras distintas, no capítulo 3 de Nietzsche e a Filosofia [1976] – “Nova imagem do Pensamento”, na primeira parte de Proust e os signos [1987] – “A imagem do pensamento” e em Diferença e Repetição [2009] – “A imagem do pensamento”. Além dessas obras, a imagem é amplamente discutida nos livros Imagem-Movimento [1985] e Imagem-Tempo [2007b], relacionados ao cinema.

Em cada pensamento encontra-se imagens, embora nem sempre elas sejam visíveis. O pensamento, ou a imagem dogmática do pensamento, segundo Deleuze [1976], tem aporte em três teses principais, sendo a primeira relacionada à Verdade, ou seja, o pensamento possui a verdade. O pensador ama a verdade e a busca em todos os momentos de sua vida, tudo o que ele pensa é verdade. A segunda tese está relacionada com as forças que nos fazem desequilibrar na corda bamba da verdade, as forças que nos induzem, ou fazem cair no erro. Nestas, o pensador toma o falso por verdadeiro, pois a ilusão opera e não se consegue pensar verdadeiramente. As forças que desequilibram são os corpos e paixões que nos afetam - as artes, por exemplo - ou o que nos deixa sensíveis ao mundo. Por fim, tem-se o método como salvador do pensamento, ou seja, para podermos pensar, e chegar na verdade temos que ter apenas um método.

Uma Nova Imagem do pensamento vaza, respinga, lampeja, constrói linhas de força e de fuga. Operar com uma imagem que não seja representação, decalque, é [des]enquadrar outros jeitos e formas de se viver, é inquietar-se perante o dito e o visto.

#

Em Deleuze [1985:78], entende-se que é necessário fabricar e criar imagens: “chamemos imagem o conjunto daquilo que aparece, e imagem = movimento [...] A imagem é movimento, assim como a matéria é luz”. Se a imagem é criação, assim como o pensamento, e ela é movimento, ela se dá nesse intervalo de tempo e movimento que é chamado “instantes quaisquer”¹⁴.

Os instantes quaisquer aparecem no primeiro livro sobre cinema de Deleuze, Imagem-Movimento [1985]. Ao comentar a segunda tese apresentada por Bergson em *Evolução Criadora*, ao falar do movimento, diz que erramos sempre ao pensar o movimento através de instantes ou posições. Para Deleuze, retomando Bergson, existem duas maneiras de pensar o movimento, uma de “forma antiga” e outra “moderna”.

A forma antiga pensa o movimento como algo eterno e imóvel: “o movimento assim concebido será, portanto, a passagem reguladora de uma forma a outra, isto é, uma ordem de poses ou de instantes privilegiados, como uma dança”. O pensamento moderno “consistiu em referir o movimento não mais a instantes privilegiados, mas a instantes quaisquer” [GD, 1985:12]. O movimento se dá a partir de cortes, por momentos equidistantes.

Os Instantes Quaisquer rompem com o movimento dialético das poses, dos momentos privilegiados, constrói-se nesse instante quaisquer o entre, entre uma imagem e outra. Entre uma imagem de um atendimento médico_psicológico_pedagógico tradicional e uma imagem de um atendimento humanizado, criador, questionador, potencializador de vida. Lembra-se que não é um

¹⁴ Devaneio 12: O instante quaisquer é uma grade de inteligibilidade, uma chave de leitura para pensar o que está no entre, ou seja, isso que fura, que arranha, que cria sulcos, brechas.

pensamento dualista, ou é isso ou é aquilo, mas sim um pensamento do entre, do e, e isto e aquilo, e ... e ... e ...

#

O estudo das imagens do pensamento, em Deleuze, é chamado de noologia. Corazza [2004:12-16], referindo-se a uma noologia do currículo, vai dizer que “a noologia não tenta resolver o plano de imanência de todos os currículos e do pensamento do currículo em geral; em cada currículo procura, antes, não apenas identificar uma imagem peculiar do pensamento, como também afastar o nevoeiro de transcendência que o rodeia e restabelecer o momento de originalidade de suas criações”.

Dessa forma, busca-se a criação de pensamento, de imagens do pensamento, que lampejem outras possibilidades, outras formas não dogmáticas de fazer saúde, de pensar a saúde. A noologia sopra o que está impedindo o olhar, cria pequenos pontos de luz para pensar e inquietar o pensamento. Deleuze, ao falar dos processos de criação de imagens do pensamento, diz que existem sempre momentos de desterritorialização para se inventar um novo, sempre se desterritorializa para criar outros territórios. Não existe, assim, um único modo, território e pensamento, mas sim múltiplas possibilidades de pensar uma imagem do pensamento da saúde.

Pensa-se, então, que a imagem e o pensamento são produção do novo. Ou a invenção de uma vida. E, ao pensar uma Nova Imagem do Pensamento em Saúde, partindo da experiência de escrita do que é uma Clínica de Uma Vida, através da experiência e do dispositivo pedagógico das oficinas, referenciando esse pensamento a Instantes Quaisquer, aos cortes que são realizados no movimento, ou seja, “quando reportamos o movimento” [pensamento/Clínica de Uma Vida/

oficinaulas] “a momentos quaisquer, devemos nos tornar capazes de pensar a produção do novo” [GD, 1985:16].

Questões que permanecerão para lampejos em outras noites ou, como diria Bavcar, “as palavras se vão com os instantes que elas enfeitaram” [2003:130]: Que imagens produzimos? Que pensamento imagético criamos/ou reproduzimos? É possível pensar em uma noologia da saúde?

#

Importante salientar aqui, que na Saúde Coletiva, pensa-se em outras apostas de currículo, como, por exemplo, a organização curricular do Programa de Pós-Graduação e da graduação em Saúde Coletiva desenvolve-se embasada em Unidades de Produção Pedagógica [UPP], é compreendida como construtos epistemológicos não disciplinares. Nas UPP's, busca-se desenvolver as potencialidades dos alunos. Em lugar de uma disciplina fixa, uma Unidade de Produção Pedagógica.

Lembra-se também aqui que Ceccim [2004, 2005, 2014], em diversos artigos, vem pensando imagens para o currículo e para a Saúde Coletiva, para a pesquisa e a formação, como, por exemplo, a imagem da Mandala; O quadrilátero de formação; Mandala educossanitária; Círculos em Rede e as muitas pesquisas já realizadas no Pós-Graduação em Saúde Coletiva, nas Residências Multiprofissionais e nas Pesquisas do EducaSaúde.

Deparamo-nos com essa questão das imagens, ou ela lampejou, no final do processo de escrita dessa dissertação. Para um próximo momento, há que debruçar-se sobre essas questões relativas à noologia da Saúde Coletiva. Talvez seja um desafio cartografar e biografematizar um currículo em saúde.

#

_instante utópico dos lampejos {ou da sustentação das pequenas lumes}

Para pensar nessa segunda imagem [do pensamento], ou sobre os instantes utópicos, entra-se na noite do pensamento de Georges Didi-Huberman [GDH]¹⁵. GDH é um historiador de arte, crítico de arte, filósofo e professor da *École de Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris. Tem alguns livros publicados na língua portuguesa, mas muito de sua obra ainda não foi traduzido, e é um autor pouco estudado nas universidades brasileiras.

Através de seus livros, GDH põe-nos a olhar para a história nas suas sobrevivências, sempre fazendo uma relação com o presente que se vive. Faz uma atualização do virtual, das memórias e lembranças que em alguns casos estão esquecidas, ou de que não se quer falar. Quando se entra na sua obra, percebe-se uma abertura do campo disciplinar. A imagem não é apenas a artística, “é uma formação trabalhada por tempo diferentes, por anacronismos, e que não é possível compreendê-la se não a considerarmos como manifestação antropológica, fazendo apelo a uma análise que não pode ser apenas estético-formal” [GUERREIRO, 2014].

¹⁵ Devaneio 13: O primeiro contato com sua obra deu-se com o livro 'A sobrevivência dos vaga-lumes', após iniciou-se uma busca por outros escritos do autor e de seus comentadores, destaca-se aqui como Etienne Samain professor titular aposentado do Programa de Pós-Graduação em Mídias do Instituto de Arte da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP).

No processo de escrever essa dissertação, optou-se por operar com alguns termos_ideias_palavras_conceitos de GDH, principalmente seu pensamento sobre as imagens. A tarefa de articular o tema desse trabalho, medicalização da vida e as oficinaulas como dispositivo de Uma Clínica de Uma Vida, com o pensamento de GDH mostrou-se complexa. Tenta-se, aqui, rascunhar uma aproximação, proporciona-se um entre. Para tanto, buscou-se, nas palavras e no pensamento de Agamben, um agenciamento de passagem, com o ensaio sobre o contemporâneo [2009] e na reflexão sobre a potência do pensamento [2015], possibilitando o caminho para adentrar em um estilhaço de GDH com dois textos, “Sobrevivência dos vaga-lumes” e “O que vemos, o que nos olha”. Dessa forma, conectam-se os termos_conceito_ideia_palavra força contemporâneo, imagem e noite.

#

No início do seu texto sobre “o que é o contemporâneo?”, Agamben fala que o “contemporâneo é intempestivo”, lembrando do pensamento de Nietzsche, e completa dizendo que a contemporaneidade é uma singular relação com o tempo. O contemporâneo, dessa forma, dá-se na nossa inserção nesse tempo presente, em que se vive, mas “mantendo fixo o olhar nos olhos” [GA, 2009:60] do seu tempo e dos tempos passados, tendo presente a necessidade de fraturar esse tempo, essa contemporaneidade, quebrando e fraturando as vértebras da temporalidade.

Logo adiante, o autor chega na passagem que é de interesse nesse momento. Diz ele que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros.

Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” [GA, 2009:62-63].

Agamben está dizendo que o presente, o aqui e agora, é uma noite. Uma noite não do repousar a cabeça no travesseiro e ser acolhido pelo Senhor dos Sonhos [Sandman¹⁶], mas uma noite em que se caminha ora acordado, ora dormindo, à procura de pequenas luzes encontrando apenas o obscuro, o desconhecido. Ou seja, o escuro não é a “simples ausência da luz”, mas um produto da retina, do modo de olhar. Deve-se perceber o escuro não como uma inércia ou passividade, “mas implica uma atividade e uma habilidade particular que equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir suas trevas, o seu escuro especial” [GA, 2009:63].

Caminhar na noite é não deixar que as luzes, os holofotes ceguem o olhar [GDH, 2011]. Agamben [2009:64] prossegue dizendo que “o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo”.

Ao se caminhar na noite, em um espaço onde as luzes das grandes cidades não ofuscam o pensamento e a escuridão, é possível notar o céu em sua imensidão noturna, com pequenos pontos de luz. Agamben [2009:65] fala que esse firmamento que se observa não é escuridão, mas sim uma luz que viaja distâncias até chegar aos olhos de quem olha: “o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós”. Uma luz que é escuro, um ainda não ou, quem sabe, um não mais.

¹⁶ Devaneio 14: Sandman é um personagem de histórias em quadrinhos [HQ] criado por Neil Gaiman em 1988. Sandman, ou Sonho, é governante do Reino do Sonhar, o mundo dos sonhos. Quando os seres dormem suas almas vagueiam pelos Reinos do Sonhar.

Para receber no rosto “o facho de trevas” dessa noite é necessário uma questão de coragem, “porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida a nós, distancia-se infinitamente de nós” [GA, 2009:65]. Ter a coragem para perceber essa luz que está em constante viagem é estar aberto a um instante utópico de lampejos noturnos.

#

No texto sobre a potência do pensamento, é realizada uma reflexão sobre o escuro como uma privação. Agamben [2015:245] inicia seu texto falando da potência e da impotência, trazendo seu estudo sobre a obra de Aristóteles e explicando que o termo potência [*dynamis*] “significa tanto potência como possibilidade”. Traz, na etimologia das palavras, o “*Hexis* (de *echo*, 'ter'), faculdade, habito”, referindo-se à possibilidade de uma ausência, uma privação: “o que é assim tido não é uma simples ausência, mas algo que assume a forma de uma privação – no vocabulário de Aristóteles, *steresis*, 'privação', está em relação estratégica com *hexis*”.

O potente [GA, 2015:245] é o que tem/detém algo e, às vezes, porque falta algo, “se a privação é de algum modo uma *hexis*, o potente é tal ou por que tem uma certa *hexis* ou porque, dela, tem a *steresis*”. *Hexis* = ter, *steresis* = privação. O potente é o que tem uma disponibilidade de privação. Realizando esse percurso, o autor cita o '*De Anima*', de Aristóteles, dizendo que uma das privações da potência é o escuro [*stokos*]. Aristóteles faz uma associação com o ver, chamando isso de ato e relacionando com a luz: “o ato dessa natureza como tal é a luz”. Por sua vez, o escuro é a

potência do ato de ver, “e que a treva é sua potência”. Luz seria a *Hexis*, e a escuridão, o *steresis*, o ter e a privação do ter.

Tentando esclarecer essa associação de luz, olhar com trevas, potência e privação, Agamben [2015:248] dirá que “quando não vemos (isto é, quando nossa vista permanece em potência) distinguimos, porém, o escuro da luz, vemos, digamos assim, as trevas, como cor da visão em potência”. Ele coloca o não ver como potência. Colando os dois textos lado a lado, podemos perceber que, 'Em que é o contemporâneo?', Agamben já trazia a relação da privação como potência, principalmente quando ele diz que o escuro é essa luz que viaja até nós. Quando se vê a escuridão, o firmamento estrelado, se está vendo sua luz, ou a privação dela, “o homem é o senhor da privação porque mais que qualquer ser vivo ele é, em seu ser, destinado à potência” [GA, 2015:249].

Dessa forma, o potente é aquele que deixa o não ser, que acolhe e deixa vir, o ainda não. Na leitura realizada por Agamben de Aristóteles, essa privação é o que aumenta as potências e consiste, antes, em “uma conservação e em um aperfeiçoamento de si” [2015:254]. Na disponibilidade, que se coloca em privação, de manter os olhos fixos e perceber o escuro, se está fraturando o tempo presente e potencializando o pensar e as imagens do pensamento.

#

Com essa reflexão sobre o escuro de nosso tempo feita por Agamben, entra-se no pensamento de Georges Didi-Huberman. Quer-se, inicialmente, continuar na reflexão sobre a

privação, trazendo dessa forma as caixas pretas de Tony Smith para inquietar o pensamento e, posteriormente, entra-se nas imagens Vaga-lumes.

#

GDH inicia 'O que vemos, o que nos olha' dizendo: “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” [GDH, 2010:29]. De partida, pergunta-se: 'o que nos olha? Ao lançar o olhar para o firmamento em uma noite estrelada, o escuro nos olha? As estrelas lançam seu olhar sobre nós? O que esse olhar impõe: “um em, um dentro”?’ GDH [2010:34] dirá que o que nos olha é um vazio, o que vemos “é suportado por (e remetido a) uma obra de perda”. Dessa forma, ver é perder.

Segue dizendo que o ato de ver “não é o ato de uma máquina”, de perceber o real composto de evidências, nem dar a ver evidências visíveis a “pares de olhos”, mas dar a ver é sempre “inquietar o ver”. Ver é sempre uma operação de sujeito, “uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta”. Dessa forma, não se escolhe o que se vê, “não há que escolher entre o que vemos e o que nos olha. Há apenas que se inquietar com o entre” [GDH, 2010:77]. O olhar inquieta-se quando é atingido pelo que nos olha.

Avançando no texto, GDH traça sua escrita trazendo à tona o perder, através do Fort-Da de Freud [no livro *Além do princípio do prazer*], “longe, ausente – Aí, presente” [GDH, 2010:80]. Lembra-se o que, há pouco, trazia Agamben, sobre a privação, ou sobre o escuro que nos chega em forma de luz, um ainda não, ou seja, o ausente, a perda. Nesse ponto, acredita-se que os

pensamentos desses dois autores cruzam-se, pois o que ainda falta, a perda, carrega uma potência, pois “disto alguma coisa resta” [GDH, 2010:80].

GDH trabalha com o conceito_ideia_palavra Fort-Da¹⁷, mostrando a imagem do pensamento de uma criança a brincar com um carretel: “ele cabe por inteiro na mão de uma criança; graças a seu fio ele não parte definitivamente; é uma massa e é um fio – um traço vivo - [...] ele parte depressa, retorna depressa, ao mesmo tempo é rápido e inerte, animal e manipulável” [GDH, 2010:81]. É um jogo de ausência e presença, de luz e de trevas, de potências, “ele que vai e vem como bate um coração ou como reflui a onda” [GDH, 2010:81]. O aparecimento e desaparecimento carrega algo que resta, um frágil resto imagético, como um tatear no escuro composto de encontros com objetos e coisas que só podemos imaginar, das quais só podemos criar na imaginação sua imagem. É como se tateasse um cubo no escuro.

Mas “o que é um cubo? Um objeto quase mágico, com efeito. Um objeto a fornecer imagens ...” [GDH, 2010:88]. GDH desliza seu pensamento através da perda, da ausência, do jogo imagético realizado por uma criança, para apresentar a obra de Tony Smith. Ao contar sobre o processo de criação desse artista minimalista, através das esculturas, traz um “relato de sua poética”: “Era noite, e Tony Smith conversava com seu amigo e crítico de arte E. C. Goossen, no escritório deste. Falavam, claro, de escultura, mais particularmente a de alguém cuja obra já era célebre [...] enquanto falava e escutava, Tonny Smith, como fazia com frequência, associava formas

¹⁷ Devaneio 15: É também conhecido como jogo do carretel. Freud, em certo momento, teve que ficar cuidando de seu neto, sua filha ausentou-se um curto período de tempo. O menino, ao ver a saída da mãe não chorou, e passou a brincar com um carretel preso por um fio. De dentro do berço o menino jogava o carretel para fora e o puxava de volta, nesse movimento de jogar o carretel desaparecia, e exclamava um som – ó...ó...ó. Quando puxava novamente, fazendo o carretel aparecer exclamava – dá...dá...dá com uma expressão de alegria. Freud deu a esse jogo o nome de FORT DÁ, sendo FORT, em alemão 'fora', 'ir embora' e DÁ significa 'aqui'. Freud percebeu dessa forma que o menino simbolizava a mãe por meio desse brinquedo e brincadeira, sendo sua saída o Fort, e a alegria de seu retorno o Dá.

num bloco de papel. Súbito, pôs-se a olhar fixamente” - mantendo o olhar fixo no escuro da época - “literalmente siderado, para a escrivanhinha de seu amigo” [GDH, 2010:89-90].

Em cima da mesa de seu amigo estava uma caixa preta: “tão logo fora visto, portanto esse objeto insignificante, simples como um cubo de criança mas negro como um relicário provado, pusera-se a olhá-lo” [GDH, 2010:90]. GDH segue descrevendo que, após sair e voltar para casa, tarde da noite, Tony Smith não conseguia mais dormir, só pensava na caixa preta, “como se a própria noite, diante de seus olhos abertos, tivesse tomado as dimensões íntimas do objeto visto na casa de seu amigo” [GDH, 2010:90]. Sem conseguir dormir, liga para o amigo e pede as medidas exatas da caixa.

Tony Smith, após alguns dias, instalou uma caixa, umas cinco vezes maior, no fundo de sua casa. “Isso foi em fevereiro de 1962 [...] Tony Smith tinha seus cinquenta anos. Acabara, no entanto de realizar o que ele próprio considerou como sua primeira obra, intitulada, descritivamente e até tautologicamente – pelo menos é o que parece -, The Black Box” [GDH, 2010:91]. Algumas variações dessa sua primeira obra foram realizadas no decorrer do tempo, jogando com volume e dimensão, como a obra Die, We Lost, The Elements, For V.

GDH reflete, a partir das obras de Tony Smith, pensando que a imagem escapa “do o que vemos é o que vemos” [GDH, 2010:95]. Diz que uma imagem é sempre inquietante, força-nos a pensar e a produzir outras imagens de pensamento, uma imagem latência, que “exige de nós que dialetizemos nossa própria postura diante dela, que dialetizemos o que vemos nela com o que pode, de repente nos olhar nela” [GDH, 2010:91]. Trata-se de uma obra_imagem que força a inquietar a visão, o lugar, a construir jogos, inventar lugares para essa inquietude.



The Black Box, Tony Smith, 1962.

A noite foi um dos elementos que deu possibilidade à criação dessa obra, “a noite que não traz conselho quando se vive na insônia, ou mesmo devaneio sonolento, mas a noite que traz fadigas e imagens” [GDH, 2010:98]. A noite se torna aqui o lugar da experiência, onde o desconhecido pode brotar, aparecer: “é quando fazemos a experiência da noite, na qual todos os objetos se retiram e perdem sua estabilidade visível, que a noite revela para nós a importância dos objetos e a essencial fragilidade deles, ou seja, sua vocação a se perderem para nós exatamente quando nos são os mais próximos” [GDH, 2010:99].

Na noite mais escura, alguns pontos de visibilidade ainda são acessíveis. Na ausência acontece um desdobramento de criação, de potencialização de vida. Os volumes de Tony Smith trazem o inquietante noturno, “volumes dormentes, mas hostis”, são blocos de latência, pulsantes, e ao mesmo tempo vazios, uma imagem que joga com o que nos olha e com o que vemos, uma imagem que se abre e que inquieta, em suma, que nos faz pensar.

#

O percurso nessa noite nos leva a pensar as imagens que brilham, que ardem. A 'Sobrevivência dos Vaga-Lumes' fala da dialética existente entre a grande luz (*luce*) e a pequena luz (*lucciola*¹⁸). Para pensar nas pequenas luzes, GDH dialoga com Pasolini, dizendo que toda a obra, tanto literária como cinematográfica e até política, “parece de fato atravessada por tais momentos de exceção em que seres humanos se tornam vaga-lumes – seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis e resistentes enquanto tais – sob nosso olhar maravilhado” [GDH, 2011:22-23].

GDH traz, nesse texto, dois momentos distintos de Pasolini, sendo que o primeiro situa-se no início de sua juventude, em 1941, durante o rompante da Segunda Guerra Mundial no qual a Itália era governada por Mussolini. Pasolini, então, escreve uma carta a um amigo de infância, datada de 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 1941. Nessa carta, evoca o surgimento dos vaga-lumes, dessas pequenas luzes que dançam no escuro da noite, dos lampejos de uma vida pulsante.

¹⁸ Devaneio 16: GDH retira do texto de Dante, a Divina Comédia, a *luce* – grande luz do paraíso. GDH explica as pequenas luzes dizendo que “*lucciola*, em italiano popular, significa justamente a prostituta; mas também essa misteriosa presença feminina nas antigas salas de cinema que Pasolini frequentava muito, evidentemente: a “lanterninha” que, no escuro, munida de sua pequena lanterna-tocha, guiava o espectador entre as fileiras de poltronas” [GDH, 2011:19].

Trinta e quatro anos depois, “contados dia a dia, ou melhor, noite por noite” [GDH, 2011:25], em 1º de fevereiro de 1975, nove meses antes de ser assassinado, Pasolini escreve um texto¹⁹ sobre o momento político que vive a Itália, dizendo que os vaga-lumes desapareceram: “esses sinais humanos de inocência aniquilados pela noite – ou pela luz ‘feroz’ dos projetores – do fascismo triunfante” [GDH, 2011:26]. Pasolini reflete sobre a emergência crescente do fascismo na Itália, dizendo que “acreditava-se erroneamente que o fascismo dos anos de 1930 e 1940 foi vencido” [GDH, 2011:26]. “No início dos anos 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, do campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer (*sono cominciate a scomparire le lucciole*). Foi um fenômeno fulminante e fulgente (*il fenomeno è stato fulmineo e folgorante*). Após alguns anos, não havia mais vaga-lumes” [GDH, citando Pasolini, 2011:27-28].

O desaparecimento dos vaga-lumes se dá no contemporâneo, no escuro de nosso tempo presente, no vazio presente nas instâncias de poder, no apagamento do sujeito e do humano na sociedade, a partir do fracasso e do desespero. Eles desaparecem quando as luzes ficam mais fortes, quando as luzes das telas (da televisão, na época de Pasolini; hoje, se poderia dizer dos smartphones e computadores) capturam as existências, “mas os vaga-lumes desapareceram nessa época de ditadura industrial e consumista em que cada um acaba se exibindo como se fosse mercadoria em sua vitrine, uma forma justamente de não aparecer” [GDH, 2011:38-39].

Dessa forma, pode-se dizer que não foi na noite que os vaga-lumes desapareceram, pois, “quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue. Não, os vaga-lumes

¹⁹ Devaneio 17: O texto de Pasolini chama-se '*L'articolo delle lucciole*' (O artigo dos vaga-lumes).

desapareceram na ofuscante claridade dos 'ferozes' projetores” [GDH, 2011:30]. Pode-se ler essas passagens de várias formas diferentes, conectando com o pensamento que inquieta, no que mais afeta, no caso desse trabalho, pode-se ler conectando os processos de medicalização das existências com o apagamento das pequenas luzes que dançam no escuro da noite.

Pasolini, ao escrever o texto de 1941 e o de 1975, referia-se a todo um movimento político que não resistia mais, a uma cultura que perde a força para algo que brilha mais forte, ao dicotomizar entre ver “somente a noite escura ou a ofuscante luz dos projetores” [GDH, 2011:42]. GDH questiona se o que desapareceu, o que foi destruído, não foi algo central no desejo de ver ou no desejo geral na esperança política. Questiona também se desapareceram mesmo os vaga-lumes, ou se eles ainda emitem suas pequenas luzes, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes. E se desapareceram “apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los”? [GDH, 2011:47].

Sendo assim, pergunta-se: quais são os pequenos lampejos que ainda sobrevivem no meio das grandes luzes? Quais são as imagens que aparecem apesar de tudo no intervalo de luz que se mostra na escuridão? Que imagens-pensamento sobrevivem no [des]potencializar da medicalização?

imagens apesar de tudo {imagem do pensamento na saúde coletiva}

É interessante pensar que nesse texto, 'Sobrevivência dos Vagalumes', GDH dialoga com os textos de Agamben e fala que as pequenas luzes, que laçam a sobrevivência, “são apenas lampejos passeando nas trevas” [GDH, 2011:84]. Esses pequenos lampejos são imagens que ardem e brilham, o que possibilita o olhar, aquilo que aparece apesar de tudo, apesar da escuridão e dos grandes holofotes, uma “potência das sobrevivências” [GDH, 2011:85].

Dessa forma, pode-se aqui definir que imagem não é um horizonte, mas imagem é o que manifesta seu “potencial utópico nas suas latências” [GDH, 2010:22], no que arde, no que vibra, no que lampeja, no que resta, no que escoia e vaza. A “imagem nos oferece algo próximo a lampejos (*lucciole*)” [GDH, 2011:85]. Trata-se de imagem como um instante utópico que cria lacunas, que é frágil e em alguns momentos pode desaparecer: “a imagem se caracteriza por sua intermitência, sua fragilidade, seu intervalo de aparições, de desaparecimentos, de reaparições e de redesaparecimentos incessantes” [GDH, 2011:86]. A imagem é feita de tudo: tem uma natureza de amálgama, de impureza, de coisas visíveis misturadas com coisas confusas, de coisas enganadoras misturadas com coisas reveladoras, de formas visuais misturadas com pensamento em acto. Por conseguinte, ela não é nem tudo, nem nada. São imagens sobreviventes [GDH, 2012:89].

As possíveis imagens do pensamento em Saúde Coletiva são como a caixa preta de Tony Smith vista dentro de uma sala escura. Há, aí, uma imagem inquietante, que nos força a pensar, a

"Não sabemos o que pode uma imagem. Algumas nos deixam completamente idiotas, outras parecem despertar a vida do espírito deixando passar como um sopro que move o pensamento e o obriga a interrogar as potências da luz e da desordem." [GDH, 2006]

produzir outras imagens. Faz com que se tateasse à volta. Ela nos força no sentido de que nos acostumemos a escuridão e procuremos pequenos pontos luminosos que dançam no ar. Há, aí, um instante qualquer que se faz utópico. As imagens do pensamento em Saúde Coletiva são um “resto ou fissura (*fêlure*). Um acidente do tempo que a torna momentaneamente visível ou legível” [GDH, 2011:87], principalmente quando as pequenas luzes brilham e passam, “minúscula e movente, bem próxima de nós” [GDH, 2011:115]. Dizer “a imagem” é pensar, não importa o que se faça, “há somente imagens, cada imagem é somente compreendida na sua relação com as outras” [GDH, 2006].

Essa imagem é uma alternativa às grandes luzes, é o que transpõe o horizonte, são “modos de organizar – isto é, também, de desmontar, de analisar, de contestar – o próprio horizonte” [GDH, 2011:118]. As imagens possíveis do pensamento em Saúde Coletiva são um operador de pequenas sobrevivências, de pequenos fragmentos que restam, que se atualizam no contemporâneo, navegando nas águas do passado, do presente e do futuro. “A imagem: aparição única, preciosa, é, apesar de tudo, muito pouca coisa, coisa que queima, coisa que cai” [GDH, 2011:118].

A imagem do pensamento em Saúde Coletiva é uma “palavra-vaga-lume” [GDH, 2011:131] que emite lampejos de pensamento, de poesia, de arte, de saúde, de escritas, leituras, educação, artistagens, oficinaulas, experiências, vivências, [...] no escuro da noite. Que sempre está no limiar - “a imagem é estruturada como um limiar” [GDH, 2010:243] - do desaparecimento, que nos faz sempre perguntar, a todo momento, que nos inquieta como a caixa preta do contemporâneo: “os vaga-lumes desapareceram?”. Cabe responder: “certamente que não. Alguns estão bem perto de nós, eles nos roçam na escuridão; outros partiram para além do horizonte, tentando reformar em outro lugar sua comunidade, sua minoria, seu desejo partilhado” [GDH, 2011:160].

5_oficinas

_04 am

Tento olhar, mas não consigo mais enxergar. Levanto as mãos, trazendo-as próximo ao rosto. Não as vejo. Apenas as sinto. Sinto a penumbra ao meu redor. Olho para todos os lados. Só vejo escuridão. Será que ainda continua noite? Será que ainda estou dormindo, com aquela sensação de estar acordado, de não conseguir acordar do próprio sonho? Tento mexer o resto do corpo. Os membros obedecem. Fecho e abro os olhos, repetidamente. Tudo continua noite. Tudo é escuro. Me desespero. Tento sair da cama e não acho mais minhas roupas. Não me lembro onde estão meus óculos. Deve ser isso. Meus olhos fraquejam a cada dia. Tateio ao redor até achar a cômoda. Sinto os óculos. Fecho os olhos e os mantenho assim por um tempo. Coloco os óculos. Não vejo nada. Só vejo a escuridão. A casa aumenta. Já não sei mais onde as minhas coisas estão. Saio nu a caminhar, tateando as paredes em busca do interruptor. O ar parece mais frio. Meu corpo se arrepia todo. Paro a escutar. Rangidos. Zumbidos no ar. Roço no que parece ser uma planta. Paro novamente. Estalido da madeira. O medo cresce. Será que tem alguém na casa? Devo gritar? Dizer que não enxergo? Não. Pode ser um ladrão a espreitar. Tudo

parece ser tão gigante no escuro. As sensações parecem aumentar. Continuo tateando o escuro, à procura de algo ou alguém. Lembro que estou sozinho. Os olhos lacrimejam. De dor? De medo? De forçarem para ver? Grito. "Tem alguém aí?". Escuto a resposta: "ai". "ai". "ai". Meus joelhos tremem. Meu corpo despenca. O chão me acolhe, com um baque surdo. O barulho do corpo, ao tocar o chão, ecoa pelos corredores. Minha pele sente o frio do piso. Passo a mão à volta. Sinto os ladrilhos. Já não me lembro de sua forma e cor. Tento olhar, mas não consigo enxergar. As imagens começam a desaparecer. Sr. W acorda. O coração parece querer saltar do peito. Um sonho. Melhor, um pesadelo - pensa Sr. W, recompondo-se. Olha para o relógio, em cima da mesinha de canto: '04 horas. Devo ter adormecido por quase uma hora'. Levanta. O pescoço dói. Lembra que estava com a cabeça caída para trás em sua poltrona. Olha para os painéis. Oito estão finalizados e o nono está pela metade. Rapidamente, passa por sua cabeça que deveria descansar mais um pouco, terminar pela manhã. 'Falta pouco, vou terminar logo'. As imagens no chão diminuíram. No monte, só restam algumas a ser usadas. Caminha até a lareira, assopra as brasas ainda vivas para reativar o pequeno fogo, acrescenta mais lenha. Desloca-se até a cozinha. Toma uma água e volta para suas imagens e painéis.

_conceitualizando oficinaulas

O exame pericial que o olho realiza é sempre pobre e incerto. Quem vem enriquecer esta pobreza imaginativa do olho é a imaginação, mistura poderosa de experiência, invenção e sonho. Waly Salomão [2005:105]

O Projeto de Extensão “Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e na Saúde²⁰”, no qual se desenvolveram as oficinaulas, constituiu-se como um espaço de experiência, de imaginação, de invenção e de sonhos, precedendo momentos individuais e coletivos. Foi uma mistura de espaços-tempos, de pormenores, vivenciados de forma antropofágica. As oficinaulas desenvolveram-se, como diria Waly Salomão [2003], em um experimentar o experimental. Desenhou-se as oficinaulas como captura do material empírico de pesquisa, como uma máquina fotográfica analógica. Capturou-se a imagem para depois escrever sobre ela. Sendo assim, não se quer contar apenas como foram essas experiências, mas, sim, fazer um exercício de imaginação, dado que “para saber é preciso imaginar-se ... para recordar é preciso imaginar” [GDH, 2012:15-49].

A imaginação é uma imagem lacuna [GDH, 2012] que pode ser potencializada pelas experiências cotidianas. Ao experimentar, vivenciar um instante qualquer abre-se um mundo de outros possíveis, alimentados pelo imaginar. Pode-se imaginar a experiência, para aqueles que não

²⁰ A pesquisa, submetida aos tramites de aprovação, da Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem (COMPESQ ENF) e Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS, encaminhado via Plataforma Brasil, obteve aprovação com algumas alterações, sendo uma delas o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que segue em anexo no final desse trabalho.

vivenciaram algo parecido, mas para isso precisa-se escutar as palavras ditas ou escritas. Dessa forma, conta-se aqui para as imagens habitarem a memória – e são imagens precisas mas parciais, soberanas mas lacunares.

A experiência é algo que transforma, que marca. Como lembra Foucault, “a experiência é alguma coisa da qual a gente mesmo sai transformado...” [MF, Entretien avec Michael Foucault, 2001:860-861 apud FONSECA, T. M.G; NASCIMENTO, M.L do; MARASCHIN, C. 2012:18]. Ou seja, “uma experiência é alguma coisa que se faz só, mas que não se pode fazer plenamente senão na medida em que escapará à pura subjetividade e que outros poderão, não retomá-la exatamente, porém ao menos cruzá-la e atravessar de novo” [1994:47 apud PELBART, 2013:47].

Tanto na escrita como na leitura, ao se vivenciar os estilhaços da vida os afetos acontecem nos encontros, marcados pelo que se vê, se lê, se escuta, pelo que nos toca de alguma forma, possibilitando paixões alegres ou tristes. Uma experiência se vive sozinho, mas também pode ser realizada no coletivo, com outros: “a experiência é, nesse sentido, fissura, não saber, prova do desconhecido, ausência de projeto, errância nas trevas ... contestação” [GDH, 2011:143]. Fala-se aqui de pequenas experiências ou de experiências menores, que foram as oficinaulas, ponderando sempre que a “experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e à clandestinidade de simples lampejos a noite” [GDH, 2011:148].

O percurso nesse momento é o de imaginar, de recordar e criar imagens dessas oficinaulas. Conta-se essas experiências para que nos aproximemos de uma possível ideia_conceito_termo_palavra que diga da potência desse espaço, desse dispositivo pedagógico de aprendizagem, cuidado, educação e saúde. Fala-se sobre as oficinaulas para explorar as regiões de vizinhança da educação e da saúde.

#

As oficinaulas aconteceram como Projeto/Ação de Extensão “Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e Saúde”, como explicado anteriormente. Realizou-se quatro encontros, sendo cada encontro de duas horas de duração. A primeira oficinaula aconteceu no dia sete de outubro (07/10/14), tendo como tema “Modos de cuidar e produzir saúde: dos azuis”. Foi facilitada por Graciela Caputti - Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva e Terapeuta Ocupacional, integrante do Coletivo ATO²¹, tendo a presença de Leonardo Abib - Mestre em Educação em Ciências: Químicas da Vida e Saúde

A segunda oficinaula aconteceu no dia quatorze de outubro (14/10/14), tendo como tema “O que pode um corpo no contemporâneo?”, sendo facilitada por Wagner Ferraz – Mestre em Educação, Coordenador do Processo C3 e Editor do Periódico Eletrônico Informe C3²².

O terceiro encontro realizou-se no dia vinte e um de outubro (21/10/14), tendo como disparador o tema “De Uma Vida anônima e passante”. Contribuíram para as reflexões, nesse dia, Heloísa Germany – Mestranda em Saúde Coletiva (PPGCOL/UFRGS) e Artista Visual; Lívia Zanchet – Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI/UFRGS) - ambas do Espaço Liso (grupo de extensão e intervenção urbana). Contou-se com a presença, nesse dia, de Ana Lúcia Valdez Poletto – Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS) e trabalhadora do Chalé da Cultura do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), e do Professor José Geraldo Soares Damico – Doutor em Educação, entre cotutela UFRGS e Université Paris 8,

²¹ Devaneio 18: Mais informações sobre o Coletivo ATO em <http://www.coletivoato.com.br/>.

²² Devaneio 19: Mais informações sobre o Pcesso C3 em <http://www.processoc3.com/> , <http://canto.art.br/canto-editorial/>.

professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCOL/UFRGS), orientador desse trabalho de mestrado e proponente do projeto de extensão.

A última oficina aconteceu no dia quatro de novembro (04/11/2014), tendo como tema “De como [res]pingar uma vida”. Os agenciadores dessa oficina foram Daniele Noal Gai – Professora da UFRGS e Doutoranda em Educação (PPGEDU/UFRGS), e Luciano Bedin da Costa – Professor da UFRGS nos Programas de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) e na Saúde Coletiva (PPGCOL).

As oficinas foram abertas a todos os interessados, alunos da UFRGS e comunidade em geral. As inscrições foram realizadas para os quatro encontros, tendo-se a liberdade de participação em encontros pontuais. Foi informado, via e-mail, através de carta-convite aos inscritos, sobre a importância do percurso dos quatro encontros para potencializar a experiência e realizar a vivência do encadeamento das temáticas trabalhadas, pois quanto mais fossem os encontros participados, mais potente seria a experiência. O projeto contou com 30 inscrições. Obteve-se pedidos de professores de outras universidades, para participação de encontros pontuais com suas turmas, mas estes foram negados pois, se desejava um processo de experimentação mais permanente. As oficinas tiveram uma média de participação 15 pessoas por encontro.

Caracterizou-se perfil dos participantes. O maior grupo pertence à área da saúde, principalmente da saúde mental coletiva, profissionais que trabalham em serviços substitutos, nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), trabalhadores de redes municipais de saúde – de Sapucaia do Sul, Viamão, Porto Alegre, Canoas. Alguns ainda estão cursando Residência Multiprofissional em Saúde (Coletiva, Mental, Saúde da Família). O segundo grupo é composto por profissionais da educação, que atuam em espaços escolares – de Porto Alegre e São Leopoldo, e

há um terceiro grupo formado por aqueles que participaram de um momento apenas, estudantes e interessados no assunto da medicalização.

A preparação das oficinaulas deu-se a partir de encontros e conversas com os facilitadores, agenciadores de cada vivência. No primeiro momento foi discorrido sobre o que se havia planejado, apresentando o tema gerador e, posteriormente, afinando um percurso de trabalho para oficinaula. Todos os facilitadores participaram voluntariamente do projeto. Todas as oficinaulas foram gravadas em formato de vídeo, sendo realizado o pedido e autorização anteriormente pelo TCLE. As falas foram transcritas e algumas delas são utilizadas no corpo desse trabalho. Algumas fotos irão compor o caderno de imagens, como um portfólio do vivido, ao final da dissertação, para o olhar capturar o que a palavra não consegue expressar.

Os nomes dos participantes foram trocados por letras do alfabeto, preservando-se a identidade dos mesmos e utilizando-se o critério de falas disparadas. O primeiro a falar no encontro foi identificado como A, o segundo a falar como B, o terceiro a falar como C, e assim por diante. Os agenciadores das oficinaulas serão chamados de Artesãos dos lampejos, e os participantes, por sua vez, de Alunoficinantes.

#

Os espaços das oficinaulas foram espaços de afecção, de encontros, de estranhas inquietações, colocaram os participantes a conversar sobre temáticas que fogem ao cotidiano. Foi um instante de parada. De produção de pensamento em grupo, no coletivo. As oficinaulas não tinham a pretensão de ser apenas encontros. Nem aulas. Nem oficinas. Mas desejava-se que produzissem o pensamento de um outro modo de viver a vida, um outro modo de produzir educação e saúde. Dessa forma, realizou-se a junção dos dois termos: oficinas – aulas em oficinaulas.

"Cada vez que eu tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que eu vi desenrolar em torno de mim. É porque pensei reconhecer nas coisas que vi, nas instituições às quais estava ligado, nas minhas relações com os outros, nas fissuras, abalos surdos, disfunções que eu empreendia um trabalho, alguns fragmentos de autobiografia [...] Meu modo de trabalho não tem mudado muito, mas o que eu espero dele é que continue ainda a me mudar." [MF, 2004:11]

Retoma-se a concepção de oficina como um espaço de criação, onde o processo de trabalho dá-se de forma manual e artesã. O termo oficina vem do latim “*opificius*”, artesão, com a junção de “*opus*”, obra e “*facere*”, fazer – fazer de forma artesanal uma obra.

Oficinar é realizar um processo de pesquisa, de criação e de inovação, e sua matéria principal é a vida [CORAZZA, 2011]. Oficinar é produzir artistagens [CORAZZA, 2006, 2011, 2012], ou seja, criações, colocar o pensamento para produzir imagens, jeitos, rachar as palavras e as coisas. São encontros que se fazem com ética, estética e política para um cuidado e uma invenção de si mesmo. Entende-se que o “pesquisar e officinar produzem modos minoritários de conhecer. Rasgar a roupa, potencializar o vazio, desdobrar acoplamentos intensivos. Suportar a nudez do sentido. Um desatino. Linha dissonante. Proliferar outros olhares. Tangenciar o limite” [FREITAS; MACHADO, 2013:242].

Agencia-se dessa forma com outras linguagens, com a dança, com as sensações e sentidos, com a arte, com a literatura, com a música, o cinema, a fotografia. Oficinar nas oficinaulas é trazer para a mesa o que preocupa, o que ocupa o cotidiano, é problematizar os processos de trabalho, os fazeres e os modos de viver a vida, perceber a estranha inquietação e dar voz e corpo a ela.

Oficinar é “extrair acontecimentos das coisas, dos corpos, dos estados de coisas, dos seres”, ou seja, “traçar, inventar, criar linhas, que dobram os saberes, fazeres, sentires, uns sobre os outros: consoando a Filosofia, a Matemática, a Música, a Sociologia, a Literatura, as Artes Visuais, as Ciências, etc”. Dessa forma, pode-se “rejeitar as modelizações confinantes, que negam o novo e requerem, apenas, regularidades, médias e métricas: priorizando a poética, o processual e a reversibilidade” [CORAZZA, 2011:55].

Aula, por sua vez, remete à imagem de uma sala de aula, com cadeiras em linhas verticais até o quadro negro/verde, a um professor e a um processo de aprendizagem. Proveniente também

do latim, *aula*, e no grego *aulé*, remetia-se aos palácios onde aconteciam as lições, lugares onde se recebia o conhecimento, onde ocorre uma exposição didática feita por um professor.

A aula já está cheia, como diz Corazza [2012:24], ela possui “dados” que já estão prontos como “dados de conhecimento de verdade, que determinam aquilo que é ensinado (o conteúdo) e a maneira como é ensinado (a didática)”, dados que definem, por exemplo, que o aluno estará sentado nas carteiras, e os “valores instituídos da aula”, se ele aprende ou não, se ele é inteligente ou não. Existe a possibilidade de criação em uma aula, não se nega isso, mas o princípio e a imagem que se tem ao pensar, ao ler, a palavra aula são esses. Pensa-se que uma aula possa ser de invenção, de criação, momento em que o exercício da leitura e da escrita esteja presentes como possibilidade de abertura de mundos, quando a vida acontece por fabulações. Trata-se de uma aula que transcria, em educação e em saúde.

Ao colar os termos produz-se uma variação, um movimento, uma parafernália, que se intitula, nesse trabalho, Oficinaulas. Há, aí, um “entre” que funciona na produção de conhecimento e aprendizagem, na construção da vida como obra de arte. As oficinaulas se prestam à criação de instrumentos, de dispositivos, de ferramentas para o trabalho com crianças e adolescentes, jovens e adultos. Na saúde e na educação. São um dispositivo pedagógico [por]menor²³ de potencialização de vida.

“Nesse espaço habitualmente unário, por vezes (mas, infelizmente, raras vezes) um <<pormenor>> chama-me a atenção. Sinto que a sua presença por si só modifica a minha leitura, que é uma nova foto que contemplo, marcada, aos meus olhos, por um valor superior. Este <<pormenor>> é o punctum (aquilo que me fere). Do ponto de vista da realidade (...) toda uma causalidade explica a presença do <<pormenor>> (...) o pormenor é dado por acaso e mais nada.” [RB, 2010:51]

²³ Devaneio 20: Ou uma Pedagogia dos Pormenores [RODRIGUES, 2011], termo cunhado no trabalho de Conclusão de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. Pensa-se aqui, como rabisco de pensamento em uma Pedagogia dos Pormenores na Saúde Coletiva, ou uma Pedagogia da Saúde Coletiva. Pensar em uma Pedagogia dos Pormenores/da/na Saúde Coletiva é estar atento aos pequenos in[a]cidentes cotidianos de uma vida, onde o menor se potencializa nos movimentos sutis de escuta e escrita. Trabalha-se com os microacontecimentos, com aquilo que foge ao olhar, a escuta, ao som, a escrita. Aqueles pequenos restos, sobras que não se tem por importante, com aquilo que se escapa, com as vidas que escapam e escoam. Olhar para esse pormenor, deixar que ele nos afete, que ele escape para a gente. De maneira que o ato de aprender se engendre potencialmente com novas possibilidades de vida e a outros modos de criação e denominação do que se enfrenta de forma corriqueira. Pormenores e Parafernálias que afirmam um processo intensivo de aprendizagem, composto num fluxo de linhas desejanter capaz de fazer variar os modos habituais com que os corpos se articulam: no contrassenso, no dissenso, na divergência, no inusitado, no paradoxal, no hábito.

As oficinaulas versam sobre escola, aula, atendimentos, clínicas, dança, teatro, fotografia, cinema, literatura, ensaios, dores, alegrias, planos diversificados, inventos inclusivos, atividades compartilhadas, docência compartilhada, ludicidade, riso, contemporaneidade na vida, na saúde e na educação. Em grande medida, as oficinaulas tratam da diferença, daquele que vive em fuga, por linhas de fuga, daquele que lampeja e sobrevive.

Como lembra Didi-Huberman, “abramos os olhos para experimentar o que não vemos, o que não mais veremos - ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como uma obra (uma obra visual) de perda. Sem dúvida, a experiência familiar do que vemos parece na maioria das vezes dar ensejo a um ter: ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa. Mas a modalidade do visível torna-se inelutável - ou seja, votada a uma questão do ser - quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí” [GDH, 2010:34].

Oficina: modos de cuidar e produzir saúde: dos atóis

A memória é uma ilha de edição. Waly Salomão [2005]

Sinto a pele quente. Parece o sol, com sua intensidade, a acariciar o corpo. Os olhos estão fechados. Pisco. Algo incomoda o corpo, como uma folha de grama que roça suavemente. Coça. Me lembro de quando era criança e a grama não incomodava. Rolava de todos os jeitos. Atirava-me no encontro do outro. Da bola. Do papel que servia como carrinho para descer os montes. O brilho que tenta entrar é como a luz no alto das árvores. Faz um efeito bonito nas folhas e nos frutos. A goiaba madura. A jaboticaba colhida no tronco. Pitanga colhida subindo na árvore. O balanço de pneu, esticado nos galhos. Lembranças. Memórias. Um sorriso cresce no canto da boca. Umedeço-a. Lembro que prefiro a areia à grama. A areia do mar. O barulho das ondas. Da água, indo e vindo. Do correr pela areia. Da sensação da primeira vez, frente à imensidão do azul. Do medo inicial. Do pé na água fria. Do voltar correndo para o aconchego do abraço. Do experimentar novamente. Do se lançar na água. Do primeiro gole da água salgada. Do medo. Do sol aquecendo o corpo. Da areia grudando. O corpo descansa. Sinto-me bem confortável. Os olhos fechados. A música de fundo. Som de vinil. Aquele momento antes da música começar a tocar. Agulha percorrendo o sulco do disco. Viro de lado. Alguém passa um pano suave no meu rosto. Brincadeira de esconde-esconde. O baú cheio de quinquilharias. Das parafernalias que se transformavam em brinquedos. Um cheiro de perfume passa próximo de mim. Bolo de infância. Saindo quente do forno. Da avó ralhando para não

comer quente, esperar esfriar. Esperar. Recebo uma massagem nos pés. A música suave me embala. Sinto meu corpo ser afagado por texturas diferentes. Um cafuné no cabelo. Meus pensamentos voam. Lembram da infância. Do cuidado. Das brincadeiras. A música vai baixando. Alguém pede para despertarmos vagarosamente. Reluto um pouco. Permaneço deitado, com os olhos fechados. Mais uns segundos antes de abri-los, antes de espreguiçar o corpo e levantar novamente para o mundo.

#

A primeira oficina teve como título “Modos de Cuidar e Produzir Saúde: dos azuis”. Foi agenciada pela Artesã dos Lampejos Graciela Caputti, que teve como parceiro do piscar-piscar, nessa oficina, Leonardo Abib. A sala foi preparada antes da chegada dos alunoficinas. O chão recebeu tecidos e espumas, ficando mais confortável para o sentar e o deitar, dispendo-se no centro os materiais para as produções inventivas: papel, tesoura, cola, fitas, materiais para colagem e recorte, tintas, canetinhas, lápis de cor, ... Aos poucos os alunoficinas foram chegando, se aconchegando. Um. Dois. Cinco. Nove. Onze. Quatorze, os que se lançaram a essa primeira experimentação.

O roteiro da oficina foi cartografado em quatro instantes. No primeiro, de uma apresentação inicial e uma aproximação com o tema a ser trabalhado, disparou-se uma pergunta para as conversas iniciais. No segundo instante trabalhou-se com a imagem em movimento para a produção de uma escavação das memórias. O terceiro instante mexeu com as sensações corporais e, por fim, sistematizou-se o vivido por meio de imagens e palavras colocadas no papel.

“A ideia de ‘uma’ criança que persiste no adulto enquanto virtualidade e enquanto condição de divergência e diferenciação da cognição, abrindo caminho para a exploração da dimensão inventiva da cognição.” [KASTRUP, 2000:376]

Nessa oficinaaula trabalhou-se o cuidado de si através das lembranças da infância. Foram trazidas à tona imagens das crianças existentes, um devir-criança. Das imagens lembranças felizes, das imagens que ainda hoje potencializam o viver cotidiano. Um devir-criança que possibilita um deslocamento, um movimento de transformação e de invenção das coisas. Um movimento de encontro da criança e do adulto que coabitam nas potências de ser.

#

A apresentação inicial percorreu o mesmo caminho, o ser adulto de sempre: “Sou Elisandro, formado em Pedagogia, fiz residência em Saúde Mental Coletiva, atualmente faço mestrado em Saúde Coletiva, trabalho no Grupo Hospitalar Conceição ...”. Apresentação não do que sou, mas do que faço. Sou Residente. Trabalho num CAPS. Sou Psicóloga. Sou Enfermeira. Sou Professor de Educação Física. Sou Pedagoga. Sou Assistente Social. Sou Fisioterapeuta. Estudo Letras. Biologia. Trabalho em Sapucaia. Trabalho em Viamão. Trabalho em Porto Alegre.

Após a apresentação dos ser adultos, disparou-se uma pergunta: *o que é saúde, o que é cuidado?* Algumas colocações vieram, ainda tímidas, como uma criança a descobrir o território ou ao conhecer outra criança.

“A saúde é muito ligada ao afeto e ao desafeto.” [A]

“É preciso pensar o devir-criança enquanto átomos de infantilidade, que produzem uma política infantil (desta vez, sim) molecular, que se insinuam nos afrontamentos molares de adultos e crianças...” [CORAZZ A, 2003:101]

*“Saúde é estar aberto aos momentos da vida, esse sempre estar indo e vindo.”
[B]*

“Eu acho que saúde é quando tu consegues trazer pra tua vida um pouco mais de leveza, tem muita coisa dura no cotidiano que nos adocece, o cuidado é isso, os meios da gente potencializar”. [C]

“Eu acho que saúde cada um sabe, eu sei pra mim quais as coisas que me deixam saudável, dançar, namorar, sair, me divertir, mas eu tenho certeza que só o outro pode me dizer o que é saúde pra ele, assim como o cuidado, é o que é pra ele, o cuidado pra mim pode ser um abraço, se eu estiver precisando disso, mas pro outro a gente vai ter que ver.” [D]

“Saúde acho que é ter uma noção de viver a vida do jeito que se quer viver a vida.” [E]

Não se entrou em uma definição conceitual, apenas disparou-se a pergunta, deixando as respostas e[s]coarem no ar.

#

Logo em seguida, passou-se ao segundo instante. Utilizando os meios imagéticos, reproduziu-se um audiovisual realizado com imagens de infâncias, captações na sua maioria antigas, em super 8. Imagens-ações de alegria, de felicidade, de afecções. Antes do audiovisual, Graciela comentou que iríamos escavar lembranças, usando o método da escavação, que a Terapia Ocupacional utiliza. Esse método é uma maneira, jeito, forma de ajudar o sujeito a pensar, fazer e

“Notemos que a infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência [...]. Devir-criança não é tornar-se uma criança infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988, p. 10-15). Um devir é algo "sempre contemporâneo", criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo." [KOHAN, 2004]

falar. Acontece na escavação, no aprofundar o que está na superfície, buscando o esquecido, cavando nossas perguntas em perguntas anteriores.

Escavar é “um lugar para se inventar – no sentido arqueológico da palavra: escavar para trazer à luz – uma forma humana desconhecida. Lugar onde possa surgir o essencial, isto é a inquietante estranheza” [GDH, 2009:32]. Buscar nas memórias, nas lembranças aquilo que potencializa a vida, essa “inquietante estranheza” que sempre está coçando, pululando. Escavar não é só buscar na terra aquilo que já está esquecido, morto, é também “manejar, na terra aberta – lavrada, 'lavourada', como se dizia antigamente – uma passagem para formas com memória de seu devir, de seu nascimento e crescimento futuros” [GDH, 2009:56].

Após o audiovisual²⁴, disparou-se as questões: 'o que esse vídeo mobilizou na gente? O que de nossa infância estava presente nessas imagens?' Com essas perguntas simples, mas inquietantes, as memórias foram colocadas em cena, vieram imagens da vida, das histórias, presentes e passadas. Escavou-se lembranças do que nos potencializava e do que ainda hoje potencializa o devir criança.

“Passa a importância de estar com o outro. No início estávamos falando do cuidado, a vida não tem muito sentido sem o outro, fazer aquilo que a gente gosta, trabalhar com as sensações, o toque o cheiro”. [H]

“Me chamou a atenção o som do disco, do vitrola, do vinil, isso pra mim me lembra muito a infância, e é um som simples, não diz nenhuma palavra, é cheio, vai te conectando com várias coisas, te leva para um outro lugar”. [B]

²⁴ Disponível em <https://vimeo.com/111583316>.

“Deu pra sentir um palpíte no coração, uma coisa boa por dentro, mas eu não consegui localizar se eu vivi ou não, mas me deu uma coisa boa por dentro...as folhas com o sol por trás, foi uma cena...a praia..” [C]

“Me lembrou minha infância, nos anos oitenta...E aí eu brincava no pátio dos meus avós, e tinha uma goiabeira. Então essas cenas do balanço, da menina com a bacia cheia de frutas me lembraram as baciadas de goiaba que distribuíamos na vizinhança...” [F]

“Várias cenas que me remeteram à infância ... mas me deu também, sei lá, um pouco de tristeza, por pensar as infâncias de hoje, muito regradadas, muito cheias de limites...Aí pode ser uma impressão minha de adulta, que pode ser que eu esteja errada, e pensando em algumas crianças com quem eu convivo, não tem essas possibilidades, essa riqueza de brincadeira, de invenção, de criação ...” [G]

Sensações do que se viveu, tristezas por alguns processos do hoje. Do que perde a graça e do que alimenta a vida. Um audiovisual que dispara escavações. Escavando um pouco mais, pediu-se para que, em pequenas folhas, registrassem: *'o que eu mais gostava de fazer quando criança, que brincadeiras, jogos, parafernalias criava, e o que eu continuo ainda hoje fazendo'*. Com essa escrita continuou-se a operação de lembrança e memórias, o “devir criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância” [GD, 2001]. Foi uma memória escavação que instigou o retorno da escuta, em que cada um escutou o outro. Aos poucos todos foram falando, comentando, dando risada, rememorando o passado e atualizando o presente.

“Eu fiz várias, minha infância foi bem legal, brinquei de tudo, na rua, com amigos, jogar bola, jogar videogame, mas tinha umas coisas que desde pequeno eu fiz e têm bastante sentido, uma delas é desenhar, eu gostava muito de fazer quando era pequeno, me acalmava ... Desenhar. Eu tinha parado com isso quando eu fiquei adulto, fui resgatar depois que eu fiz uma residência, residência é um turbilhão de coisas, tu acaba fazendo

muita coisa e trabalhando com saúde mental tu faz muito pelas pessoas e tu para de fazer por ti, né. Foi nesse momento que pensei em voltar a desenhar. Essas duas coisas eu resgatei, fiz na infância ...” [A]

“Eu adorava dar cambalhota, ficava horas dando cambalhota de lá pra cá, de frente, de trás, na cama. Mas a minha brincadeira era mexer, futricar nos armários das minhas tias, eu ia lá e ficava horas, e mexia, e pegava uma coisa ... pegava um pouquinho de cada e levava pra casa, não fazia nada com aquilo depois, umas fitinhas de tudo que é coisa. E isso é uma coisa muito minha, de curiosidade (quem sabe de pesquisa – Graciela), estou sempre meio querendo descobrir coisas novas e futricando”. [G]

“Eu ia falar disso do dançar, porque eu adorava dançar e hoje danço mais contida. É engraçado, pois, quando eu era criança, eu era bailarina, fui bailarina profissional, dancei balé durante anos, e aí chegou um tempo que eu me dei conta que eu odiava fazer aquilo, eu tinha horror. Eu gostava mesmo era de ficar pulando, fazendo dancinha das chiquititas, das spice girls, aquelas coisas. Coloquei milhares de coisas, mas depois me dei conta que a maioria das minhas brincadeiras tinham água, eu amo água, rio, cachoeira, piscina, arminha, bexiguinha, balde de água, jogar água nos outros ... e tudo com rua...” [I]

“Uma das coisas que eu coloquei é uma coisa que eu fiquei pensando que pra mim tem uma relevância muito grande ainda hoje, é catar, colher pitanga, na verdade. No pátio da casa da minha avó tinha uma pitangueira, e era onde eu ia nos finais de semana, às vezes de tarde, no final de tarde depois da escola, e tem a época da pitanga, ela não dá durante o ano todo, e aquela árvore pra mim tinha, na verdade tem até um galho que a minha avó diz que é o galho da J, que era o galho que eu brincava, que eu tinha uma relação com aquela árvore superimportante, então eu ficava esperando a pitanga, primeiro dava aquela florzinha branca, depois tem todo um processo, daí a árvore se colore toda ... Enfim, eu ficava catando as pitangas, chamava as amiguinhas, subia e vivia em cima da árvore, teve um tempo que eu inventei de vender as pitangas na rua ... Eu pensei: ninguém vende pitanga no mercado, eu vou ficar rica (risos). Depois o meu irmão fez a mesma coisa ...” [J]

“Acho que essa questão da espera é muito interessante, esses dias estava pensando sobre isso, e hoje a gente espera pouco, não tem mais esse tempo da espera, se enche o saco de ficar esperando sei lá, cinco minutos o ônibus, ou pelos outros. A gente não espera mais, e essa questão é bem interessante assim, to lendo um cara que é Ernest Bloch, que fala dessa questão da esperança, daí eu fiquei viajando que na esperança tem essa questão da espera – espera[nça] – tem essa questão da espera, da esperança pra aquilo vir a acontecer, pra brotar, pra ver a flor da pitanga tem uma espera”. [Elisandro]

Devir criança. Que brinca. Que corre. Que joga bola. Vôlei. Videogame. Brinca de boneca. De bonequinhos de açã. Que se molha. No rio. No mar. Nos lagos. Com o balde. Com bexiguinha de água. Que sobe em árvores. Que colhe pitanga. Que dança. Que procura. Mexe. Bagunça. Que faz sujeira. Que espera. Que cuida de si.

Nessa escavação deu-se passagem a um encontro entre o adulto e a criança, um encontro composto de um instante que fez pensar no que se fazia e no que ainda se faz para potencializar as vidas. Interessante perceber que algumas das brincadeiras, ou dos fazeres que alegravam e divertiam, por tempos ficaram adormecidos, mas que retornam em algum momento da vida, principalmente quando a vida está se apagando.

Quem sabe “o devir-criança é uma forma de encontro que marca uma linha a transitar, aberta, intensa”, que volta e meia [‘meia volta vamos dar’] lampeja novamente sem ser convidada: “devir-criança é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma "involução criadora", a "núpcias antinatureza", a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada” [KOHAN, 2004].

#

Após escavar o devir-criança, passou-se para o terceiro instante de experimentar o experimental de um corpo sensorial. Pediu-se que todos ficassem mais à vontade, que deitassem no chão, se aconchegassem tranquilamente. Colocou-se uma música de fundo. Escureceu-se a sala. E aos poucos os Artesãos dos Lampejos (Graciela e Leonardo) foram passando, de um em um, com texturas, cheiros, massagens, cafunés, com sensações e experimentações diferentes. Uma escavação sensorial. Um sentir sensorial. Um acolhimento e cuidado do outro, de si. Através do que

o corpo sente. Momento poético de sentir o cuidado que provém do outro. Um cuidado delicado, sensível. Uma entrega de si.

Esse instante foi leve, percebia-se todos ali vivendo aquele momento, esperando um toque, um gesto, um cheiro. Uma lembrança. Uma memória. Quando se voltou desse momento, foi encaminhado o registro, aproveitando as sensações ainda presentes desse último instante, biografematizou-se as vivências ao longo da noite. Delicadamente registrou-se com tinta, cor, pincel, giz, papel²⁵.

Aos poucos os alunoficinantes foram terminando e mantendo o clima de uma concentração inquietante e pensante, e encaminhou-se a última atividade da noite - apresentar-se novamente. Mas agora apresentar-se com as memórias e lembranças escavadas, com um cuidado de si e do outro, compartilhando também o registro realizado.

*Eu sou **G**, eu sou uma aspirante a descobridora, eu faço muitas buscas e nessas buscas eu encontro muitas coisas, que é solitária mas que também é acompanhada de várias pessoas, de várias coisas, até por que eu busco (risos). Encontro muitas coisas legais que me fazem criar.*

*Eu sou a **C**, eu sou quem está aprendendo a estar presente na intensidade e no movimento de se deixar afetar.*

*Eu sou a **B**, sou quem precisa criar, quem precisa inventar brincadeira, quem precisa se divertir. Sou também um pouco de natureza, e quem gosta de se sentir viva. Seja descobrindo os limites, seja me desiludindo, seja criando novas ilusões, tudo isso me deixa viva e isso é o importante.*

²⁵ Devaneio 21: Os registros estão no caderno de imagens.

*Eu sou a **D**, eu fiz um palhaço e escolhi esse tecido porque eu acho que tem tudo a ver com palhaço, a cor, eu acho que é isso a vida. Eu me sinto meio palhaça, as vezes, sabe ... Perde o amigo mas não perde a piada, tem um pouco disso. E a vida é que nem esse pano, precisa de movimento pra ter algum sentido pra fazer se a gente mexer nos bracinhos e nas pernas, talvez parece mais uma vida. E também é legal que esse tecido tem uns farrapos, uns fiapos, eu até que quis cortar esses fiapos mas revi de novo ... E eu acho que a vida é assim, a gente fica meio fiapos, farrapos, depois a gente volta e consegue...era isso.*

*Eu sou a **I**, pois é, não sei o que eu vim ... quem eu sou... (mostrando desenho) Como eu falei, eu borboleteio muito por aí, sempre, não paro um minuto, tem amor e a noite. E a vida também é isso, amar, poder curtir e borboletear por aí.*

*Sou **L**, não tenho nenhuma habilidade com desenho, então eu coloquei algumas palavras que pra mim trouxeram reflexão nesse dia, como sentir, refletir-se, então pra mim é gostar, estar com os outros e permitir-me sentir.*

***A**, desenhei o entardecer, o espaço, porque tem muito a ver comigo porque (mostrando imagem) a imensidão ... ao mesmo tempo é silencioso, eu fico feliz pelos amigos que eu tenho, mas às vezes eu também preciso de um momento de silêncio, sozinho... mas eu também gosto dessa sensação de que eu não sei o que vai acontecer.*

*Eu sou o **E**, eu já tinha posto as brincadeiras, e a Graci comentava, eu acho que sou um pouco de movimento, tenho muita dificuldade de não estar em movimento, de ficar parado, é muito difícil isso. Daí eu ia me desenhar andando de bicicleta, daí eu não, vou desenhar aquilo que me chama a atenção quando eu ando, daí as cores, tentei fazer um lance de movimento (mostrando o desenho) mas também não sou muito bom, daí eu coloquei umas cores vivas que chama a atenção (tridimensional).*

*Eu sou o **Leo**, e sou um cara menor, não no sentido de tamanho, de pejorativo, menor porque é bom ser menor, as coisas que são grandes, que se espalham demais, isso é meio evasivo, acho que o menor dá pra fazer as coisas escondido, ficar debaixo das pernas dos grandes, dar umas rasteiras.*

Sou **Elisandro**, e eu sou uma nota azul. Eu gosto dessa tonalidade do azul, desse anoitecer/amanhecer, dessa hora azul. A nota azul, na verdade, ela pode ser qualquer coisa também, essa multiplicidade e diversidade.

Sou a **Graciela**, gosto muito de dançar, de fazer teatro, acho que meu genuíno é muito das raízes, da família, do chão, da natureza e do afeto.

Sou a **M**, e eu acho que sou um pouco de vários tons, não sou só uma cor. Porque, às vezes, a gente tem momentos mais escuros, outros mais claros, eu gosto bastante da fusão das cores, acho que fica mais vivo.

Meu nome é **H**, não sei se eu sou a Lolanda, eu fiz pra tentar representar um pouco aqui uma roupagem da história de Frida que ... uma pessoa que sempre correu muito, bateu muito a cabeça e a aí aprendeu que dançando é bem mais fácil.

Bom, meu nome é **F**. Fiquei pensando se eu trazia brincadeiras, e fiquei pensando se eu ainda continuo fazendo, se eu ainda continuo andando de skate, daí eu fiquei pensando nas coisas que eu busco, e aí quando eu faço pilates, quando eu faço ioga, quando eu faço slackline, que são tudo coisas que eu gosto ... fui me dando conta que eu busco equilíbrio. Ao mesmo tempo que eu faço as atividades eu acho que eu também busco desequilíbrio, porque eu procuro essas atividades. Daí eu fiquei pensando em construir uma coisa que pudesse representar isso, que eu nem sempre consigo estar aqui, um pouco de razão, um pouco de sentimento, numa mistura que fica tentando pegar um eixo, e que em alguns momentos eu consigo e em outros eu não consigo.

Então eu sou a **J**, e eu então ... eu acho que sou alguém que está descobrindo, se percebendo dentro de ciclos, de momentos, encontrando a beleza de cada um deles, a importância de cada um. Eu fiz uma lua em momentos diferentes, nisso da espera, do ciclo, de perceber que em momentos eu estou aprendendo, que em momentos eu estou extravasando, que em momentos estou mais introspectiva. Eu acho que estou aprendendo a me conhecer nesses momentos, nos meus e no da vida que me proporciona, do momento dos outros, do encontro dos outros. E então eu representei a noite, com o preto. A noite e o escuro é uma beleza, eu aprecio muito escuridão, o que às vezes pode estar ligado a tristeza e tal, mas pra mim tem uma beleza, perto de outros

aspectos de natureza, de árvores. E eu gosto bastante de dias bastante chuvosos, dias com vento e tempestade, eu gosto muito de ver a natureza se mexendo, e sentir que ela existe, que eu não sou sozinha no mundo que tem algo pra muito além. Eu tentei colocar uns elementos de natureza, banho de chuva, sentir o vento batendo.

Sou o O, eu representei coisas que são genuínas pra mim, eu genuinamente peguei uma árvore, coloquei uma corda para dar impulso para me lançar para o mundo. Encontrei uma coisa que vai ou não me fazer viajar para o meu objetivo, e o objetivo também não sei.

Eu sou P ... eu gosto de testar coisas e a vida é muito pesada, às vezes, as responsabilidades, a gente esquece de brincar como criança, brincar com as coisas.

Eu sou N, eu desenhei um dia misturado com uma noite, um sol e uma lua juntos, como aqui e o agora, acho que eu viajei (risos), mas eu acho que é um pouco de genuíno, dessa coisa dos ciclos, de criar, de ter uma saudade do amanhã, de grande expectativa do passado, de uma ausência do agora, essa mistura de ciclo, de coisas que passam.

#

Depois da apresentação do que somos nesse instante que se faz presente, encaminhou-se o convite para a próxima oficina e terminou-se em roda, com um mantra que dizia: “é muito gostoso esse nosso aconchego, esse nosso chamego, essa nossa alegria de ser feliz...”. Repetiu-se algumas vezes, diminuindo a intensidade até ficar um sussurro. Despediu-se com abraços.

#

Essa foi uma das oficinaulas em que mais se produziu material, de escrita, de fotos, de devolutivas, de trabalhos. Comenta-se brevemente um registro, para finalizar a imaginação dessa oficinaula. O desenho foi feito pela participante C, em uma pequena folha, com muita intensidade de cores, azul, verde, vermelho, laranja, marrom. Parece ser um pedaço de terra com uma planta, ao lado de um lago de um azul intenso, recebendo o calor do sol. No meio do desenho, uma palavra composta: afetar (se). Pensa-se que essa foi a palavra dessa oficinaula – deixar-se afetar e afetar os outros, escavando as memórias e lembranças para potencializar modos de cuidar e produzir saúde e educação .

Pensa-se em duas questões a partir dessa oficinaula: A) O que observa-se, como imagens da medicalização da vida, fabricadas nas palavras proferidas e desenhadas? B) Quais I[c]ascas de potência de vida são visíveis nas oficinaulas?

Pode-se dizer que a imagem da medicalização da vida presente, se fosse fotografada, por uma máquina Polaroid, demoraria mais a aparecer do que o normal. Ao revelar-se, mostraria uma pedra, dura, fria, pesada. Em cima dela um pedaço de carvão com pouca energia, simbolizando uma vida a se apagar. A imagem da potência é a de uma criança a esburacar um quintal à procura de objetos esquecidos pelo tempo, enterrados na memória. As I[c]ascas de potência seriam um sopro de infância, de brincadeira, do dançar pelas ruas e cantos. De um divertir-se com o inútil, de uma vida que é leveza, de que se cuida através do afeto, do estar com e de um escutar o outro, que aumenta a potência de agir e os modos de vida.

Oficina: o que pode um corpo no contemporâneo?

Do discurso genérico-científico ele [Hélio Oiticica] carrega a experimentalidade a toda uma série de séries de proposições corporais. Corporais de que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala. Mas ele escolhe um outro corte: o corpo capaz de fruição sensorial, o corpo desreprimido, o corpo erótico, o corpo matriz das singularidades e fonte dos desvios do mosaico de mandamentos. Waly Salomão [2003]

Chego. Sento. Escuto. Me convocam a ficar de pé. Não quero. Estou cansado. Mas levanto. Dizem pro meu corpo movimentar. Reluto. Movimento-me. Meu corpo movimenta-se. Dança. Caminha. Para. Silencia. Espera. Fios multicoloridos passam e repassam por ele. Um nó. Vários corpos interligados por uma linha. Linha de fuga? De pensamento? De conexão? Que condutas tem meu corpo? Que corpo é esse nesse emaranhado? Corpo movimenta-se. Uma multiplicidade de movimentos. O que eu faço com esse corpo? O que eu faço com esse corpo em movimento? Variação de movimentos. Sento. Levanto. Corro. Paro. Agacho. Abraço. Paro. Varia. Encontro. Com o outro corpo. Empurro. Giro. Solto. Encontro-corpo. Giro. Solto. Empurro. Encontro com outros corpos. Dois. Três. Ao mesmo tempo. Encontro. Giro. Solto. Empurro. Encontro. Movimento não programado. Como entro? Como giro? Paro. Sento. Penso. Volto a movimentar-me. Caminho. Olho. Corro. Paro. Encaixo no corpo do outro. O mesmo sempre. Mas com variação. Como não deixar ninguém sozinho? Como encontrar o outro nessa confusão de corpos? Lembro-me de Pina Bausch. Mas não tenho tempo de pensar.

Corro. Paro. Respiro. Olho. Pulo. Agacho. Encaixo. O corpo do outro encaixando. O corpo do outro encaixando-me. Um ritmo. Danço. Mas eu odeio dançar. Mas danço. Movimento-me. Crio. E volto saltitante pra casa.

#

A segunda oficina teve como tema “O que pode um corpo no contemporâneo?” aconteceu no dia quatorze de outubro (14/10/14) sendo facilitada pelo artesão de lampejos Wagner Ferraz. Contou com a presença de 12 alunoficinantes. Nela, colocou-se os corpos para compor movimentos de vida a partir do encontro com o outro, produzindo variações e diferenças.

O trabalho dessa segunda noite, do Projeto de Extensão 'Por uma Clínica de Uma Vida: Políticas de Cuidado na Educação e Saúde', foi realizado em cinco movimentos. Foram movimentos que colocaram inquietações no corpo. Colocaram o corpo em movimento de variação, como um turbilhão no rio - “produz formas em formação, transformações, portanto efeitos de perpétuas deformações” [GDH, 2010:173].

As atividades/exercícios/movimentos propostas por Wagner colocam em agitação o corpo e o pensamento, produzindo uma variação, uma forma[ção]/deforma[ção] das possibilidades de se tornar e acionar-se enquanto corpo dançante. Ferraz, ao realizar essa oficina, tinha acabado de defender sua dissertação de mestrado, nomeada de “Corpo a dançar: entre educação e criação de corpos”. E foi um corpo a dançar que mobilizou a oficina.

#

O primeiro movimento consistiu em uma apresentação utilizando-se uma linha colorida. Ao produzir um deslocamento de palavras na fala, o alunoficinante enrolava-se com uma linha colorida no corpo. Um corpo emaranhado pelo movimento multicolor de uma linha. Braços. Pernas. Cabeça. Pés. Mãos. Pescoço. Para disparar a apresentação, perguntou-se, além do nome, qual o contato que já se teve com a dança. 'Se já dançou. Se já assistiu alguém a dançar. Ao vivo. Na televisão'. Uma teia humana formava-se no espaço.

“Não sei dançar e também não sei dançar tão devagar pra te acompanhar.” [F]

“... a dança pra mim sempre foi um pouco distante, apesar de eu achar legal a questão do ritmo. E as únicas vezes que eu me aproximei dessa questão do ritmo, e não da dança, foi quando eu era menor, adolescente, e eu fiz capoeira, daí eu tive bastante ritmo, mas a dança em si eu nunca pratiquei.” [A]

“... o contato com a dança é bem distante, mas eu vejo muito dessa linguagem, linguagem do corpo do movimento, acho que admiro isso, só que eu nunca dancei.” [M]

"A Dança, vou dizer uma coisa que eu disse para poucas pessoas, quando eu era adolescente, guri. Lá no interior eu tinha um grupo de dança, dessas danças tipo Back Street Boys, tinha um grupo de dança que a gente dançava no colégio, ia para apresentação, mas nunca dancei bem, não sei dançar. Fingia que dançava, mas eu gosto de me movimentar." [Elisandro]

Após as apresentações, todos estavam emaranhados, e o artesão dos lampejos iniciou a atividade, destramando as linhas em outros movimentos e histórias contadas, ao mesmo tempo em que movimentava a voz, falando desse corpo a dançar.

“Propus um pouco isso para tirar o foco da apresentação, pra gente já começar a brincar com o movimento de uma outra forma, com outros elementos, com o fio. A gente poderia estar fazendo um monte de coisas com isso aqui. Poderia trabalhar com cada um desses elementos e tornar isso dançante, colocar uma música e definir algumas coisas dentro disso, e isso já poderia virar processo coreográfico. Com uma coisa bem simples a gente

pode dançar, saindo um pouco daquela ideia da dança bela, linda ... com todos os modelos a ser alcançados ... saindo disso e pensando mais na dança como um movimento de vida”. [Wagner]

Movimentos que produzem vida, uma vida em movimento a partir de um corpo vibrátil, “capaz de fruição sensorial”. Um corpo é tudo o que nos coloca em condição de experimentação do mundo, das afecções, das emoções, do pensamento, dos encontros que produzimos com o outro. Somos movidos por encontros, “um corpo é primeiramente encontro com outros corpos... um corpo sofre de sua exposição à novidade do fora, ou seja, ele sofre de ser afetado” [LAPOUJADE, 2002:87].

Para Wagner [2014:32], um corpo a dançar se dá em movimento, “em acontecimentos que acionam um motor criador de variações que dão condições de um corpo vir a se tornar tantos outros. Movimentos entre um corpo que se torna um corpo de determinada prática e tantos outros corpos que se pode vir a se tornar”. Saber dançar, ou não saber, não é o que coloca o corpo em movimento. A dança da vida se dá nos acontecimentos que impulsionam, que potencializam a criação de outros possíveis.

O corpo é esse aberto para a vida, é nele que a vida acontece, para os encontros e para os afetos. O corpo pode ter a potência de criar atos políticos e revolucionários, como também pode ficar refém de si mesmo, de uma anestesia social, de uma medicalização que o impede de se movimentar. Mas mesmo doente, em mau funcionamento, pesado para se movimentar, ainda é um corpo.

Foucault [2013:12:11:14], em uma radioconferência realizada em dezembro de 1966, diz que o corpo é o ponto zero do mundo, que ocupa um lugar, que o “corpo humano é o ator principal de todas as utopias”. Então, “para que eu seja utopia, basta que eu seja um corpo”, “é como a Cidade

do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos”.

A proposta de Wagner, de emaranhar-se, disparou a dança da vida, o encontro com o corpo, mesmo não se percebendo que essa experiência, de enrolar um fio, já produzia um corpo dançante. Esse corpo nos acompanha sempre, “não posso deslocar-me sem ele; não posso deixá-lo lá onde ele está para ir-me a outro lugar. Posso até ir ao fim do mundo, posso, de manhã, sob as cobertas, encolher-me, fazer-me tão pequeno quanto possível, posso deixar-me derreter na praia, sob o sol, e ele estará sempre comigo onde eu estiver. Está aqui, irreparavelmente, jamais em outro lugar” [MF, 2013:07].

#

O segundo movimento realizado foi de despertar um pouco mais o corpo, colocar as energias em circulação. Realizou-se um aquecimento. Corpo em movimento pela sala. Corre. Caminha. Pula. Estica-se. Levanta as mão pra cima. Alonga-se. Para. Espalha-se pela sala. Para. Nessa parada, inicia-se o terceiro movimento.

Esse movimento desdobrou-se em variações. A primeira variação consistiu em uma pessoa sair do lugar em que estava, ir até outro alunoficinante, pegar na sua mão, girá-lo e empurrar na direção do acolhimento do outro. A segunda variação aconteceu com duas duplas fazendo ao mesmo tempo e, posteriormente, com três, quatro duplas movimentando-se ao mesmo tempo.

Ao som de músicas com ritmos diferentes, caminha-se até um outro corpo, gira-se o outro – uma volta, 360 graus. Solta-se o companheiro no espaço, em direção ao outro. Inicia-se com uma pessoa, passa-se a duas duplas, três duplas, quatro duplas fazendo o mesmo movimento. Pega. Gira. Encaminha para outra pessoa. Uma pausa para a palavra movimentar-se.

“Foi bom para um movimento não programado, tu não sabes como vais chegar para entrar nele.” [Q]

“Chega uma hora em que parece que o espaço diminui, tu ficas preso num corredor.” [R]

“E começa mais devagarzinho, depois vai acelerando.” [G]

“Bem girante.” [A]

“Eu ia dizer que achei divertido rodar, se movimentar.” [J]

Para o movimento seguinte, dividiu-se o grupo em dois, e cada alunoficinante recebeu um número. 1. 2. 3. 4. 5. O artesão dos movimentos explicou: ao dar a ordem de início, o alunoficinante que estiver com o número 1 faz uma pose, na qual possa permanecer por um tempo considerável. Quando estiver pronto, o número seguinte, o 2, encaixa-se no 1, sem encostar o corpo. Dessa forma, segue-se até o último. Depois, inicia-se novamente: o número 1 sai e compõe-se em outro espaço, encaixando-se no grupo em alguma ponta.

Seguiu-se algumas sequências de montagem e desmontagem ao ritmo de música, sempre tentando não encostar no outro. Na pausa para a palavra movimentar-se, Wagner inicia dizendo que:

“(...) É bom de assistir. A cada vez que eu proponho isso, parece que os grupos ficam ali assim consigo, numa relação com o outro, e se a gente começa a mudar as coisas na sala vocês não vão perceber - essa é a impressão que dá” [Wagner].

E as palavras movimentam-se no círculo formado no chão.

“Achei legal, que aos poucos a gente foi encontrando um ritmo. Assim que um reconhecia que o outro era o próximo, já ia se desligando, teve gente que começou a se espaçar” [R].

“Fiquei pensando nessa coisa que tu falaste Wagner dos pontos, pensando cada um como um ponto e de como esse ponto vai multiplicando-se” [Elisandro].

“Vi também que a gente tem a necessidade, não sei o porquê, de entrelaçar, de fechar, de criar corrente, e não tinha isso nas especificações. Nosso grupo fechou muito em correntes, mais pro final é que teve um espaçamento” [A].

“Parece que tinha uma preocupação de não deixar ninguém sozinho. Ia separando mas ao mesmo tempo se espichando, para ficar mais próximo um do outro” [I].

“Eu fui a primeira a ir, mas queria ficar vendo o que os outros estavam fazendo, ou os que estão em volta de mim, depois foi indo” [G].

“Acho que tem diferentes formas também, tem o manejo que é a tua vez ... Na minha cabeça, passava: será que eu me enfio no meio da galera, no bolor, ou fico mais distante? No início o pessoal estava entrando no meio, fazer um bolor, não sei como o outro vai sair, fica um troço mais denso” [A].

Movimento de formação e deformação de formas, de emaranhados. Um colocar-se a distância do outro, mas cuidando dele, e não ficar tão distante mostrou-se importante. Um corpo que se multiplica, conecta em um ponto, se desconecta, reconecta em outro. Um movimento de vida. Uma dança da vida. Corpos a dançar em ritmos diferentes.

Na sequência, realizou-se o mesmo movimento, mas dessa vez um grupo ficou a observar o outro. Para mobilizar mais a dança dos corpos, o artesão de lampejos sugeriu que, ao entrar nas composições, deixassem que a música os levasse, embalasse os corpos. Percebeu-se que na primeira variação do exercício todos estavam preocupados em encontrar um lugar no processo. Nessa segunda, os corpos já estavam livres, desconstruindo entradas e saídas a todo momento, jogando com ludicidade e entrega percebendo o seu movimento e o do outro, num cuidado de alternância.

Movimentando a palavra, duas questões: Como entrar no jogo? E Como entrar no ritmo do outro?

“Eu odiei isso. Tem uma coisa que eu não gosto é dançar, e ainda mais dançar sendo filmada” [F].

“No parado tinha uma preocupação, eu tinha, uma preocupação de como encaixar no outro e no movimento também, de como entrar de uma forma diferente, de como entrar no ritmo da pessoa” [G].

A essas palavras movimento, Wagner fez uma reflexão pertinente ao processo das oficinas como espaços de experimentação, de construção de um movimento de afetar-se no processo, no sentido de que essa experimentação pode produzir paixões alegres ou paixões tristes.

“É desse movimento que eu falo para vocês, é isso que coloca nossa vida em movimento, é isso que é dançante pra mim. Isso de eu odeio isso, isso mexeu, colocou num determinado movimento de olhar, é disso que se trata o processo. Não vamos fazer essa atividade e sair daqui ... 'olha como vai ser legal', 'ah a fulana não se adaptou à proposta, que pena', ou então: 'ah tu não entendeu', ou 'ah tu não tem condições de fazer isso', ou 'ah tu não serve pra isso' ... não é nada disso que se trata. Se trata de viver essa experiência e daí o que eu tomo pra minha vida disso” [Wagner].

Uma outra palavra movimento capturou a conversa sobre os processos de normatização da vida, sobre como lidamos, enxergamos e trabalhamos isso no cotidiano. Foi um movimento dançante que produziu inquietações no pensamento.

“Eu achei interessante isso, essa coisa de se soltar mais no espaço protegido. Eu ando sempre de fone e eu me controlo muito para não ficar dançando na rua e, às vezes, eu

“Fiquei pensando Wagner, nisso que l trás um pouco, do normal e do anormal do que é normal do que anormal e de como a gente vive, e o próprio movimento de vocês de encaixar de não se encaixar, qual é o jeito normal, qual é o anormal, como a gente faz isso. É interessante pensar” [Elisandro].

me pego oprimindo o outro, pois, quando eu vejo que alguém vem na rua dançando, eu fico olhando e dizendo: ó, que coisa isso. Eu me oprimo muito, pois tem todo um padrão de como se anda na rua como a gente se comporta. Eu me oprimo muito para não ficar cantando ainda mais inglês, eu canto muito mal em inglês, daí eu abaixo o volume pra não ficar cantando e quando eu vejo alguém vindo assim, na rua, fico pensando e achando o cara louco. Eu me oprimindo e oprimindo o outro.” [1]

#

No último movimento da oficina, criou-se uma coreografia, compondo um corpo dançante. Wagner conduziu os passos, mostrando as possibilidades de se produzir variações em cima de pequenos movimentos cotidianos que, quando repetidos, transformam-se em uma coreografia. Lembra-se, nesse movimento, de Pina Bausch, que, no processo de criação de sua dança-teatro, falava que nos movimentos de encontros dos corpos se produz palavras, que esses movimentos e gestos soam como palavras e que esse corpo, ao colocar-se em movimento, é carregado de memória e linguagem. Dessa forma, recordar e repetir eram dois recursos de trabalho na obra de Pina.

Os movimentos propostos para essa coreografia partiam do exercício de gestos das mãos, pernas, do girar, do compor com outro gesto. Ao conectar, produzia-se uma estética de dança. Ao final, todos agradeceram ao artesão dos lampejos por conduzir os movimentos do coletivo.

#

Seguindo o planejamento, e como realizado na primeira oficina, sistematizou-se a experiência de um corpo dançante que cria potências. Para essa palavra escrita, pediu-se que os alunoficinantes, em duplas, colocassem em uma folha com textura transparente, leve e que se distorce ao menor movimento, um pequeno texto, uma pequena frase, uma escrita que criasse e fizesse um movimentar-se nessa folha. Nesse encontro, brotaram produções potentes de palavras e gestos. Ao término, foram apresentadas as composições.

A primeira dupla iniciou a apresentação dizendo: 'a gente fez um esquema, uma pequena dança'. R, com a folha, começa a fazê-la tremer, movimentando o corpo. A folha começa a fazer bastante barulho. Então o movimento diminui, suavizando o barulho da folha. Sutilmente, passa para G, que continua fazendo movimentos com a folha e a repassa para a pessoa do lado, que segue com os movimentos e barulhos da folha. Q passa para S, que coloca a folha no chão e vai assoprando até F. F faz movimentos suaves, passando para A, que pega a folha totalmente agitado e movimentando-se um monte. I pega a folha e vai, em movimentos ondulantes, entregá-la para E. Este pega a folha e sai correndo, vai entregá-la para o Wagner, que a leva, lenta e suavemente, para a próxima pessoa. O barulho da folha fica bem baixinho com os gestos sutis de Elisandro, que as entrega para a J, que passa, também suave, para a M que a leva - voando - para o R e G novamente. Ambos leem: 'Se faz caminho, caminhe. Se faz carinho, ame' [R e G].

A próxima dupla iniciou falando que 'esse nosso troço está vivo, reverberando acontecimentos'. Foi passando a folha de mãos em mãos, para a leitura, e depois leram o que estava escrito na opacidade do papel: 'um corpo estranho em movimento também tem vida, e duvida!!!!' [S e Q].

Na sequência, a próxima dupla inicia um jogral: 'uma amiga minha não sabe dançar, daí ela escreveu aqui que ela não sabe dançar, mas que ao mesmo tempo ela não pode ficar parada. E daí

eu também tenho uma amiga de longe, daí eu pensei que o movimento cria um novo movimento' [F e E].

I e A mostraram a composição deles, falando da ausência e do desaparecimento que o movimento produz. E, para finalizar, J e M comentaram do desenho que produziram juntas.

“O nosso, a culpa foi da caneta. A gente dobrou a folha para ela dar um movimento, que a gente não sabe mais como dobrou, e a gente desenhou uma rosa na folha e só dá para juntar ela de novo do jeito que a folha foi dobrada, e está escrito um monte de coisas que vão mostrando o caminho pelas setas, e agora está difícil da gente ver, pois está apagando, é um desafio, é uma folha desafio. Tem duas formas: uma para montar a rosa, que tem que colocar ela em movimento, e a outra que são as palavras que estão em movimento” [I e A].

“A gente pensou a mesma coisa, mas não pensamos em uma forma criativa de expressar. A gente pensou no movimento do vento, que meio que nos leva, e fomos soltando o branco e vendo o que ia acontecendo na folha, vendo se ia grudar, se não ia grudar, e grudou um pouco. E somos duas Denises e pensamos muito, no início da fala, sobre o movimento da natureza, da chuva ... “ [J e M].

#

Encerrando a noite, comentou-se ainda sobre o encontro da potência nas coisas simples. Uma coisa simples: umas canetas, umas folhas, umas tintas. Comentou-se que “é nas coisas simples que a gente consegue potencializar, e o mais bacana é que essas coisas se apagam, elas deixam uma marca, elas podem ser de formas diferentes, têm um movimento, têm um vento. É interessante pensar no que sai, no que pode sair dessa coisa simples”. Antes da despedida,

agradeceu-se a presença de todos, do artesão dos lampejos da noite, Wagner Ferraz, e convidou-se para a próxima oficina.

#

Retomando as questões que disparam: A) O que se observa como imagens da medicalização da vida, fabricadas nas palavras proferidas e desenhadas? B) Quais as [c]ascas de potência de vida visíveis nas oficinas? Pensa-se que a imagem da medicalização da vida, de acordo com o vivenciado nessa oficina, é uma imagem estática. É como uma velha fotografia que perdeu os contornos, ou um cartaz velho pendurado em um poste, sofrendo a ação do tempo. Uma imagem movimento, para a medicalização da vida, seria a de uma pessoa dançando em uma calçada, sem motivo aparente. Congela-se essa imagem, amplia-se esse frame²⁶ e vemos, além do sujeito a dançar, algumas pessoas que passam naquele exato momento. Aproximando para a face desses passantes nota-se um olhar de opressão, de repressão, como se balões surgissem em cima dessas cabeças, dizendo: 'que pessoa louca', 'que esquisitão' - e muitas outras coisas que se pode imaginar.

A Imagem potência mostra corpos dançantes, corpos vibráteis. É como uma fotografia tirada no meio de uma festa, em que as silhuetas ficam desfocadas, aparecendo riscos de luz. É como aquelas fotografias noturnas de grandes avenidas, em que os carros são uma linha multicolorida de

"Eu não fiquei bruscamente cego, mas pouco a pouco, com a passagem dos meses, como se se tratasse de um longo adeus à luz. Desta forma, tive eu todo o meu tempo para dar conta do voo dos objetos mais preciosos, as imagens dos livros, as cores e os fenômenos do céu, e lhes carregar comigo em uma viagem sem retorno. Talvez tenha sido uma sorte que isto tenha se passado lentamente. Talvez tenha sido somente o cinismo do destino que tratava deste retardamento. Espero não ser nunca obrigado a responder estas questões de modo preciso." [BAVCAR, 1992:8]

²⁶ Devaneio 22: Frame, em português é quadro ou moldura. Na linguagem audiovisual o frame é um dos quadros de um filme/vídeo. Em português usa-se o termo fotograma para as imagens de filme, e frame para as imagens em vídeo/audiovisual. Frame é um corte no tempo da imagem em movimento.

pontos luminosos. Se o fotógrafo cego, Evgen Bavcar²⁷, capturasse essa imagem, ela possivelmente seria em preto e branco. Apareciam as curvas de um corpo feminino e, escrito com a luz de lanternas, próximo a esse corpo vibrátil e dançante, dança-da-vida ou, quem sabe corpo-utopia.

²⁷ Devaneio 23: Bavcar é um fotógrafo-artista-filósofo-poeta *cego*. Ele não nasceu cego, foi perdendo a visão após dois acidentes consecutivos. Ele pode enxergar até a idade de 11 anos. BELLOC [2005:61], nos conta esses dois acontecimentos em sua dissertação de mestrado, “Como já afirmamos anteriormente, foi a partir de dois acidentes subsequentes que ele tornou-se privado da visão física: aos dez anos perde a visão do olho esquerdo, acidentalmente, num choque com um galho de árvore enquanto brincava; aos onze anos sofre o segundo acidente, com a explosão de um detonador de uma mina terrestre, quando fere o olho direito, cuja vista vai gradativamente enfraquecendo, até perdê-la por completo com doze anos.”

oficina: de uma vida anônima e passante

*Tenho fome de me tornar em tudo que não sou tenho fome de ficção ficções fictionários tenho fome das fricções de ser contra ser tudo que não sou ser de encontro a outro ser tenho fome do abraço de me tornar o outro em tudo que não sou me tornar o outro sem tudo me tornar o outro a outra doutro doutra em tudo em tudo que não sou me tornar o outro de me tornar não o nome distinto o outro distinguido por um nome distinto do meu nome distinto tenho fome de me tornar...
Waly Salomão [2014]*

#

Crianças nas ruas. Uma bola. Algumas janelas. O vidro quebrado. Estilhaçado fica. A bola que nunca volta. Janela alta. Uma brincadeira de criança. Vamos ver se eu acerto. Uma pedra jogada. Estilhaço sobra. Na fúria do desentendimento. Uma surra. Um copo na mão. Uma parede por perto. O copo que voa. Estilhaçado na parede. O coração partido. Um espelho. Me olho. Tu olhas. Sem querer, bate. O prego que o segura é frágil. Estilhaços. Pedacos no chão nos mostram, em fragmentos.

#

Um encontro. Uma palavra maldita. Ou bem dita. Um afeto que se quebra. Ou que se cria. Do caminhar na rua. Do esbarrar numa pessoa. Do esbarrar em duas. Do sair xingando todo mundo. Da corrida na loucura do tempo. No esbarrar um outro. Uma palavra que se fala. Um olhar que se levanta. Um encontro que acontece. Um anônimo que [des]conheço.

*

Do vestir um jaleco. Com quem eu falo? Quem me fala? O que eu prescrevo? Da história que ouço. Do encontro. Quais os sentidos? O que é a dor de cabeça? Que encontros me afetam? Como produzo afetos? Produzo? Ou crio? Ou se criam sozinhos? Escuto. O encontro. Como juntar os cacos? Os pedaços? Os estilhaços dessa conversa? Cada pedaço é um pedaço. Dá a ideia de um todo. Cada pedaço é um todo. Que dá a ideia de um pedaço. Estilhaço.

#

Às vezes, é importante uma parada. Deixar que as pequenas solidões nos habitem. Mas eu pensei que solidões fossem uns sólidos bem grandões. Às vezes, sólidos bem grandões povoam a gente. Tenho fome. Tenho fome de me estilhaçar. Jogo. Um encontro. De jaleco. Estilhaço-me.

#

A terceira oficina teve como tema “De uma Vida anônima e passante”. Contou-se com a presença de 13 alunoficinantes, mais os convidados. Essa oficina foi um encontro de vivenciar experiências. De falas. De estilhaços de pensar o pensamento. Uma oficina em formato de roda de conversa, de um círculo em redes. Como artesãs dos lampejos, Hêlo[isa] e Lívia, do Espaço Liso, Ana Poletto, do Chalé da Cultura do Grupo Hospitalar Conceição [GHC], e o artesão dos lampejos Prof. José Damico. O roteiro foi a conversa, o diálogo. Trabalhou-se com o experimentar o

“Coloquei três pedacinhos de casca de árvore sobre uma folha de papel. Olhei. Olhei, julgando que olhar talvez me ajudasse a ler algo jamais escrito. Olhei as três lascas como as três letras de uma escrita prévia a qualquer alfabeto. Ou talvez, como o início de uma carta a ser escrita, mas para quem? Percebo que as dispus sobre o papel branco involuntariamente na mesma direção que segue minha língua escrita: toda carta começa a esquerda, ali onde enfiei minhas unhas no tronco da árvore para arrancar a casca. Em seguida desdobra-se para a direita, como uma corrente funesta, um caminho acidentado: desdobramento estriado, tecido da casca precocemente rasgado [...]

experimental através de duas [c]ascas disparadoras. A primeira delas versou sobre as experiências vividas com anônimos e passantes no projeto do Espaço Liso, “Receituário + que especial”, conectando os temas da saúde e da cultura. A segunda, sobre os estilhaços vividos em meio à medicalização da vida. A questão foi trazer essas [c]ascas para refazer, em roda, a pergunta que sempre retorna: o que nos medicaliza? E onde está o que nos medicaliza?

#

De início, lembrou-se que essa era a terceira oficina – três [c]ascas 'memória, presente e desejo'. Em uma breve memória, retomou-se que a primeira oficina versou sobre o encontro com o eu, com um eu devir-criança. Na segunda oficina, o eu, devir-criança, tomou corpo nos movimentos da dança, em um corpo dançante no presente de nossos tempos. Nesse terceiro encontro, o desejo é disparar a escuta como um modo de cuidado, através da conversa-experimentação daquilo que se passa quando passa um anônimo.

Hêlo[isa] trouxe para a roda a experiência do projeto Espaço Liso e o “Receituário + que especial”, comentando que o projeto nasceu “durante o processo da residência²⁸” e acabou transformando-se em um projeto de extensão “a gente começou uma série de encontros buscando algumas referências teóricas, um pouco de Deleuze, e juntando também com a parte da experimentação”. Esse projeto de extensão reuniu um grupo heterogêneo, com participantes de diversas áreas do conhecimento: “o foco inicial era um pouco sobre a saúde mental, também

Três fragmentos de tempo. Meu próprio tempo em seus pedaços; um pedaço de memória, essa coisa não escrita que procuro ler; um pedaço do presente, aí sob os meus olhos, sobre a branca página; um pedaço de desejo, a carta para escrever, mas para quem?" [GDH, 2013:99-100]

²⁸ Devaneio 24: A Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva (RIS) pertence às atividades de ensino coordenadas pela Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estando sob a coordenação técnico-científica do EducaSaúde – Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde que apresenta inserção junto à Área de Educação em Saúde, e em Saúde Coletiva. O período de Residência de Heloísa foi de 2010 à 2012.

ampliou para ver a saúde como um todo, mas a gente acabou, enfim, pensando em outras intervenções”.

Os encontros foram pensados como disparadores de como reinventar e ressignificar os objetos, estendendo essa questão para os processos de trabalho. Partindo dessa reflexão, criou-se intervenções em objetos. Lívia continuou a fala dizendo que entrou no grupo no processo de escrita da dissertação de mestrado²⁹. O texto da sua escrita, queria ter o intuito de levar a loucura para as ruas, de trabalhar com a população a questão da saúde mental. No processo de ressignificação de objetos³⁰ e no processo de trabalho-estudo, criou-se a intervenção, chamada “*Receituário + Que Especial*”, fazendo alusão ao receituário especial, controlado.

Com isso, foram para as experimentações [de si] da proposta nas ruas. Teve-se, com Receituário + que especial, e tem-se a pretensão de [des]construir ideias, de colocar uma inquietação através de um jogo: “as pessoas vêm com suas demandas, seja levando na brincadeira ou não, e a nossa ideia, mesmo que a gente fale em prescrição, a nossa ideia não é prescrever nada, mas é indicar coisas interessantes e falar sobre a medicalização da vida, e é quando a gente oferece nossas pílulas mágicas, que são confetes de chocolate, essa é a brincadeira” [Heloísa]. No blog do Espaço Liso, as palavras virtuais marcam memória do projeto, do processo de construção da intervenção e de algumas ações realizadas, como a [c]asca que segue abaixo.

“Naquela tarde, prescrevemos muitos passeios no parque, encontros com amigos, menos trabalho, mais alegria, cambalhotas, traquinagens, banhos de chuva, sorrisos aleatórios, lambidas de cusco, perfume de flor, sol com bergamotas, comidinha de mãe, abraços aconchegantes,

²⁹ O trabalho de mestrado de Lívia sobre o Receituário + que especial, intitulado 'Receituário mais que especial: uma intervenção urbana para disseminar modos de pensar a saúde no contexto de medicalização da vida', pode ser acessado em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102321>.

³⁰ Mais informações e as ressignificações podem ser vistas em: <https://lisoarte.wordpress.com>.

música... e distribuimos nossas pílulas doces. Enfim, a tal prescrição na verdade sugere, não prescreve. Põe em pauta a ideia de prevenção e promoção de saúde, colocando em questão o que hoje chamamos de hipermedicalização da vida.”

A proposta apresentada, do Receiturário + que especial, pareceu de desconstrução dos discursos através de um processo de intervenção nas ruas e nos espaços públicos. É uma intervenção que questiona os signos presentes, os modelos de saúde existentes e o como cria-se o hábito com relação a uma forma de ser atendido e de entender o que é saúde. “No momento em que a gente trás esses signos pra rua, quando a gente coloca um jaleco, o colocar o jaleco representa um pouco essa coisa do médico centrado, da consulta, de estar atrás de uma mesa”. Brinca-se com isso, coloca-se o lúdico em operação, em vez de remédios, balas coloridas; em vez de uma prescrição medicamentosa, uma indicação de coisas a se fazer para potencializar a vida.

A experiência do Receituário + que especial questiona algo importante na militância em saúde : “às vezes, a gente quer desconstruir metendo o pé na porta, mas como a gente consegue se utilizar desses símbolos, dessa forma de produzir saúde?”. Deleuze chamaria essas microações, que lascam pedaços, de um devir revolucionário. Esses processos de desconstrução sutis, como o realizado pelo Receituário, marcam um outro imaginário, proporcionam uma reflexão sobre o ato da prescrição, mas também sobre o processo de escuta. Utilizar o signo existente, o jaleco, o medicamento, para um uso de inquietação e reflexão, é profanar o sagrado existente. A “passagem do sagrado ao profano pode acontecer também por meio de um uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado. Trata-se do jogo. Sabe-se que as esferas do sagrado e do jogo estão estreitamente vinculadas” [GA, 2007:59].

Ao pensar a medicalização da vida, vive-se em um jogo de profanações, ao pensar a medicalização da vida, pois se está imerso, enraizado em um mundo que medicaliza as existências

"Diz-se que as revoluções têm um mau futuro. Mas não param de misturar duas coisas, o futuro das revoluções na história e o devir revolucionário das pessoas. [...] A única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável." [GD, 2010:211]

de inúmeras formas diferentes, por exemplo, tomando chimarrão, vendo seriados, jogando futebol, tomando a cerveja do final de semana, realizando compras. Mas essa forma é, em algumas vezes, também uma profanação, uma linha de fuga que rompe com a necessidade de prescrição por medicamento. Rompe-se com modos de vida criando outros modos de se viver.

Ao apresentar-se essa vivência, pelas artesãs Heloísa e Lívia, uma série de conversações, sobre os modos e processos de trabalho e de vida, foi estilhaçada. Comentou-se, por exemplo, sobre as ações que são criadas para romper com um único jeito de atender as pessoas, sobre como se realiza um encontro ao atender um usuário e como as pequenas revoluções e mudanças acontecem no micro.

*“Eu sou Enfermeira, e a gente aprende muito a questão de saber fazer as perguntas que nos deem uma ideia do que está acontecendo com essa pessoa. As perguntas são aquelas mais voltadas pra triagem, para entender o sintoma na pessoa. Eu gosto muito de fazer acolhimento, quando eu faço acolhimento eu viro acolhedora, sou a acolhedora B, quando eu estou no consultório sou mais enfermeira. Então, no acolhimento eu tento ver esse espaço como um espaço de produção de pergunta, mas aí quem guia a minha ação não é o saber científico da enfermagem, e então eu acho que uma das formas de desconstruir isso por dentro é assim, a pessoa vem e me diz que está com dor de cabeça, daí eu pergunto: mas que coisa né, de onde será que vem essa dor de cabeça. Muita gente não tem a mínima ideia do que provoca as coisas no seu corpo, mas perguntar uma pergunta assim, que eu acho muito mais de uma vizinha, de uma amiga, do que de uma Enfermeira ... Que bom, pode dizer que dor de cabeça pode ser de pressão alta, de enxaqueca, pode ser disso ou daquilo, que já vem cheia de respostas (**Ana Poleto:** O problema às vezes é esse, a gente vem cheio de respostas...) eu tenho que me prevenir das respostas que eu já tenho, e aí eu uso mão de perguntas ingênuas como se a dor de cabeça tivesse uma causa que só aquela pessoa pode dizer, porque a dor de cabeça é dela” [B].*

O teu esquema
sempre foi lograr
Criar uma imagem
boa pra vender
Na captura do nosso
querer
Tá conseguindo nos
provocar
(Música Mordido –
Apanhador Só)

Há, aí, um profanar os processos de medicalização criando dispositivos que potencializam os atos e o viver, como relatado por B, através de perguntas ingênuas, perguntas da vida, do viver. Na sequência do conversar apareceu uma fala sobre a medicalização que os corpos vivem no social, como forma de captura dos desejos.

“Acho que tanto o processo de medicalização, e mais pra além, não da medicalização do medicamento, mas como medicalização enquanto forma de controle do corpo, e de todas as coisas que a gente exerce o tempo inteiro, pra além da medicalização. A gente vive numa sociedade que busca uma resposta rápida o tempo inteiro, e está aí o crack, dizendo isso, que é muito prazer, muita intensidade, essa resposta rápida do prazer da intensidade e a gente fica buscando isso o tempo inteiro. E a medicalização de uma certa forma, de uma certa maneira, traz essa certa coisa que talvez eu não consiga em algum outro processo via cultura, essa resposta tão rápida que a gente tem, que a medicalização, tanto ilícita quanto lícita, possa te dar” [1].

Pensa-se: quais as perguntas que precisam ser respondidas rapidamente? E qual a necessidade de responder a um estímulo tão vorazmente? A medicalização da vida captura os desejos na necessidade contemporânea do imediato. Necessita-se clicar e logo aparecer a imagem, não se tem mais o tempo para a espera, para o enquadramento, para o tempo da revelação e da aparição da imagem. A imagem torna-se um virtual sem atualização, esquecida da sua intencionalidade. Ou seja, a medicalização captura o olhar no instantâneo, como lembra a fala de I acima.

Lívia encerrou essa primeira [c]asca comentando sobre a potência dos pormenores, das microações de um devir-revolucionário, de uma intervenção urbana pautada pela delicadeza da escuta, como forma de construir brechas e furos: “fico pensando nessa temática da intervenção

urbana e da delicadeza de por onde achar brechas por dentro dos contextos, essa delicadeza poética que a intervenção pode promover pela via da arte. Quanta coisa a gente pode mexer? De uma maneira mais possível mesmo...”

#

A segunda parte da oficina teve como [c]asca o audiovisual “Estilhaços ao Léo”³¹. Trata-se de uma videoconfissão do multiartista Leonardo França, realizada em 2010, como resultado do projeto Consolidando o Movimento, da Associação Conexões Criativas. Leo entra nos processos de criação dos seus trabalhos, de modo estilhaçado. É um audiovisual que, no seu estilhaçar-se, produz encontros e afectos em quem o assiste. Logo após terminar o vídeo, um silêncio instaurou-se na sala.

'O silêncio faz parte do digerir aos pouquinhos as experiências vividas' [D].

O estilhaço lançado pelo audiovisual produziu conexões e desconexões, criou a vontade de sair para a rua, de produzir intervenções como o receituário + que especial, possibilidades de encontros e agenciamentos com os anônimos e passantes. Ana Poletto colou um estilhaço ao outro e comentou sobre as afecções produzidas pelo audiovisual e as memórias recentes.

“Fiquei pensando um pouco sobre o meu trabalho, que é sobre uma pessoa, um pouco sobre como eu me relaciono, em como ele me afetou, como chama a atenção, e não é só a mim. Ele é muito inteligente, pela relação que ele tem com a arte. Ele faz artesanato, pinta, canta, lê bastante ... Tudo isso mexe comigo: arte, saúde mental, filosofia. Acho que é um pouco desse encontro, de como me encontro com ele, e de como o trabalho em saúde pode estar sendo realizado, produzido, nos espaços que temos, e como podemos produzir esse cuidado em saúde. De uma certa forma, como podemos fazer de um outro jeito. E eu acredito que possam ser feitos através dos encontros. E perceber como foi

³¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hNy6jVGBgE4>.

para mim, como se deu esse encontro, nesse espaço que estamos construindo, que não é de atendimento ... O que me chamou a atenção nele foi essas outras coisas, a arte a filosofia, fico pensando nesse encontro” [Ana Poletto].

O estilhaço mobilizou outras falas, sobre como cuidar, como colar as cascas da subjetividade estilhaçadas pela normalização das vidas. Pergunta-se, o que está nessa superfície do estilhaço, da casca? - “Há superfícies que transformam o fundo das coisas ao nosso redor” [GDH, 2013:131]. Enxerga-se apenas o que está visível, mas como ver o que não se consegue olhar? Como dar atenção a isso que captura a vida, isso que é insignificante, mas que merece a atenção?

“Fiquei pensando um pouco no que o vídeo me mobilizou, foi essa questão do estilhaço, o quanto nossos recursos de poder cuidar do outro são sempre de juntar os cacos, e a cultura também não oferece espaço para que esses estilhaços possam ser vistos como diferença, de uma sociedade de normalização mesmo. Acho que isso do estilhaço era uma coisa que eu precisava ouvir. Eu hoje me sinto em cacos, mas como eu posso fazer disso, como posso olhar para isso de uma outra forma? Não consigo explicar isso do jeito que estou sentindo, mas, enfim, ... ” [C].

“Eu também, estilhaço foi algo que ficou ... Me parece que o estilhaçar ajuda um pouco a borrar isso mesmo, não só na saúde mental, mas em tudo. Aquela velha história dos manicômios, que o mais difícil é derrubar os nossos manicômios. A medicalização, tendo a pensar, é um pouco por aí, a medicalização está, na gente, muito forte” [Damico].

A medicalização está na superfície ao nosso redor, muitas vezes aprofundada nas subjetividades contemporâneas. Estilhaçar essa superfície não seria uma forma de ver o que se esconde, o que está mais abaixo? Produzir cacos, cascas, através de intervenções poéticas nos ajudaria? “Podemos pensar que superfície é o que cai das coisas: que advém diretamente delas, o

“... os solos falam conosco precisamente na medida em que sobrevivem, e sobrevivem na medida em que consideramos neutros, insignificantes, sem consequências. É justamente por isso que merecem nossa atenção. Eles são a casca da história.” [GDH, 2013:129]

que se separa delas, delas procedendo, portanto. E que delas se separa para vir rastejando até nós, até nossa vista, como retalhos de uma casca de árvore” [GDH, 2013:132].

“Fiquei pensando que o que se tem é isso, e se são os estilhaços o que a gente pode fazer com isso, porque a gente tem que colar tudo pra daí em diante fazer algo, e tem que colar, porque não se pode fazer disso que parte, e que é a vida, e aí potencializar isso. Isso é normatizador e parece que é o que é cobrado. Se o profissional não fizer, não colar os cacos, não está bom, e se ele não se der conta de que tem que colar também ... ” [D].

“Eu fiquei pensando na questão do estilhaço e, como contraponto a integralidade. A gente vem com isso muito forte o discurso da integralidade, e aí a gente vem pra integrar o sujeito fragmentado pelo saber biomédico, aquele saber que olha o dedo, que olha pra orelha, o pé, e isso é só um viés da integralidade. Mas pra aí não desconstruir a questão, a integralidade ... eu fiquei pensando no espelho estilhaçado, em que cada pedaço tu se vê e que cada pedaço é diferente, mas tu se vê nos pedaços” [B].

Como ser um caco, uma [c]asca em uma superfície integral? Somos um todo ou pedacinhos de algo quebrado? Eu sou aquilo, eu sou isso, um monte de estilhaços, mas como montar-se? É preciso montar? *“Se eu sou tudo isso por que cada coisa tem que ser na caixinha? Por que não juntar tudo isso diferente, em fragmento? É interessante isso da imagem do espelho estilhaçado, a gente é um todo, mas é um todo fragmentado” [Elisandro].*

“Mas me parece que eu estou muito mais autorizada a dizer que eu sou um todo, que eu sou múltipla, que eu sou cada pedacinho desses, e tô ali dentro de cada um sendo diferente, do que o outro me dizer que eu sou a minha doença, que eu sou o meu pé quebrado” [B].

#

A sala, silenciosa após o término do audiovisual, despertou em vozes estilhaçadas sobre o viver, sobre os modos de pensar a vida. A noite prolongou-se em palavras ditas e ouvidas. Da sala, da oficina, prolongou-se para os espaços externos, para a rua, para o bar. Mas, antes da saída para o mundo, algumas combinações foram realizadas, as quais acabaram ficando em lascas, esquecidas em brancas páginas, não se tendo retorno.

A combinação feita foi no sentido de que cada alunoficinante levasse alguns receituários + que especial e tentasse no cotidiano do trabalho, ou da vida, “prescrever”, indicar algo nesse pequeno papel. A segunda proposta que lançada foi de construir um cartão postal e enviar para uma pessoa, via correio, ou entregar pessoalmente, construir um postal de forma estilhaçada, com nuvens de palavras ou através de desenho.

Na última oficina, retomou-se as combinações, mas nenhum dos alunoficinantes as tinha realizado. Umasca perdida no tempo. Na memória. Na experiência. No desejo. “...Iguais a borboletas, voavam, passavam. Chegavam e, logo, iam embora. De um lado, um movimento das pálpebras e dos cílios, uma piscadela; de outro, um bater de asas, apenas. Efêmeras, fugazes, sempre de passagem, as imagens, tanto quanto as borboletas, não mudarão tão cedo. Permaneceram inquietantes, intrigantes e insistentes” [SAMAIN, 2012:154].

#

Ficam evidentes as imagens dessa oficina. Pensa-se na imagem de uma árvore: em sua superfície estão gravadas palavras e, com o passar do tempo, essa superfície lisa passa a ficar estriada, com sulcos, marcas, as palavras marcadas-em-árvore distanciam-se uma das outras, são cortadas pela metade. A leitura se torna difícil. Com o passar dos anos, essa casca cai por terra, enchendo a superfície de pedaços, que outrora eram palavras. A medicalização da vida mostra-se, assim, como a captura invisível do desejo que aos poucos apaga a memória.

A potência de vida é como um pedaço de casca estilhaçada, na qual não se sabe o que está escrito, mas que coloca uma inquietação no pensamento. Como essa casca, fragmentada em pedaços e ilegível, o desejo de saber do que se trata coloca em movimento as perguntas ingênuas, faz com que se vá atrás da palavra escutada e de quem já a leu, ou escreveu o que estava gravado nesses pedaços de tempo. Faz-se muito para buscar uma resposta, com tempo de construção, com percursos que colocam mais inquietações. É um caminho difícil de percorrer e que não garante que as palavras marcadas na casca digam de sua escrita. Para suprir um desejo, as cascas escrevem outras histórias, contam outras palavras, estilhaçam-se para continuar com a inquietação movente.

oficinaula: de como [res]pingar uma vida

*Nadar, nadar, nadar e inventar a viagem, o mapa,
o astrolábio de sete faces,
o zumbido dos ventos em redemoinho, o leme, as velas, as cordas...
Através dos anéis escancarados pelos velhos horizontes
Parir,
Desvelar,
desocultar novos horizontes...
Criar é desacostumar do fado fixo
e ser arbitrário.*

*Os passos leves do vento
Os passos leves do vento
Por entre
Nos interestícios.
Waly Salomão [2014]*

Chego. Sem sala. Sem espaço. Um não lugar para uma oficinaula. Cria-se. Senta-se no terraço. Aberto. Luminoso. O dia ainda não caiu. Uma mesa redonda. Cadeiras em volta. Livros e papéis espalhados. A inquietante estranheza toma conta. O que produz um encontro? O que produz uma oficinaula? Conversas. Intercessores. Cerveja. Cerveja? Sim, e por que não? Pensamentos que se soltam. Participações que questionam. Desacomodam. Fazem silêncio. O que se pode num encontro? Quais as potências de vida que podem surgir, brotar? Um bumerangue que se joga. Volta com experiências. Com novos olhares de mundo. Lampejam pequenos instantes utópicos. Lá fora, a noite

cresce, enchendo os pulmões de um ar frio. A luz perde sua intensidade. O dia vai caindo, lentamente. Aqui dentro, um entre. Imagens que vagueiam. Que remam. Inventa-se pensamento. Cria-se pensamento. Lá fora a noite cresce. Pelo entre da janela, é tudo escuro. De uma torneira aberta, a água desce no fluxo do cotidiano. Ao cair, que violência produz? Respinga para os lados, a partir da intensidade com que bate na superfície. Será que dói? Uma torneira aberta pode pingar? Pinga no cotidiano? Vaza no cotidiano? Do quando vaga uma vida? Como se [res]pinga uma vida? Se chovesse, um raio nos atingiria? Un coup de foudre. Sempre vão existir os furos. Os respingos. Aquilo que vaza. Como potencializar esses pequenos fragmentos. Esses pormenores de vida. Termina a cerveja restante no copo. Olho devagarinho para todos ali dentro. Olho para o que acontece lá fora. A noite abraça tudo em volta. Um arrepio no corpo. Sou a favor. Sou a favor de Uma Clínica ... Um manifesto lampeja e respinga - “Sou a favor de Uma Clínica ...”.

#

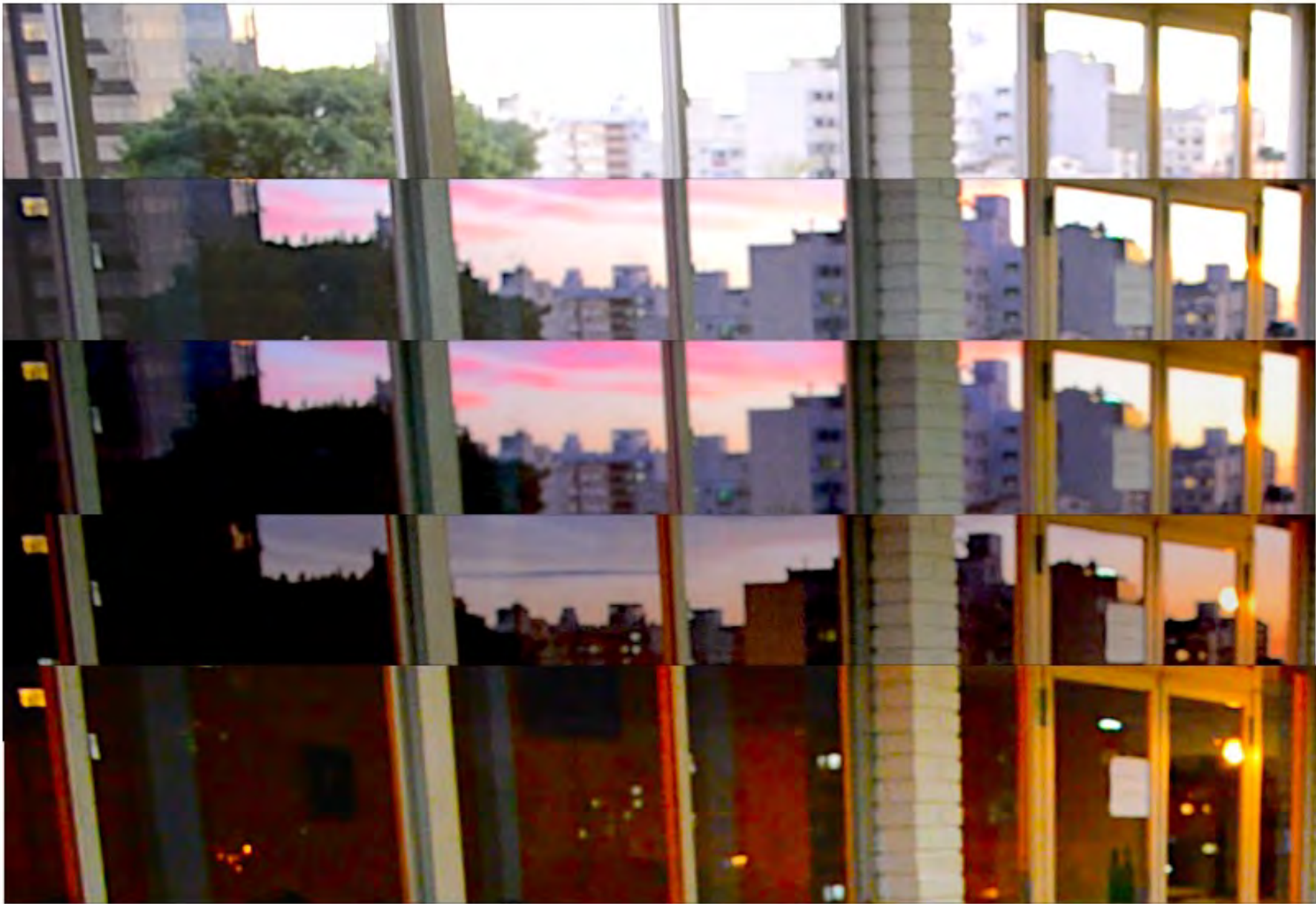


Imagem 7- Montagem do anoitecer_Foto e Edição Elisandro Rodrigues, s/d

O tema disparador da última oficina foi “De como [res]pingar uma vida”. Os artesãos dos lampejos foram os Professores Luciano Bedin e Daniele Noal. Contou com a presença de 12 alunoficinantes. Ao chegar-se na sala onde ocorreram os encontros anteriores, uma surpresa: descobriu-se que estaria ocupada por outra turma. Sem lugar específico, subiu-se para o terraço do prédio³². No espaço, cadeiras e uma mesa no centro. Espaço propício para uma oficina. Lugar que não é uma sala de aula e nem uma oficina de artistagens. Um lugar entre. Espaço utópico para criações.

#

Último encontro. Despedida das semanas intensas de conversa, escuta, diálogo, inquietações. Último encontro. Momento de comemoração do vivido. Artesãos de lampejos se encontravam no local. Os materiais necessários para a oficina também. Papéis. Recortes de textos que se ia usar. Canetinhas. Faltava uma coisa. Descemos. Saímos do Prédio. Bar do Xirú. Sobe-se com cervejas. Senta-se ao redor da mesa, materiais em cima - cadernos, livros, textos, oficina com cara de grupo de estudo. Cerveja próxima aos livros, oficina com cara de uma aula.

Torna-se difícil compartilhar a potência desse encontro, pois muitas foram as conversas realizadas, muitas as entradas e saídas de pensamento. O roteiro da oficina consistiu em

³² Devaneio 25: O prédio onde as oficinas aconteceram abriga o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, o EducaSaúde e outras organizações. Prédio com 5 andares, sendo o primeiro o térreo, que conta com outros estabelecimentos, do segundo ao quarto encontram-se as salas de aula e salas administrativas (secretaria, coordenação, etc) do PPGCOL, EducaSaúde e as outras organizações, e o quinto andar consiste de um espaço aberto, de uso coletivo, com um pequeno terraço. O endereço fica na Rua Antônio Carlos Guimarães, ao lado da Avenida João Pessoa, na frente do Prédio do Direito da UFRGS. No Térreo, entre outros estabelecimentos encontra-se o Bar do Xirú. Lugar de convivência, para os cafés, lanches e cervejas entre aulas e reuniões.

perpassar a temática/conceito dos intercessores para, no final, pensar quais os intercessores criam/ disparam/agenciam uma clínica de uma vida. Para contar essa oficina, traz-se os disparadores utilizados por Dani[e]le e Luciano, as falas dos alunoficinantes sobre as perguntas lançadas, a explicação detalhada sobre a potência dos [res]pingos, seus comentários e, por fim, quais os intercessores criam a clínica de uma vida.

#

Iniciou-se a oficina perguntando para os alunoficinantes, qual o entendimento que tinham do conceito de intercessor e quais as leituras já realizadas de Deleuze e Guatarri. Poucos manifestaram ter contato com esses autores. Dessa forma, a pergunta lançada foi para os que já tinham um pouco de conhecimento a respeito dos autores: *“o que dá pra dizer pra quem não conhece, como poderíamos apresentá-los? O que vocês diriam? Por que será que eles aparecem tanto?”* [Luciano].

“Um contraponto: eu que venho da psicologia, de poder ler um pouco eles para desconstruir essa normalização às vezes imposta sobre o sujeito. Ele vai fazer uma crítica bem forte à psicanálise, eles dois, pelo menos no Antiédipo, que vai muito pela Filosofia da Diferença, da subjetivação... E de como se pode olhar pra diferença como aquilo que escapa aos códigos colocados. Porque eles vão falar dessa relação com o fora, a questão do devir...” [C].

“Eu achei a afirmação da diferença... eu, pelo menos quando eu li, umas cinco vezes, os intercessores deles... eu penso muito no quanto Deleuze e Guatarri nos dão um potencial de criação, justamente por poder pensar o que tu estás pensando, porque normalmente os autores vêm com aquela coisa... isto é isto e aí tu tem que seguir aquele modelo. Eles vêm quebrando isso, para deixar dúvida mesmo. E aí essa dúvida, que é criativa, é que

“O que vinha pela frente era uma questão de apostar para ver. Diante da bifurcação, olhamos para um lado, olhamos para o outro, hesitantes, talvez, mas finalmente, decididos. Tomamos, afinal, a trilha que conduzia ao pensamento da diferença. Foi aqui que nos perdemos para sempre, pois novas bifurcações iam surgindo à medida que já nos sentíamos seguros.” [TADEU, 2004:129]

acaba fazendo com que a gente crie. Pelo menos pra mim eles funcionam assim, e acho que um com o outro, quando um questiona o outro ou quando coloca um outro ponto de vista que eles consideram válidos, não criam um embate. Na verdade eles percebem que existem vários pontos de vista e daí eles conversam sobre esses pontos, e não dizendo que um é maior ou melhor”[F].

Com essas contribuições, possibilitou-se pensar na Filosofia da Diferença, como um pensamento da diferença. Para Deleuze e Guattari, a diferença sempre será colocada como questão: “fazer filosofia é muito mais do que repetir ou repensar os filósofos” [MACHADO:2010:11], é fazer com que as ideias_conceitos_palavras fabriquem o novo. Bifurcar o pensamento, construir outras linhas de possíveis, deslizar, criar, olhar diferente, inquietar-se. Deleuze é, sobretudo, um pragmático. Experimentar é a sua constante palavra de ordem. Não basta dizer: ‘Viva o múltiplo. É preciso fazer o múltiplo’ [TADEU, 2004:139].

O que se propõe, com a Filosofia da Diferença, é uma ética: “*não é essa diferença que a gente faz entre um e outro, que essa relação de um e outro da diferença ... o que ela acaba produzindo é exclusão (...) Me parece que essa Filosofia da Diferença tenta pensar a potência do que o ser tem em diferir de si mesmo. É um salto sobre si mesmo, e não em comparativo com o outro*” [Luciano].

A Filosofia da Diferença é pensar, produzir pensamento do novo, de um novo modo de subjetivação, do que escapa e do que pode escapar por linhas de fuga, por rotas ainda não pensadas. Após essa primeira explicação, partiu-se para o trabalho com o conceito de intercessor. Para isso, utilizou-se três passagens de Deleuze³³, que foram lidas e trabalhadas uma de cada vez, saindo da superfície do conceito e mergulhando ao fundo, escavando os possíveis significados.

“O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.” [GD, 2010:156]

“Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu e somos intercessores um do outro.” [GD, 2010:156]

³³ Que estão nas laterais [GD, 2010:156 e 1987:96].

#

Cada passagem gerou uma onda de reflexões sobre que é pensar, criar e fabricar os próprios intercessores e sobre o precisar dos intercessores para [sobre]viver. Para Deleuze, pensar é criar, e esse processo de criação se dá a partir do encontro com os intercessores. dessa forma, *“pensar é igual a criar, criar é um encontro com alguma coisa, eu só crio porque tem encontro, e o encontro é um encontro com intercessores”* [Luciano].

Exemplificando, e buscando uma conexão com os campos de estudo de cada um, abriu-se para pensar o que é o intercessor para cada alunoficinante: *“intercessor é algo que produz desestabilidade, esse é o meu contato a partir de Merhy”* [B]. No segundo fragmento, sobre os signos, a conversa prolongou-se mais, para se compreender a relação do signo com o intercessor.

Os artesãos dos lampejos explicaram que se pode pensar o signo como um objeto, animado ou inanimado, que emite um sinal, um signo. *“É como se, por exemplo, esse objeto (com o celular na mão), ele tem um nome, tem uma funcionalidade, mas é como se ele emitisse signos, que vão - sei lá - do seu uso social, ou sua função social, ter um celular ou não ter um celular... Desde sua cor, seu cheiro, ele está emitindo signos”*. Tudo emite um tipo de signo, e os signos são diversos, vão *“desde o lugar que a gente assume, professor, não professor, até a fisicalidade, o jeito da voz”* [Luciano]. O signo rompe com a ideia do uno, trabalha com a multiplicidade.

“É o sentido que se dá a partir do encontro, não é algo pronto, tu não tem controle sobre o que tu quer transmitir, mas isso se produz pela subjetividade do outro, pensando entre sujeitos” [C].

“O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento.” [GD, 1987:96]

“Eu acho bonito isso, eu trabalho isso, às vezes, o que é quando tu troca uma ideia, uma coisa com pessoas de vários lugares distantes de ti e de não ter a dimensão do que aquilo toca na vida da pessoa, a não ser uma ou outra vez, em que elas falam: nossa, isso que tu me falou ... algumas vezes elas nomeiam isso, elas falam: foi muito importante (potente) tu ter me dito isso, isso mudou a minha vida, mas daí, em muitas vezes, a pessoa sai e tu não faz ideia se aquilo fez sentido ou não fez, às vezes, tu fica se sentindo uma idiota, e isso eu acho uma coisa fantástica...” [G].

“É uma ética, uma tolerância à imprevisibilidade, não sei pra onde vai aquilo ali. Uma imagem do Silvio Gallo: ele usa a imagem de um bumerangue para falar de sala de aula, mas dá pra falar de encontro, a gente se encontrou aqui, teve um bom encontro, mas eu nunca sei para onde vai, o sentido disso, tem uma imagem do bumerangue (...) Olha o que ele vai dizer do bumerangue, o bom encontro, o encontro é sempre jogar um bumerangue, nunca sei se é bom ou mau, eu jogo ... o bom encontro, em algum momento ele vai voltar, ele sai (da sala de aula) gira, gira, e uma hora ele vai voltar, eu não sei quando ele vai voltar, e nem sei o que ele carregou, o que o sujeito fez” [Luciano]

A conversa aprofundou-se e, entrando nos processos de trabalho e nos modos de vida, como isso afeta o nosso cotidiano? Quais as relações que os signos e os intercessores têm com a vida? O que nos medicaliza? Onde está o que nos medicaliza? Algumas inquietações rodopiaram, feito um bumerangue, na voz dos alunoficinantes, dizendo do encontro com o usuário, das formas de se desconstruir o que já está cristalizado na saúde, de como suportar e vazar a norma, dos lampejos que se cria, dos modos de escoar, de como potencializar os respingos e os desvios.

“Parece insuportável tu seguir a norma que tu não vai suportar, eu acho, seguir essa norma no trabalho, porque a gente está sempre reinventando ... se o horário é pra ficar depois, a gente fica um pouco menos, ou a gente fica mais, ou a gente atende de outro jeito, ou a gente senta no chão ... a gente precisa, eu acho, pra suportar” [D].

“Fiquei pensando nessas coisas que a gente acaba fazendo, tanto de trabalho como de vida pessoal, a gente sempre vai ao encontro, não sei se a gente vai ao encontro de alguma coisa, mas a gente sempre vai a algum lugar para fazer um encontro, daí é legal isso do Spinoza também, que podem ser bons encontros ou maus encontros, a gente está produzindo alguma coisa, ou o que vai potencializar ou que vai despotencializar, diminuir um pouco, eu fico pensando nesse espaço, a gente está aqui, vocês estão aqui por que a gente veio produzir um encontro a gente não sabe o que vai rolar dele, se vocês soubessem que ia ter cerveja mais gente estaria aqui (risos)” [Elisandro].

“Acho que a gente tende sempre a pensar o desvio em relação à norma, mas a gente nunca pensa o desvio enquanto potência de questionar a ordem, aquilo que está dizendo de algo instituído, que força” [C].

Duas reflexões destacaram-se, chamando a atenção pela colagem entre as discussões sobre os conceitos filosóficos e os processos de trabalho, trazendo uma estranha inquietação que faz pensar. A primeira apontou a divergência que existe entre o que o pensamento da diferença propõe e aquilo que se fabrica no cotidiano de trabalho. Trata-se da dificuldade de manter um olhar sobre as possibilidades de vida quando a cobrança realizada no sentido de se olhar esse sujeito como um número, um dado quantificável. É um questionamento que move o pensamento a refletir: que tipo, modo de clínica se faz?

“Eu consigo pensar nas relações da gente, mas eu vejo também que é uma teoria que se choca muito com o lugar de onde eu venho, de trabalho, que é da atenção básica. Ela tem um papel que é, por exemplo, de diminuir o número de internações, diminuir o número de ida no especialista, e aí quando o encontro produz coisas inevitáveis eu corro o risco de não olhar pra isso, deixar levar pelo encontro. E o encontro, enfim, o usuário que está na minha frente pode me levar para outros lugares, e eu potencializar esse encontro que aconteceu com a gente, mas isso pode significar o não aumento ou diminuição do número de internação hospitalar, nem mudança de modelo. Acho que é um pouco desse momento que é pensar essa clínica, que não é a clínica do objeto, da doença, mas da clínica que olhe para o sujeito, para as suas histórias de vida, mas isso, dentro de uma política nacional, se torna, sei lá, talvez algo não desejável” [B].

O segundo comentário manifesta o pensamento dessa escrita, da vida que escapa, que lampeja, que tenta fugir ao controle das capturas, dos pormenores que se pode officinar em uma

vida, do que afeta e deixa marca. É como as sobrevivência dos vaga-lumes em meio aos projetores de luz das cidades. Eles sobrevivem, em algum lugar existe a potência do pisca-piscar. Mas que lugar é esse?

“Eu fico pensando nisso da saúde, que nunca vai haver tecnologias que vão dar conta da vida. Eles podem criar milhões, milhares de tecnologias, de formas de controle de vida, que sempre vai ter os respingos, sempre vai ter o novo, sempre vai ter o furo da rede, como a gente chama. Que bom, né, por que o furo da rede ... porque é vida que respinga ... e que bom que tem o furo na rede, porque se a gente ficar o tempo inteiro na sociedade de controle, 100% de controle, eu acredito que nunca vai existir isso, e por isso que eu acho que a saúde ... eu tenho os meus processos de negação das várias formas de medicalização da vida que a gente vê na saúde. A internação é uma delas, o controle de desejo é outra delas, a gente vive essa tentativa de captura de uma vida o tempo inteiro e, bom, a gente pode trabalhar o ano inteiro com uma pessoa e em um certo momento a gente não pode impedir que ela interne no São Pedro, por exemplo. São coisas que a gente vem lutando, pelo fechamento do São Pedro ... a gente passa um ano inteiro com a pessoa e não pode impedir que ela interne no São Pedro, mas talvez milhares de coisas circularam ali, que criaram outras potências, outras saídas de vida que vão fugir do controle do São Pedro ou de qualquer outra instituição, de qualquer outra forma de controle de vida. Então eu não costumo ficar muito ... fugindo desse controle que tem, de uma lógica, eu acho ótimo isso, tem que continuar fugindo mesmo, e se tiver que internar a gente vai pensar em outras formas de internar” [1].

Após essas falas, comentou-se sobre o processo do respingo. Para isso Luciano desenhou uma torneira jorrando, respingando e escoando água. Uma Ética da torneira, como se chamou, que permite pensar em como são agenciados os encontros e em como se potencializa as linhas de fuga. A vida é um eterno jorrar, possibilitando que aconteçam encontros e agenciamentos, e estes encontros podem aumentar ou diminuir a vontade de respingos e vazamentos. Pergunta-se, assim: Se a vida continuar jorrando no mesmo lugar o que pode acontecer? Fica-se doente? Como

“Eu acho que tem um pouco a ver com essa coisa do respingo, eu to lendo um livro do Didi Huberman, que ele fala dos lampejos, dessa coisa do vaga-lume, de como a gente vai lampejando no meio da noite, no meio da cidade a gente não vê muitos vaga-lumes, então ele trabalha com essa questão da sobrevivência dos vaga-lumes como aquilo que vai lampejando aos poucos a nossa vida. Acho que as vezes a gente tentar escapar, ou a gente produzir um outro encontro, um outro sentido, é isso como é que a gente vai sobrevivendo a isso. A gente vai criando, a gente vai rompendo, a gente vai saindo disso, que o Merhy fala, das tecnologias duras” [Elisandro].

criar novas zonas de alagamento, de respingos? O que tampona a vida, cessa o [res]pingo? Em uma Clínica de Uma Vida, importam os agenciamentos que podem ser realizados, percebendo-se onde se está para formular estratégias, saídas, linhas de fuga.

Apareceram outras imagens de respingos nas falas que se seguiram. *Quando estamos saindo de casa, em dias chuvosos, e o carro passa e nos molha todos, o que acontece? Mudamos o percurso? Continuamos ensopados? Ou quando pisamos na pedra em falso no meio da rua e os respingos nos sujam. Quando vamos pintar e a tinta respinga em nossa roupa e corpo.* A reflexão levou os alunoficinantes a lembrar dos encontros anteriores, dos estilhaços, do corpo vibrátil e dançante, dos pormenores do olhar. Lembrou-se que pela crescente captura das imagens cotidianas, não se olha para os pormenores, para os detalhes, os punctuns, que afetam as vidas: *“a gente é tão capturado que, às vezes, nada mais chama a atenção, e acho que pensando essa questão do que medicaliza a nossa vida, é muito isso de que às vezes a gente é tão medicalizado pelo que está ao nosso redor que a gente não é mais capturado por nada. Fiquei pensando: se a gente não é mais capturado por nada o que nos produz encontro?” [Elisandro].*

#

Passou-se para o final da oficina trabalhando com concepções de clínica, o que é e quem faz clínica. As falas foram consoantes com o conceito apresentado anteriormente sobre clínica[s], sendo que as falas dos alunoficinantes trouxeram que clínica é produzir desvios, produzir brechas, buracos, encontros, furos e que não se tem um lugar para fazer clínica.

“Pensando a clínica enquanto encontro que produz alguma coisa, eu acho que ela pode até fugir da saúde. Clínica, enquanto encontro e possibilidade de produzir qualquer coisa

ou alguma coisa, acho que ela se dá em qualquer lugar ou nenhum lugar ao mesmo tempo, acho que ela não tem lugar, não tem alguém mais clínico ou menos clínico, vai daquele momento do encontro, do que ele produz” [I].

“Me veio a palavra de como tu performatiza, de como tu cria, como tu performatiza com o cuidado, com o olhar, com a intervenção, que daí é da ética, do sensível, do encontro, do afeto, é uma composição de um monte de coisas” [C].

#

Perto do final da oficina, os artesãos encaminharam um exercício coletivo, exercício esse que mostrou a potência da operação do pensamento nas oficinas. Pediu-se a todos que escrevessem uma frase em uma folha, “Sou a favor de Uma Clínica...” - e que continuassem a escrever, completando de que clínica se é a favor, que tipo de clínica, que modelo, que jeito. Depois de alguns minutos, pediu-se que a leitura fosse realizada, cada um entrando depois do outro, em um entre, realizando um Manifesto coletivo. Mostrou-se a potência da multidão e do grupo como dispositivo de criação, que desfaz capturas e contágio, aumentando as potências. Construiu-se uma imagem, dando a ver, pela palavra, "o que não pertence ao visível, reforçando, atenuando ou dissimulando a expressão de uma ideia, fazendo experimentar a força ou a contenção de um sentimento” [RANCIÈRE, 2012:21].

“Vamos lá, quem começa?” [Luciano].

“Eu posso começar ...” [A]

(...) “Manifesto Por Uma Clínica ...”

Sou a favor de uma clínica mais touro sentado.

Sou a favor de uma clínica que nos convide a sentar no solo numa manhã fria.

Sou a favor de uma clínica de uma vida periférica, regada a rap, baile funk, samba e churrasquinho.

Sou a favor de uma clínica das histórias de vida.

Sou a favor de uma clínica que questione, que coloque em dúvida meus sinais e sintomas.

Sou a favor de uma clínica que sente raiva, tristeza, carinho, incômodo, que chora, que ri, que sorri, que gargalha, que sofre.

Sou a favor de uma clínica que seja bonita e alegre e leve e que não seja só isso.

Sou a favor de uma clínica que subverta a ordem, questione o prescrito e ocupe todos os lugares públicos (ou não).

Sou a favor de uma clínica que não subestime a errância nem suprima a revolta.

Sou a favor de uma clínica do abraço.

Sou a favor de uma clínica mais “não somos o que você queria que fôssemos, somos o que somos”.

Sou a favor de uma clínica que cuida do mínimo, daquele mínimo cuidado em que os silêncios sejam gestos e que estes toquem o sofrimento tido como doença.

Sou a favor de uma clínica que seja respigada de azul...amarelo...vermelho...verde...roxo...lilás ... e por aí vai.

Sou a favor de uma clínica do encanador sabichão que sabe dançar e que cai e que ri.

Sou a favor de uma clínica bem-humorada, que possa um dia sorrir de si mesma.

Sou a favor de uma clínica que provoque sorrisos e espantos.

Sou a favor de uma clínica do movimento das vidas.

Sou a favor de uma clínica da rua, barulhenta, movimentada, com fumaça e pichação.

Sou a favor de uma clínica onde se beba cerveja, se converse sobre coisas da vida, onde se desproduza sentidos até os copos ficarem vazios.

Sou a favor de uma clínica que ofereça um copo de água e um chimarrão pra galera.

Sou a favor de uma clínica que levante sobranceiras.

Sou a favor de uma clínica dos jardins, das flores, da polinização, do ar, da ecologia brotando, do romantismo ecológico do banco de praça.

Sou a favor de uma clínica mais desenhar, mais mar...

...de brincar na areia molhada e não use o balanço para balançar, mas que se invente nele um gira-gira.

Sou a favor de uma clínica da poesia.

*Sou a favor de uma clínica que acorde toda a manhã disposta a combater as opressões,
as desigualdades e que esteja ali onde a vida acontece.*

Que não peça pra fazer fila.

Sou uma vida que seja em qualquer lugar.

Sou a favor de uma clínica que escolha a dedo e que ainda assim se perca.

*Sou a favor de uma clínica da slow-clínica, que perca tempo consigo mesma, que se dê
tempos de presente.*

Que não peça para guardar o brinquedo que acabou de começar.

Sou a favor de uma clínica mais Reiki.

*Sou a favor de uma clínica que sente, toca, sorve, cheira, grita, acolhe, responde,
assusta, acalma, embala, comove.*

Sou a favor de uma clínica que escuta, espera, escapa.

*Sou a favor de uma clínica da escuta, que apenas escuta, sem necessariamente ter o que
dizer.*

*Sou a favor de uma clínica que engole as palavras com dignidade, da língua solta mais
firme, da língua firme mais solta.*

*Sou a favor de uma clínica do amanhã, do que me adianta as lembranças, porque sinto
saudades das coisas que não passaram por nós.*

*Sou a favor de uma clínica das imagens, das fotografias esquecidas em pastas do
computador, em cd's dentro de gavetas, em álbuns empoeirados, em paredes decoradas,
em murais de trabalho, amassadas dentro da carteira ou livro.*

Sou a favor de uma clínica residente e turista e viajante e moradora e (...)

*Sou a favor de uma clínica dos trovões e dos céus, não há como amarrar trovões e nem
arrastar os céus do outro num momento de um instante de abandono.*

Onde os corpos se toquem e causem arrepios.

Sou a favor de uma clínica da invenção.

*Sou a favor de uma clínica que não quer saber nem dizer pelo outro, mas que se coloca
disponível a ser com o outro e (quando precisa) a dizer através do outro.*

*Sou a favor de uma clínica que contenha a empatia, que possa falar para o outro de si
mesmo.*

Sou a favor de uma clínica da alteridade.

*Sou a favor de uma clínica que lampeje pequenas luzes em meio à noite, que se deixe
apagar ... e ... acender.*

*Sou a favor de uma clínica que tenha muito para dar e para receber e assim
sucessivamente.*

Sou a favor de uma clínica do olhar.

Sou a favor de uma clínica que...

*Sou a favor de uma clínica de mais amor...
do coletivo....*

#

Após esse momento de delicadeza e poesia, de força e possíveis, encaminhou-se o final da oficina. Agradeceu-se a participação de todos e realizou-se uma rápida avaliação. Os retornos que se teve foram positivos, no sentido de que o espaço mostrou-se potente, de que as oficinas produzem encontros e potencializam as vontades de vida, de lampejos, de respingos. *“Queria dizer que eu aproveitei muito esse espaço. Às vezes, a gente está em um cotidiano tão duro (...) às vezes, a gente precisa de espaços mais assim pra respirar, para acessar outras coisas. Foi muito bom” [C].* Entregou-se alguns presentes recolhidos pela cidade, pequenos mapas e livretos.

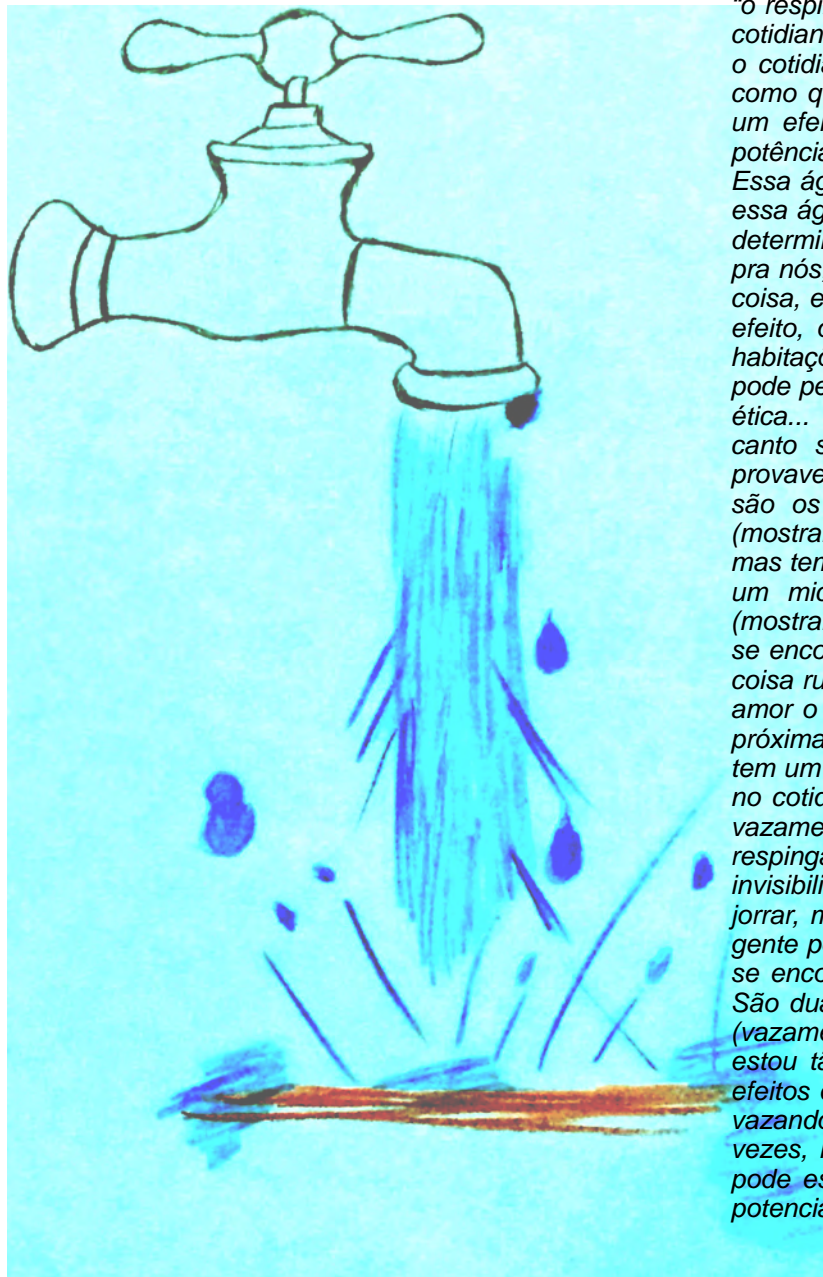
#

Permaneceu-se ainda conversando após o final. Terminou-se as cervejas. Foi arrumado o espaço. Prolongaram-se na despedida.

#

Utiliza-se a imagem da torneira, apresentada por Luciano Bedin, para pensar a imagem de medicalização da vida. Pensa-se a medicalização da vida como um tamponar a torneira, impossibilitando o fluxo de água. Esse tamponar é a norma, a institucionalização da existência, uma tecnologia de controle que opera junto a uma certa clínica, que despotencializa. Mas a vida sempre acha por onde vazar. Dessa forma, o que potencializa a vida é o furo, o escoamento, é o que difere, o que se faz de outro jeito, como aquele olhar para o outro, desejável de uma clínica de uma vida, é o [res]pingo que escapa quando está aberta a potencialidade da água.

#



“o respingo (vai desenhando uma torneira) (...) aqui uma torneira, eu estou pensando no cotidiano, como se o cotidiano fosse essas coisas caindo (desenhando um fluxo de água), o cotidiano no sentido mais cotidiano possível (...) A gente pensou em uma imagem como quando essa água cai e encontra uma outra superfície (desenhando) que produz um efeito. Esse eterno cair encontrou uma outra superfície, mas isso não garante a potência do intercessor. O que vai acontecer nesse encontro? Ele vai produzir o quê? Essa água vai produzir respingos, e o barato de pensar agora seria o que, ao respingar, essa água vai acionando em outras zonas. Respingou aqui, respingou ali, vai “alagando” determinadas regiões, e eu nunca sei muito bem que regiões ela vai alagar. Esse alagar, pra nós, é a personalização efetiva do intercessor, é o signo se encontrando com alguma coisa, e não importa nem o que cai ou o que efetivamente se encontra. Vou usar o termo efeito, o efeito que produz, em que zonas, nesse encontro, eu vou produzindo novas habitações desse alagar (...) Outra coisa que a gente pensou conceitualmente: a gente pode pensar que é meio trágico, porque eu nunca sei onde é que vai cair, mas aí há uma ética... nunca vai respingar... provavelmente, não vai respingar aqui (desenhando no canto superior da folha). É provável que não. Até pode se for muito forte, mas provavelmente vai respingar na região próxima, e essa região próxima, fico pensando que são os possíveis que já habitam o teu agenciamento (...) Deu pra entender isso (mostrando o desenho)... faz sentido, né? Pode melhorar... a gente pensou isso hoje, mas tem outra coisa também... eu gosto desse encontro e ele é violento, né? Se eu pegar um microscópio, se eu aproximar a lente, esse encontro deve ser bem violento (mostrando quando a água bate na superfície) (...) é muito violento, eu nunca sei onde vai se encontrar. Tem uma ética do pensamento, da violência, e violência não no sentido de coisa ruim, mas o que é violento, atravessa, não é nada sutil, sempre nos atravessa. É o amor o coup de foudre, violento porque desestabiliza. E tem também essa outra ética, próxima do que a gente estava conversando na dissertação do Elisandro, que é quando tem um vazamento, mais próximo dessa imagem do Deleuze, quando tem um vazamento no cotidiano. É esperado que ele vá por aqui (mostrando na imagem), mas se tem um vazamento ele começa a pingar por aqui. Como é que eu lido com essas coisas que respingam, que estão no cotidiano também, já tão vazando... e é muito mais de uma invisibilidade, de uma sutileza, mas que também vai produzir encontros aqui. Não é um jorrar, mas a gente vai se encontrar com alguma coisa em algum lugar. Tem éticas pra gente pensar nas possibilidades, no que já está vazando sutilmente, no que pode ou não se encontrar, e aquilo que cai que possivelmente em algum momento vai se encontrar. São duas posições éticas diferentes. O que é mais difícil de olhar? No que é mais sutil (vazamento), ver encontro aqui também é difícil (quando a água bate na superfície). Eu estou tão arrastado pelo cotidiano... eu não sei se não é mais difícil, pra pensar nos efeitos daqui, quando tudo já está correndo, mas aqui também é difícil. Nesse sutil, está vazando e quando eu me dou conta pode estourar. Às vezes, é bom que estoure e, às vezes, não. As políticas, por exemplo, sempre tem essa coisa que vaza, e o que vaza pode estourar e tornar a política inviável, o que eu faço não para consertar mas para potencializar isso aqui” [Luciano].

no limiar da miudezas

“Amarinho de miudezas pode/deve ser lido então como um manual de combate contra a melancolia, o cinismo, o ceticismo, o amargor....como aproveitar o passado, fortalecer a memória, não para cultuar o que já era, mas para identificar as brechas que fornecem o mapa da fuga para a festa, para a frente...” [WS, 2005:13]

Uma pesquisa empírica produz dados a serem analisados, disponibilizando informações, “mas tanta profusão pode apenas dissimular sua exaustiva cadeia de homogeneidades: um dado, adicionado a outro dado, e o resultado: uma monótona soma de iguais” [PRECIOSA, 2010b:65]. Nas oficinaulas se transbordou dados, não para serem somados uns aos outros, mas para serem olhados na sua miudeza. Na miudeza da fala que salta na inquietação da pergunta, no traço fino e desfocado de um desenho, no limiar estabelecido entre uma aula e uma oficina.

Os dados produzidos nessas oficinaulas escapam a análise, deslizam por entre os olhos, e por entre as mãos de quem tenta “consumir informação para compreender a vida” [PRECIOSA, 2010b: 65]. Escapa para a frente, por entre uma brecha foge. Apenas deixa para trás imagens_pergunta_limiar [GDH, 2010]: Como fazer uma escrita ver e deixar ser olhada? Como a palavra dita, testemunhada nos olha? Como contar uma vida em meio a pesquisa? Como transmitir uma experiência como as oficinaulas?

Pensa-se: é no “ato de testemunhar, ou de narrar, ato de fala endereçado a um outro, que o vivido se constitui em experiência” [KEHL, in COSTA, 2001:22]. Para GDH, ver é um exercício de perda, sempre escapa algo ao olhar e, é esse algo, ou essa miudeza que nos olha. Da mesma

“Nos domínios que nos ocupam, não há conhecimento a não ser fulgurante. O texto é o trovão que faz ouvir o seu bramido longo tempo depois”. WB.

forma, “o que se transmite é o que falha. Se o Outro fosse pleno, não haveria brechas por onde o sentido pudesse escapar; não haveria necessidade do vivido se constituir como experiência marginal a ser incluída por atos de palavra” [KEHL, in COSTA, 2001:22].

O narrar e o transmitir, daquilo que foi vivenciado, das oficinaulas, é dessa forma, haver-se com a perda, com a falha da análise dos tais "dados". Retoma-se uma pergunta deixada em aberta: 'o que fazer com as paixões tristes?'. No limiar do pensamento uma resposta possível, das tantas que existem, transmitir uma experiência de pesquisa é um limiar de miudeza, de uma experiência marginal, onde a fala contada em texto soa como um relâmpago³⁴. Tem primeiro sua imagem, depois seu som, o trovão manifesta-se um tempo depois, “o escrever abre passagem para superar tanto o fechamento do ver quanto o do crer” [GDH, 2010:180].

Deleuze [2006:99-101], ao explicar o que seria um procedimento, pensa-se aqui no procedimento de análise de dados, diz: “existe na linguagem uma espécie de distância essencial, de deslocamento, de desmembramento ou de rasgão”. As palavras existem em menor número do que as coisas, e cada palavra carrega consigo vários sentidos. “Há, então, um vazio que se abre no interior de uma palavra: a repetição de uma palavra deixa escancarada a diferença de seus sentidos”, mas o que preenche o vazio, essa sensação de perda, de inacabamento, essa miudeza que conta mas não conta, que analisa e não analisa? “Por estranhos atores-artistas”. O vazio preenche-se com os artistas dos lampejos e os alunoficinantes e nas oficinaulas espaço de artesanaria e experimentação. Diz Deleuze que as obras sem procedimento são como o avesso do próprio

³⁴ Devaneio 26: O relâmpago é percebido pelo olho humano como um clarão, uma repentina intensidade de luz um pulso de luz branca ou azulada. Precede ou acompanha o trovão, durante a noite o relâmpago, em alguns casos, pode ser visto sem ser acompanhado do trovão, durante o dia o trovão, em alguns casos, pode ser ouvido sem que seja percebido o relâmpago.

procedimento “em ambos os casos o problema é o de falar e fazer ver ao mesmo tempo, falar e dar a ver”³⁵.

#

Durante a narração, contação, descrição e fabulação das oficinaulas deixou-se instantes que operaram como imagens lampejos, como a[in]cidentes de percurso no meio do texto. Se crê que mostraram um limiar do pensado e do acontecido. “Um acontecimento implica conexões de forças que afetam a criação de formas que dêem passagem” [DOMINGUES, 2010:26]. As quatro oficinaulas inventaram, agenciaram no limiar, no intervalo de mundos, deram passagens a acontecimentos.

O acontecimento proporciona a instauração de brechas, de fissuras que metamorfoseiam o vivenciado. “Diante do acontecimento, efetuar o possível é criar, em imanência com o acontecimento, agenciamentos que lhe deem consistência, afirmando uma outra sensibilidade, outras possibilidades de vida” [DOMINGUES, 2010:25]. O acontecimento é qualquer coisa que acabou de passar, ou que ainda vai se passar “jamais qualquer coisa que se passa” [DELEUZE, 2007:79]. O pensamento de Deleuze foca nos pequenos acontecimentos, não nos que chamam mais a atenção: “Nietzsche diz que sob os grandes acontecimentos ruidosos, há pequenos acontecimentos silenciosos, que são como a formação de novos mundos: também aí é a presença do poético sob o histórico” [GD, 2006:169]. No limiar das miudezas, nesse acontecimento que é um

“(…) aqui poderíamos comparar esse fenômeno ao da montagem cinematográfica, ou ao de uma técnica de colagem na pintura. Daí resulta que o que pertence propriamente à interpretação é da ordem do intervalo (...) O que equivale a dizer, portanto, que a interpretação sempre se dá no entre dois sentidos – ali onde o sentido ainda não se construiu tematicamente.” [FÉ DIDA, 1969:193 apud GDH, 2013b: 423]

³⁵ Devaneio 27: Analisar o trabalho das oficinaulas carrega o problema apontado por Deleuze, falar e fazer ver ao mesmo tempo as imagens produzidas através de palavras nos quatro encontros das oficinaulas e como falar e dar a ver essas imagens através de uma análise esburacada, que produz outros sentidos, não o tradicional de uma análise de dados. Procede-se sem procedimento, costurando possíveis significações com pensamentos já dados, com outros inventados e em conversa com os autores trabalhados.

intervalo de tempo “restam-nos pequenos acontecimentos imperceptíveis, que talvez anunciem uma saída para fora do deserto atual” [GD, 2006:169].

O intervalo, o corte, é o que torna o tempo “esburacado, múltiplo, residual. É o contratempo, o grão da diferença na engrenagem das repetições. É o buraco dos anacronismos, é a malha de buracos da memória. É o que intrinca e separa alternativamente os fios – ou as serpentes – da meada dos tempos. É o olho do redemoinho, dos turbilhões do tempo” [GDH, 2013b:422]. É nesse intervalo³⁶, ou instante quaisquer, que o limiar da miudeza, que a Clínica de Uma Vida [ou dos pormenores] opera uma produção de sentidos que faz pensar e ir para frente. Dessa forma, no “intervalo terá surgido um mundo de descrições e enumerações, em que duas palavras tomadas em dois sentidos vivem vidas diferentes, ou melhor, são deslocadas para comporem outras palavras” [GD, 2006:99].

A opção ao interpretar os dados das oficinaulas é a de um certo minimalismo [pormenores], ou seja, ler somente quando se extrai potências de signos, quando cria linhas, intimidades, sem ser íntima, margeando saídas e entradas, sendo sempre outra por mãos dadas. Contudo, em uma leitura, há sempre linhas opacas, que se compõem por vácuos, por vazios e por desertos, mas o que importa no fundo é a oscilação do pensamento. Pensamentos que carregam em seu devir os seus lugares, suas viagens, com um certo tempero do esquecimento, aquilo que compõe uma outra palavra. Carrega não uma história em si, mas blocos de memória, pois, “o devir é uma antimemória” [DELEUZE; GUATTARI, 1995:92]. A linha da memória é liberada da linha reta, e pelo bloco de memória há zonas de vizinhanças, blocos de vida, numa linha que desterritorializa e arrasta o corpo.

³⁶ Devaneio 28: Aproxima-se aqui o pensamento de GDH, com os intervalos proporcionados pela obra de Aby Warburg, e os instantes quaisquer de GD, que são o corte no movimento imagético das poses privilegiadas.

Nota-se, ao colocar o olho nesse buraco e perceber o intervalo, que em cada oficina um, ou mais, disparadores apareceram. Na oficina 'modos de cuidar e produzir saúde: dos azuis' o intervalo mostrou-se com as palavras_ termos_ conceitos memória e escavação no processo de um devir-criança. Ao pensar o que potencializa a vida, retomando as memórias guardadas, escavando mais fundo, se percebe um devir-criança como modo de cuidado de si, de promoção de saúde. Um corpo aberto ao sentir mostrou-se importante em um devir-criança. Corpo que libera movimentos intensivos de vida, que extrai partículas e afetos. Quando se abre a experimentação, quando abre-se a memória as escavações descobre vidas guardadas, enterradas, produzindo efeito nesse instante agora vivenciado: “devir-criança que não é eu, mas cosmos, explosão de mundo” [GD, 1997:146].

Escavar-se as memórias em um devir-criança não é uma “recordação, mas, um bloco, um fragmento anônimo infinito, um devir sempre contemporâneo” [GD, 1997:146]. Se explora os cantos, os caminhos e trajetos, esconde-se cuidados para traçar mapas que ficaram esquecidos no fundo do baú. Ao reencontrar esse mapa uma nova cartografia se faz, a da busca do perdido, do que outrora estava vazio. Encontra “uma lista de afectos ou constelações, uma mapa intensivo, é um devir” [GD, 1997:87], que se [re]atualiza com a possibilidade de trajetos virtuais e escritos, na possibilidade de lembrar, falar, desenhar o que mais gostava de fazer e lembrando o que ainda hoje se faz. “É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir” [GD, 1997:88].

A oficina 'o que pode um corpo no contemporâneo?', potencializou um corpo utópico, dançante e capaz de produção de variações a todo momento. As fagulhas acessas nesta oficina dialogam com um movimento composto por linhas emaranhadas e sobrepostas que conecta com a vida do outro produzindo encontros. Um corpo dançante_ utópico “realiza ao mesmo tempo a ligação e a disjunção dos elementos de tudo o que se enrola em torno do corpo e no corpo, envelopando-os

e desenvolvendo-os, dobrando e desdobrando” [UNO, 2012:63]. O que sente nesse corpo é o tempo fazendo marca e memória, “memória dos corpos, dos rostos, das caretas, das posturas que perambulam, que parecem cada vez mais ligadas à vida na qual se enredam com as camadas do tempo passado e distante” [UNO, 2012:63].

Retomando as questões de pesquisa, pensa-se que essas duas oficinaulas respondem, no limiar de uma miudeza, as questões: 'Como se pensa e se problematiza a vida no contemporâneo? E quais são os pormenores que se pode cartografar através de oficinaulas?' A vida é pensada e problematizada no viver cotidiano, nessa estranha inquietude presente nos passos que dançam a todo momento. A vida é problematizada no movimento, na memória, nos instantes passados e presentes, fazendo com que as linhas e fios, nas quais se está enredado, resgatem um corpo utópico e dançante, com um devir-criança alimentando a curiosidade de esburacar, do escavar necessárias.

Cartografa-se sutis movimentos de palavras ditas, de palavras escritas com delicadeza e leveza. Cartografa-se instantes que produzem um corpo sensorial e de encontro. Utópico e crianceiro. Cria-se imagens. Apaga-se. Rasura-se. Torna-se a criar e desenhar imagens. Um movimento brincante que não esgota o possível, pelo contrário, abre-se a mundos e possibilidades ainda não pensados. As oficinaulas cartografam pormenores de vidas que elevam no instante, e no intervalo presente, a sua potência de ser, “revela-se uma perpétua dança rítmica – exaltada aqui, desmoronada ali – em torno de intervalos cujos tempos tecem a estrutura, a armação vazada de nossa existência” [GDH, 2013b:421].

Problematiza e e cria pormenores de imagens nas oficinaulas. Imagens que se revelam-se, através dos saís de prata produzidos na fala, no desenho, no deslizar do corpo em movimento pela sala, onde dizem da [des]potência da medicalização, dizendo dela como uma pedra fria, dura,

imóvel, uma enorme pedra de carvão adormecida. Estática, sem os contornos definidos, como na captura de uma imagem em movimento, de uma grande avenida por exemplo, o que aparece são riscos, para alguns é uma imagem borrão, que não serve para nada, para outros pode ser uma imagem latência, que diz da vida em movimento, da vida em riscos coloridos. Dizem também do instante potente de aparecimento de vida. Como o soprar essa grande pedra de carvão acendendo ela novamente. Como um brincar criancieiro, soprando e soprando até a brasa tomar cor novamente.

Pensa e, problematiza-se, a vida no contemporâneo, nos corpos dançantes, no devir-criança que afeta através dessa linha jogada e emaranhada no outro. Nesse corpo vibrátil e luminoso. Pensa-se que a oficina 'modos de cuidar e produzir saúde: dos azuis' operou um instante ludopedagógico, de brincadeiras, de jogos, de escavar buracos para encontrar o que foi perdido, ou esquecido pelo tempo. A oficina 'o que pode um corpo no contemporâneo?' É uma mescla de um instante ludopedagógico, de um corpo dançante, mas também é um instante utópico, de um corpo que é utópico nos movimentos que produzem vida, "todas aquelas utopias pelas quais eu esquivava meu corpo encontravam muito simplesmente seu modelo e seu ponto primeiro de aplicação, encontravam seu lugar de origem no meu próprio corpo." [MF, 2013:11]. Da vida enquanto emaranhado, enquanto rasura, conexão de movimentos em movimentos, de instantes em instantes.

A oficina 'de uma vida anônima e passante' deixou em suspensão um modo de cuidado intrigante, o estilhaço. O estilhaço parece ser uma criação conceitual em contraposição a um certo eu transcendental que teima em povoar o imaginário do cuidado. Mesmo a noção de múltiplos eus convergentes parece ser conflitante ao estilhaço. A esse respeito Orlandi comenta: "ao fazer isso ou aquilo, cada euzinho está sempre fazendo algo mais ou até algo menos (...) Há, nisso tudo, um jogo de capturas múltiplas: um perpétuo rodízio entre capturar e ser capturado, entre prender e ser preso no jogo das múltiplas preensões" [ORLANDI, 2002:218].

As forças intensivas cavam mundos fora de um porto originário e ele vai mapeando o meio, o entreposto, que não é uma derivação de uma extensão, de um suplemento, mas um mapa dos afetos, que fazem as linhas do corpo percorrerem derivas transformáveis, por isso, um devir “é um mapa intensivo” [GD, 1997:77].

Falou-se em roda sobre a medicalização da vida como algo presente em nosso cotidiano nos diversos modos de cuidar. Produziu um pensar no eterno retorno das questões que angustiam os processos de trabalho, de militância, de vida. Produziu-se lascas e cascas – l[c]ascas no pensamento, o mesmo que estilhaçar um espelho. Produziu o pensar em como transmitir, ou capturar as imagens presentes nos fragmentos de um espelho quebrado? Oficinaula que deixou o silêncio falar e o suspiro do que não se tem resposta pairou. “Sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação. Nada se sabe antecipadamente, porque não há futuro nem passado. 'Eu, eis como sou', tudo isso acabou. Já não há fantasmas, mas apenas programas de vida que se modificam à medida que se fazem, traídos à medida que se aprofundam” [GD, 1998:63]. Produções dos eus capturadas pelo que otimiza a vida.

Na medida que se tenta escapar, mais perguntas surgem: Precisa-se de respostas para tudo? A escuta em roda dá conta dos estilhaços produzidos? Como olhar para as imagens produzidas se temos uma avalanche de outras imagens a inundar os olhos? Mas, para dar conta do testemunho, arranca-se apesar de tudo, imagens em um “tempo de clarão, tempo de terra. Instante e sedimentação” [GDH, 2012:68]. Imagens que são inúteis, espalhadas e estilhaçadas que são preciosas e nos exigem forçar o olhar para ver.

Um corpo gestado pelo sistema do julgamento é aterrorizado por todas as experimentações de culpa, deixando-se emoldurar, “por uma organização sombria: quero julgar, preciso julgar” [GD, 1997:144]. Esse sistema inventa signos terríveis “que laboram os corpos e os colorem, traços e

pigmentos, revelando em plena carne o que cada um deve e o que lhe é devido: todo um sistema da crueldade” [GD, 1997:145], e este é produzido pela ordem do pensamento verdadeiro, que tende a negar toda e qualquer invasão da diferença.

Isso tudo percorre como uma espécie de fio vermelho, como vontade de verdade, que impele o homem a não querer correr riscos, do mesmo modo que coloca a humanidade em volta de infinitas questões, debates e reflexões. Mas a pergunta de Nietzsche [1992:9]: “o que, em nós, aspira realmente à verdade?” Porque também não se quer a inverdade? Qual é o valor da verdade? Quem se apresentou a quem, o valor da verdade à humanidade ou a humanidade ao valor da verdade [NIETZSCHE, 1992]. Nietzsche vai levantando uma série de questões no seu texto “Dos preconceitos dos filósofos”, em sua obra Além do bem e o do mal, procurando mostrar como um modo de julgar, de valorar por exclusão, verdadeiro/falso/errado ou certo, produz preconceitos [NIETZSCHE, 1992]. O valor da verdade imprime todo um processo de negação, de oposição, de construção lógica, que impõe total desinteresse para tudo aquilo que está fora do padrão de valor dominante. Será que a vida pode ser em si valorada?

Cada gesto, cada euzinho, cada fiapo das práticas cotidianas, está imerso em algo ainda incontrolável, está ajudando a proliferar os fluxos ainda incontroláveis, e isso do ponto de vista de quem vive numa sociedade disciplinar e/ou de controle [ORLANDI, 2002:20].

A Oficina 'de como [res]pingar uma vida' retomou a memória como testemunho, do que é dito e escrito. Como um manifesto do vivido. Trabalhou com uma micropolítica da vida, talhando o pensamento através de intercessores e afirmando a Filosofia da Diferença como fio condutor do pensamento, essa linha colorida que [de]marca as possíveis entradas e saídas, possibilitando agenciar com outros pensamentos na criação do novo. Mostrou-se como rasgo aproximando a palavra_termo_conceito oficina do intervalo/instante quaisquer que ela denota. Ao realizar a

oficinaula em um lugar que foge a ideia tradicional de sala de aula abriu-se a potência dessa palavra_termo_conceito. Deleuze [2006:303-304], vai dizer que “há um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado, e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar um desabamento”.

As oficinaulas mostraram-se com um furo, um rasgo possível para pensar em espaços de aprendizagem na educação e na saúde. Uma ação que é um microfuro nesse muro de imagens dogmáticas e de imagens de representação. “Romper com o muro é difícilimo e se o fazemos de forma muito bruta nos machucamos, caímos, desabamos”, o furo e o desabamento são dois momentos diferentes, e o que se quis com as oficinaulas, com esse [res]pingar a vida, foi produzir pequenos furos, rasgos, lampejos de pensamento no meio da noite escura, pequenos pontos luminosos no [im]possível.

Estas oficinaulas agenciaram-se como um Instante Quaisquer, ao furar e romper com as ideias tradicionais de aula, de sala, de espaço, de respostas as perguntas. Uma cisão nos limites possibilitando ver desde um outro lugar, outros lados de um limiar de miudezas. No instante quaisquer o que se nota são os pormenores, os detalhes: “pequenas coisas não percebidas, como os temas discretos perdidos no claro-escuro de um afresco, o verso de uma medalha desconhecida ou a modesta base de estátua que percebemos” [GDH, 2013b:410]. Pequenas percepções que captam o olhar e desdobram visualmente as discontinuidades do tempo, da memória, do testemunho, da escrita, dos estilhaços.

A medicalização apareceu com mais força nas últimas oficinaulas, dessa forma a pergunta: 'Como se percebe os discursos da medicalização da vida nos cotidianos de trabalho e formação?' Pode ser rasurada dizendo que a medicalização está em todos os processos vividos. É o que apaga a memória e cala o testemunho. É uma forma de controle do corpo individual e coletivo que captura

“Imagens apesar de tudo: apesar de nossa própria incapacidade de sabermos olhar para elas como elas mereceriam, apesar do nosso próprio mundo repleto, quase sufocado, de mercadoria imaginária.” [GDH, 2012:15]

as produções dos eus, os desejos e [des]potencializa-se o viver. É uma dupla captura, potencializa-se e despotencializa os corpos. Aumenta e diminui as vontades de viver.

Em algumas falas dos alunoficinas isso ficou bem presente, mostrando que o discurso é sussurrado, pouco comentado, *“acho que tanto o processo de medicalização, e mais pra além, não da medicalização do medicamento, mas como medicalização enquanto forma de controle do corpo, e de todas as coisas que a gente exerce o tempo inteiro, pra além da medicalização”* [1]. A medicalização “avança a largos passos sobre todas as esferas da vida, ocultando desigualdades ao transformá-las em problemas individuais, inerentes ao sujeito...” [MOYSÉS; COLLARES, 2013:48].

#

As oficinaulas possibilitaram um deslizamento potente, enquanto dispositivo pedagógico de aprendizagem e pesquisa. Uma possibilidade ludopedagógica e didática para as oficinas, aulas, currículos da saúde coletiva e da educação. Um jogo que possibilita a inquietação do olhar. Lugar em que, na ausência de luz, os lampejos podem acontecer. Um espaço aberto para o possível, para a criação. Oficinaulas como “uma experiência de abertura: imprevisível (irredutível a um programa de pesquisa) e inquietante (irredutível a um saber ou a um sistema). A experiência pede, e isso é claro, para ser suportada, contextualizada, historicizada, teorizada” [GDH, 2006].

Das quatro oficinaulas que realizou-se, duas operaram próximas do que se pensava inicialmente por oficinaulas: a oficinaula dos estilhaços {das l[c]ascas} e a oficinaula da escrita/testemunho {manifesto da clínica de uma vida}. Esses encontros potencializaram o que se tem de

“Somos como personagens de Beckett, para os quais já é difícil andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil de simplesmente se arrastar, e depois ainda, de permanecer sentado...Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder...o corpo é aquele que não aguenta mais.” [LAPOUJADE, 2002]

vivência em uma oficina, como espaço de criação, de mesa de bar, de diálogo, experimentação, ousadia, e como uma aula, da teoria, do pensamento, da inquietude frente a conceitos e ideias.

Afirma-se a potência do uso do audiovisual como recurso, como mostrado na primeira e na terceira oficinaaulas. O audiovisual pode ser usado não só aos olhares, mas às vidas. Como disparador de afecções, de furos, como ferramenta no processo de aprendizagem, de formação e de vivenciar outros possíveis. Entende-se, dessa forma, o audiovisual, como uma potência de afetação através de instantes quaisquer, provocados pelos a[*in*]cidentes n[*d*]a imagem. Pode-se dizer que o audiovisual “não apresenta apenas imagens, ele as cerca com um mundo” [GD, 2007b:87].

A oficinaaula é onde uma Clínica pode atuar. Uma Clínica que resgate as memórias das infâncias, que escave a superfície para encontrar o que está perdido, esquecido, enterrado. Uma Clínica que faça com que haja movimento, com que o corpo crie asas e voe, que [des]ritmize e ritmize em outras cadências. Uma Clínica que estilhace os pensamentos, que deixe em silêncio, que fragmente e faça olhar para os pormenores de uma vida. Uma Clínica testemunho, que deixe marcas, registradas nos corpos de quem vivenciou as experiências, afecções e vontades de vida e que lance aos outros, ao mundo manifestos em favor do que aumenta nossa vontade e nossa potência. É onde uma Clínica da Vida pode existir.

#

Pensa-se, nesse quase dia, que Clínica de Uma Vida pode transmutar-se em Clínica dos Pormenores, onde a “inquietante estranheza” [GDH, 2009] está presente nos pequenos detalhes, nas miudezas, nos punctuns que afetam. Dessa forma, deixando o termo_conceito_palavra_ideia Clínica dos Pormenores como algo que resta, pode-se dizer que, das quatro oficinaaulas,

problematizam-se três instantes, hiatos, intervalos de tempo: 1) Instante Utópico: como sustentação das pequenas luzes [GDH, 2011]; como sustentação das imagens menores – dos pormenores; como o ainda não, rasura, como instante/vontade utópica. 2) Instantes Quaisquer: em que se colocam intervalos e hiatos de tempo para o novo poder acontecer, rompendo com os aparelhos de captura, produzindo variação no mesmo e estilizando com os sintomas que prendem a uma vida medicalizada. 3) Instante Ludopedagógico: em que os processos de ensino e aprendizagem misturam-se com jogos, imagens, cinema, música, dança, pintura, recortes, colagens. Em que a experiência estética sussurra mais alto, não na afirmação da beleza, mas na afirmação de que tudo o que se produz é uma forma de material estético. E, principalmente, onde saúde e educação são pensados conjuntamente.

“Será que sempre falar equivale a falhar e falir ou falar também pode significar faulhar, fagulhar e faiscar?” [WS, 2005:70]

6_do amanhecer

_06 am

'Dia trezentos e trinta e um.' Sr. W escreve em uma folha, continua: 'Georges, desde ontem à noite me encontro aqui. Daqui a pouco, o dia amanhece'. Olha a sua volta tudo está organizado. Os livros usados estão nas estantes que preenchem as paredes de sua biblioteca. Os cadernos de anotações continuam empilhados sobre a mesa. As imagens não usadas, nos painéis dentro de um arquivo preto. Os 10 painéis pretos, montados, contendo 100 imagens dos últimos 100 anos, divididos de 1925 a 2015. 10 painéis imagéticos. Imagens de jornais, de revistas, anúncios, propagandas de medicamentos. Xerocados, fotografados, contendo palavras e imagens, ou apenas imagens. Tudo pronto. Finalizado. Dois anos de pesquisa organizados. 'Agora', pensa Sr. W, 'resta fotografar os murais, separar as imagens escaneadas no computador para montá-las virtualmente e concluir meu atlas sobre a medicalização'. Sr. W olha pra tudo com um sorriso no rosto. Olha para fora, pela janela embaçada. Aproxima-se dela, limpa o vidro com a ponta do casaco para ver o lado de fora. A cerração impede um pouco a visibilidade, mas, por entre a opacidade, enxerga um céu azul. O azul toma conta da noite e do dia que se anuncia.

Sr. W lembra da cena de um filme de que não consegue lembrar o nome. A cena que lhe vem à memória é de duas jovens mulheres que vivenciam um momento antes do nascer do sol, captam com seus silêncios a hora azul. Momento de tranquilidade, de suspensão no tempo. Sr. W volta a se sentar e continua seu escrito: 'Acabo de olhar pela janela e estamos naquele momento que é um, entre o final da noite e o amanhecer, alguns o chamam de hora azul. Tudo é silêncio. Pouco se escuta. Ontem à noite pensei ter visto vaga-lumes por perto. Lembrei-me muito de uma noite que passamos juntos, era alta madrugada e caminhávamos bêbados pelas ruas de sua cidade, avistamos alguns pontos luminosos voando e piscando aqui e ali no meio da rua, começamos a correr atrás dessas luzes e nos deparamos com um bosque cheio de vaga-lumes. Lembras? Foi tão bonito ver aquele baile de luzes na noite...Georges, te escrevo para dizer que terminei meu projeto. Junto com essa carta, seguem os painéis para tua análise. Espero te encontrar logo. Abraços afetuosos. Warburg'. Sr. W descansa a caneta sobre o papel. O sono da madrugada passou. Seu pensamento está a todo vapor. Decide caminhar um pouco. Logo o dia começa a clarear. Caminha em direção à porta. Coloca seu sapato, pega seu casaco, seu chapéu e sai para a rua. Lá fora, a noite se despede aos poucos, a cerração impede a visão e molha o casaco de Sr. W, as gotículas de água que caem criam pequenas lágrimas sobre as folhas. Os passos de Sr. W ecoam na opacidade da noite que logo será dia.

#

A noite dessa escrita finaliza-se. O despertar do sol anuncia-se. A noite torna-se novamente dia. Com o dia, mais desafios. Se está apenas de passagem pela noite, e pelo dia, em perpétuo processo de montagem, de desmontagem, de remontagem. Fica gravada na mente uma estranha inquietação que faz pensar. Pensar nas horas. Em como se escreve uma vida. Como se realiza uma pesquisa. Faz pensar em como problematizar um tema atual, a medicalização da vida, dando conta de não cair no clichê, de não falar mais o mesmo, de não se tornar panfletário.

Pensa-se nas várias imagens possíveis em uma pesquisa. Nos muitos fragmentos e estilhaços que compõem uma escrita. Nas palavras_termos_conceitos_ideias sobre que se disserta. Medicalização. Clínica[s]. Saúde. Educação. Vida. Potência. Vontade. Instante. Oficinaulas. Memória. Escavação. Devir-criança. Corpos. Movimento. Dança. L[c]ascas. Testemunho. Escuro. Noite. Imagens. Fala-se de imagens, apesar de tudo.

O que resta ainda para dizer? Resta, ainda, apesar de tudo, abrir as imagens. Desdobrar. Inquietar-se diante de cada imagem. Resta furar e romper a superfície. Interrogar. Questionar. É possível uma noologia na saúde coletiva? Em que imagens a saúde coletiva faz pensar? Que imagem a medicalização da vida convoca ao pensamento? O que está por trás dessa superfície? Que concepções de mundo? De realidades? Que modos de viver a vida estão capturados nessa imagem? Como vemos, analisamos esse instante, no escuro do nosso tempo?

É pertinente trabalhar com imagens? Experimenta-se, ou somente vive-se, como diria Walter Benjamin, a todo instante, imagens. Imagens-pensamento, Pensamento-Imagem. Talvez a incidência da medicalização, no um a um da vida, não tivesse tanta pertinência se algumas imagens não operassem 'quase como uma segunda pele' junto aos sujeitos. Na perspectiva de alcançá-la, e sabendo-nos parciais, algo chega para lançar-nos à ilusória sensação de completude.

“Ou, simplesmente, se deixar levar pela sua opacidade, furar e romper a superfície, para descobrir, ao lado da fala e da escrita, o que ela guarda de mais profundo a nos dizer, ela, que da fala e da escrita é matriz, ao lado de nosso sistema sensorial.” [SAMAIN, 2012:34]

Experienciar, nesse processo de escrita-pesquisa, esse movimento com as imagens, correspondeu também a propor uma certa brincadeira, furando-as uma a uma, fazendo como que se instaurasse uma vírgula onde somente o estático parecia fazer morada. Quem sabe se não é isso que resta a dizer, é o que abre o furo, a vida parcial e a possibilidade de termos reticências.

Resta ainda dizer que muitas são as questões que permanecem. Foi apenas uma noite de dois anos. Para deixar que a imagem nos olhe. “Não é possível pensar a imagem se não a situarmos no sistema no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a fez, aquele que a contempla, num tempo e num espaço históricos e a-históricos” [SAMAIN, 2012:34].

As imagens são capazes de ideações. Nesse trabalho tentou-se operar com uma imagem do pensamento a partir do pensamento da imagem sobre medicalização da vida. Rizomatizar-se em oficinaulas lança, em nossas retinas, mais uma pista de operacionalizar cuidados que escapem à completude imagética que massacra a vida. Amplia-se as imagens na saúde coletiva, num processo de experimentar o experimental. De ir fabulando, artistando, cartografando, biografematizando, ao mesmo tempo em que se vive e se experimenta, em que se pesquisa e se escreve. Resta ainda dizer pensamentos em fragmentos, ou pensamentos lampejos.

#

Sr. W é um velho. Deleuze diria que “a velhice é uma idade esplêndida. Torna as pessoas mais lentas, tudo fica mais lento. Na velhice sabe-se que chegou lá”. Atravessou-se muitas noites, assim como essa noite que Sr.W passou acordado, reclamando, resmungando, mas chegou lá. Terminou seu projeto de dois anos. Sua pesquisa imagética. Fica a vontade de ver os painéis, quais

foram as colagens realizadas, que acontecimentos e histórias são contadas. Resta ainda essa vontade de saber, de pesquisar, de buscar, de cartografar imagetivamente a história da medicalização da vida a partir de imagens.

#

Momento de finalizar também é momento de retomada. Dessa forma, alguns pontos são centrais de se trazer para inquietar mais o pensamento. 1) As vivências nas oficinas proporcionaram um rico material empírico, páginas e mais páginas de conversas, debates, encontros. Tornou-se difícil transcrever essa experiência e tornar as palavras, imagens. Disso fica uma questão, como transmitir, como contar uma experiência, uma vivência?

2) As oficinas foram agenciadas por artesãos dos lampejos, especialmente convidados para desterritorializar o pensamento sobre as temáticas trabalhadas. Mas há algo que sempre escapa, um imprevisto de um feriado, de um corte de tempo, e que deixou o pesquisador sem a experimentação de estar facilitando uma oficina. 3) As palavras_termos_conceitos_ideias que se inventa têm aderência, são ideias-pensamento força?

Deleuze [2007:150] diz que quando se lê um livro, se assiste a um espetáculo, ou filme, quando olha-se um quadro “e com mais razão, quando somos nós mesmos o autor, um processo análogo se desencadeia: constituímos um lençol de transformação que inventa um tipo de continuidade ou de comunicação” que tecem entre os vários mecanismos utilizados na escrita “um conjunto de relações não-localizáveis”. Continua, dizendo que, essas relações desencadeadas no processo de transformação e invenção “sem dúvida são uma tarefa que corre o risco de dar em fracasso: ora

produzimos apenas uma poeira incoerente feita de empréstimos justapostos, ora formamos meras generalidades, que tudo o que retêm são semelhanças”.

Se tentou escrever essas linhas para deixar em suspensão, ao modo Barthes, onde a obra produzida não é um produto um objeto qualquer a ser manejado, “mas como uma resposta a certas faltas, a certas falhas num estado de coisas” [MOISÉS, 2012:22]. Escreveu para exercitar a escritura, para despertar o que estava acomodado no pensamento. Escreveu para experimentar uma escrita, “o estilo é de certa maneira, o começo da escritura: mesmo timidamente, oferecendo-se a grandes riscos de recuperação, ele prepara o reino do significante” [RB, 2003:89]. Escreve para fracassar. Falhar. Faltar. Como uma câmara de ecos que ressoa do pensamento para o papel, do papel para os olhos do leitor.

Muitos foram os “restos noturnos” [GDH, 2010:189] deixados no processo de escrita. Iniciou-se esse texto falando-se das horas iniciais e como iria-se compor o traçado das linhas que seguiam. Entrou-se na noite pelo entardecer de uma escrita trazendo os elementos, as palavras chaves, para a leitura do texto. Do que tratava-se esse escrito, de uma possível metodologia e de algumas imagens do pesquisar. Olhou-se mais de perto para esses restos, fragmentos, pedaços de espelhos estilhaçados: conceito, medicalização, clínica[s], vida.

No embalo dos fragmentos realizou-se um intervalo para pensar o escuro de nosso tempo, ou a imagem do pensamento - “Como devo fazer para que cada um destes fragmentos nunca seja mais do que um sintoma? - É fácil: deixe-se ir, regrida” [RB, 2003:189]. Caminhou-se na noite, com instantes quaisquer e instantes utópicos, para dizer que o trabalho molha-se com imagens do pensamento na saúde coletiva. O percurso do escrever, de contar passo a passo, de certa forma numa exaustão pedagógica, aponta para as oficinaulas.

“Gostando de encontrar, de escrever começos, ele tende a multiplicar esse prazer: eis por que ele escreve fragmentos: tantos fragmentos, tantos começos, tantos prazeres (mas ele não gosta dos fins: o risco de cláusula retórica é grande demais: receio de não saber resistir à última palavra, à última réplica).” [RB, 2003:109]

Oficinas que lançaram faíscas de modos de cuidar e produzir saúde, marcando as palavras-guia memória, escavação e devir-criança. Falou-se do que pode um corpo no contemporâneo, dos corpos dançantes, das [c]ascas e estilhaços que vivemos no cotidiano, das vidas anônimas e passantes. Finalizando-se com a escrita testemunho, escrita lampejo que [res]pinga vidas.

Para dar conta do que falta, falha, fracassa se tentou pintar o limiar das miudezas para falar do que ainda resta a se dizer sobre as oficinas, sobre os instantes quaisquer, ludopedagógico e utópico. Por fim, termina-se a caminhada noturna entrando no dia novamente, observando o amanhecer de mais um dia e se preparando para mais uma noite.

Nessa pintura que se realizou muitas foram as camadas coladas entre a tinta e a tela. Colagens em fragmentos de pormenores e detalhes, usando outros elementos. Pinta-se primeiro, faz-se o fundo azul-noite, acrescenta-se linhas, pedaços de recortes de livros, pedaços de jornais e revistas, o que se encontra no meio do caminho vêm compor essa cartografia, essa micropolítica de uma vida. “A palavra me arrebatava segundo essa ideia de que vou fazer alguma coisa com ela: é o estremecimento de um fazer futuro, algo como um apetite. Esse desejo mexe com todo o quadro imóvel da linguagem” [RB, 2003:148].

#

Os murmúrios da medicalização estão presentes, principalmente quando entende-se que se vive em uma sociedade de captura de desejos. Nas oficinas, a temática da medicalização da vida apareceu, muitas vezes não instigada pelos artesãos dos lampejos. Percebe-se, dessa forma, que existe muito ainda o que se comentar, discutir, estudar sobre esse tema. E as questões - O que nos medicaliza? Onde está o que nos medicaliza? - seguem sem respostas, permanecendo apenas essa

estranha inquietação por continuar a se encontrar com outros, com leituras, com fóruns, para melhor entender e compreender o que está em jogo, para entender essa força [in]visível que [des]potencializa o viver.

#

Por fim, resta ainda dizer três coisas. 1) Que “não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos” [GDH, 2011:155]. Seria possível elencar muitos outros mundos, mas nessa escrita o mundo inundado de luz é onde prevalece a medicalização da vida, onde a captura do desejo fala mais alto. Os lampejos são as microações, nosso devir-revolucionário, uma clínica dos pormenores que pensa as imagens do pensamento na saúde coletiva.

2) Não se pode permitir a intimação e opressão das grandes luzes, dos grandes holofotes. É necessário também não ter medo da noite. “Contudo, é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes” [GDH, 2011:49]. Trata-se de procurar os espaços onde se pode criar, construir ideias e ações, oficinaulas, onde se pode furar o cotidiano do trabalho ou pintar noites para achar vaga-lumes.

3) “Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca” [GDH, 2011:155]. Dizer sim e escutar a vida ou, como diria Deleuze, “pensar é pra mim estar à escuta da vida”. Produzir lampejos escritos, por mais frágeis e fragmentados que sejam. Dizer não ao que ofusca o processo de pensamento. Pois criar é resistir. E pesquisar é estar sempre em processo de inacabamento.

“O que eu disse aqui não é 'o que eu penso', mas com frequência é aquilo que eu me pergunto se não poderia ser pensado.” [MF, 2001:429]

7_das referências

ABIB, L. T. *Crônicas urbanas: Consultório na Rua, população em situação de rua, clínica menor e outras histórias*, 2014
Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação,
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

AGAMBEN, G. *A potência do pensamento: Ensaio e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó/SC: Argos, 2009.

_____. *O que é um dispositivo?*. Outra travessia, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005.

AUSTER, P. *Homem no Escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Viagens no Scriptorium*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. *A câmara clara*. Lisboa : Edições 70, 2010.

_____. *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BAVCAR, E.; TESSLER, E.; BANDEIRA, J. *Memória do Brasil*, São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BAVCAR, E. Catálogo de Exposição. *A Noite Minha cúmplice*. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Curadoria: Elisa Tessler – Exposição de 23 de agosto a 30 de setembro de 2001.

BAVCAR, E. *O Ponto Zero da Fotografia*. Rio de Janeiro, 2000.

_____. Le voyeur absolu. Paris, Seuil, 1992. P.8 In: TESSLER, E. *Evgen Bavcar: silêncios, cegueiras e alguns paradoxos quase invisíveis*. Porto Alegre: Revista Porto Arte, vol.9, 1998.

BELLOC, M. M. *Ato Criativo e Cumplicidade*. 2005. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BENJAMIN, W. *Rua de mão única - Infância Berlinense*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BERLINCK, M. T.; FÉDIDA, P. *Clínica da Depressão: Questões Atuais*. Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental. vol. III, no. 2, junho de 2000.

BLOCH, E. *O Princípio da Esperança*. v1. Rio de Janeiro: Editora da UERJ e Editora Contraponto, 2005.

CECCIM, R. *Equipe de Saúde: a Perspectiva Entre-Disciplinar na produção de atos terapêuticos* In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. [orgs]. *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: HUCITEC: ABRASCO, 2004.

CECCIM, R. B; FERLA, A. A. *Notas cartográficas sobre a escuta e a escrita: contribuição à educação das práticas de saúde*. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Org.). *Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2005.

CECCIM, R. B. ; FEUERWERKER, L. C. M. *O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social*. Physis: revista de saúde coletiva, v. 14, n. 1, 2004.

CECCIM, R. B; MÜLLER, G. S; MAIA L. P; CATALUÑA R.V. *Círculos em redes: da construção metodológica à investigação em saúde como pesquisa-formação*. Fórum Sociológico (Lisboa). 2014.

CECCIM, R. B.; MERHY, E. E. *Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas*. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.13, supl.1, 2009.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. *Medicalização: o Obscurantismo reinventado* In: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. C. F. *Novas Capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. P. 41-64.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. C. F. *Novas Capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

CORAZZA, S. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

_____. *Caderno de notas 3: Didaticário de criação - Aula Cheia*. Porto Alegre, UFRGS, 2012.

_____. *Caóides* in: MONTEIRO, S. B. (org.). *Cadernos de notas 2: Rastros de Escrita*. Canela, RS: 2011.

_____. *Introdução ao Método Biografemático* In COSTA, L. B. da (org); FONSECA, T. M. G. (org). *Vidas do Fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. P. 85-107.

_____. *Notas*. In: HEUSER, E. M. D (Org.) *Caderno de notas 1: Projeto, notas & ressonâncias* (p.31-96). Cuiabá: EdUFMT, 2011.

_____. *Notas para AICE: Imagem*. Texto não publicado.

_____. *O que se transcrie em educação?* Porto Alegre: UFRGS, 2013.

_____. *Pesquisa-ensino: o "hífen" da ligação necessária na formação docente*. In: ESTEBAN, M. T. e ZACCUR, E. (orgs). *Professora Pesquisadora - uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP &A, 2002.

_____. *Infancionática: dois exercícios de ficção e algumas práticas de artifícios*. In: CORAZZA, S.; TADEU, T. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA, C. B. da. *Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas*, 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, L. B. da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. *O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida* In: COSTA, L. B. da (org); FONSECA, T. M. G. (org). *Vidas do Fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. P. 47-69.

COSTA, Fabiana T., MOEHLECKE, Vilene, FONSECA, Tania M. G. *Abrir o Corpo da Clínica* In Tânia Mara Galli Fonseca e Selda Engelman (org) *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DAMICO, J. G. S. *Projeto de Pesquisa Medicalização da Infância como estratégia biopolítica*. 2013.

DALAROSA, P. C. *Cadernos de Notas 4. Pedagogia da Tradução: entre bio-oficinas de filosofia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

DAVID-MÉNARD, M. *Deleuze e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DELEUZE, G. *A Ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *A imanência: uma vida...* *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002.

_____. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2º ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. *Cinema 1. A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Cinema 2. A Imagem-Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007b.

_____. *Conversações*. Trad. Peter P. Pelbart. 2º ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009.

- _____. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora perspectiva, 2007.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b.
- _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- _____. *Que é um dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- _____. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, "TV Escola", 2001.
- DIDI-HUBERMAM, G. *A Imagem Sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013b.
- _____. *A Pintura Encarnada*. São Paulo: Escuta, 2012b.
- _____. *A Sobrevivência dos Vaga-Lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- _____. *Cascas*. São Paulo: Revista Serrote, 2013.
- _____. *Diante da Imagem: questões colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013c.
- _____. *Imagens Apesar de Tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.
- _____. *O que vemos, O que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *Ser crânio: lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

_____. *S'inquiéter devant chaque image*. (entrevista com Georges Didi-Huberman realizada por Mathieu Potte-Bonneville e Pierre Zaoui), in *Vacarme*, nº37, outono de 2006. Disponível em: <http://www.vacarme.org/article1210.html>

DOMINGUES, L. *A flor da pele: clínica e cinema no contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2010.

FÉDIDA, P. *“Le discours à double entente”*. Paris: UGE, 1969 apud DIDI-HUBERMAM, G. *A Imagem Sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013b.

FERRAZ, W. *Corpo a dançar: entre educação e criação de corpos*. 2014. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRAIA, E. *Opacidade*. São Paulo: Revista Serrote, 2013.

FREITAS, M. C de A; MACHADO, L. D. *Uma resenha bricolada de “Pesquisar na Diferença – um abecedário”*. Revista Mnemosine. Vol. 9, n.1, P. 238-244, 2013.

FONSECA, T. M. G; ENGELMAN, S. (orgs). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, T. M.G; KIRTS, P. G. *O desejo de mundo: Um olhar sobre a Clínica*. *Psicologia & Sociedade*; 16 (3): 29-34; set/ dez.2004

FONSECA, T. M. G; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, M. *Crise da medicina ou crise da antimedicina*. Verve, São Paulo, n.18, out. 2010, p.167-194.

_____. *Ditos e escritos. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. MOTTA, M. B. da (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.

_____. *Entretien avec Michael Foucault*, 2001, p. 860-861 apud FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. *Entretien avec Michael Foucault* (realizada por D. Trombadori, em 1978). In FOUCAULT, M. *Dits et écrits 1954-1988*, Tomo IV (1980-1988). Édition Daniel Defert, François Eward et Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994 apud

PELBART, P. Experiência e sujeito In VEIGA-NETO, A.; FONSECA, M. A. Da; MUCHAIL, S. T. (orgs). O mesmo e o outro: 50 anos de História da Loucura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. *Eu sou um pirotécnico*. In: POL-DROIT, R. Michel Foucault, entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Trad. Sala T. Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GALEANO, E. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GAUDENZI, P; ORTEGA, F. *O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização*. Revista: Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Vol. 16, número 40, 2012. P. 21-34. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/2012nahead/aop2112.pdf>>

GUERREIRO, A. *Sentir o tempo e ver a história nas imagens*, entrevista a Georges DidiHuberman por António Guerreiro, Público, ÍPSILON, 11 de Abril, 2014, pp. 12-14.

JACOBY, R. *Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KASTRUP, V. *O Devir-Criança e a Cognição Contemporânea*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 13, n. 3, p. 373-382, 2000.

KOHAN, W. O. *A infância da educação: o conceito devir-criança*. In: KOHAN, W. (Org.). Lugares da Infância. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KEHL, M. R. *Prefácio* In COSTA, A. *Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAPOUJADE, D. *O corpo que não agüenta mais*. In: LINS, D. & GADELHA, S. (org.). Nietzsche e Deleuze. Que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. P. 82-90.

_____. *Potências do tempo*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana: dança, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEÃO, R. de S. *Todos os cachorros são azuis*. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

LEMINSKI, P. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, T. S. F. *Por Uma Clínica dos Poros: Conhecimento e práticas em saúde a partir do exercício de um corpo sensível*. 2014. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade Federal do Espírito Santo.

LINGIS, A. *A vontade de potência*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 28, n. 1, jan./jun. 2003. P. 11-20.

MACHADO, L.D; LAVRADOR, M.C.C. *Por uma clínica da expansão da vida*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. V. 13, supl.I, pg. 515-521, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v13s1/a04v13s1.pdf>>

_____. *As políticas que incidem sobre a vida*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, P. 118-133, 2010.

MACHADO, L. D. *O desafio ético da escrita*. Psicologia & Sociedade, vol. 16, n. 1, 2004. P.146-150.

MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MAURICIO, E; MANGUEIRA, M. *Imagens do Pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação*. Fractal, Rev. Psicol. vol.23 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2011.

MEDEIROS, D.; RODRIGUES, E. *GiZ de Hércia* In: GAI, D. N.; Ferraz, W. Parafernálias: Diferença, Artes , Educação. Porto Alegre: INDEPIN, 2013, P. 43-50.

MERÇON, J. *Foucault, Agamben e Deleuze: relações entre vida e política*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 2, 2010.

MERHY, E. E; CECILIO, L.C.O; NOGUEIRA FILHO, R.C. *Por um modelo tecno-assistencial da política de saúde em defesa da vida: contribuição para as conferências de saúde*. Revista Saúde em Debate: Rio de Janeiro, V.33, 1991, dez. P 83-89.

MERHY, E.E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: HUCITEC, 2002.

_____. *Em Busca do Tempo Perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde*. In: MERHY, E.E; ONOCKO, R (orgs.). Agir em Saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec; 1997. Pág. 71-112.

MOISÉS, L. P. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MOYSÉS, M.A.A.; COLLARES, C.A.L. *Medicalização: elemento de desconstrução de direitos*. In: Direitos Humanos : O que temos a ver com isso? CRP-RJ, 2007.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORLANDI, L. B. L. *Elogio ao entrevaguear*. Revista Lampejo, N° 2, Fortaleza, p. 03-09, 2012.

_____. *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?* In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETTO, A. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

PASSOS, E.; BARROS, R. B. *Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo*. Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa (PUC/RJ), PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2001.

_____. *O que pode a clínica? A posição de um problema e de um paradoxo*. In: FONSECA, T. M. G; ENGELMAN, S. (org.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 3275-286.

_____. *Passagens da clínica*. In MACIEL, A; KUPERMANN, D; TEDESCO S. (org.). *Polifonias: Clínica, Política e Criação*. Rio de Janeiro: Conreacapa, 2006, pp. 89-100

PAULON, S. M. *Clínica ampliada: Que(m) demanda ampliações?*. In: FONSECA, T..M.G; ENGELMAN, S. (org.). *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre, 2004, p. 259-273.

PELBART, P. P *Viver não é sobreviver: Para além da vida aprisionada*. 2013. Fala no III Seminário Internacional “A Educação Medicalizada: reconhecer e acolher as diferenças”. Disponível em <http://www.redehumanizaus.net/63611-viver-nao-e-sobreviver-para-alem-da-vida-aprisionada-peter-pal-pelbart-primeira-parte>.

PRECIOSA, R. *Escrever/Baluciar*. Cadernos de Subjetividade. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUCSP. Dezembro, 2010a.

_____. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escrita em processo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010b.

PORTOCARRERO, V. *As ciências da vida: Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

RANCIÈRE, J. *De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema*. 2001. Disponível em <www.intermidias.com>.

_____. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RODRIGUES, E. *Pedagogia dos Pormenores: Rendi[oi]hando foto[car]tografias de formação*. 2011. Monografia (Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva, PPGEDU/EducaSaúde/UFRGS) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RODRIGUES, E.; CORREA, H. *Escoando Imagens*. RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 12, p. 1-13, 2014.

SALOMÃO, W. *Algaravias: câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Armarinho de Miudezas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé? E outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Poesia Total*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAMAIN, E. *Como pensam as imagens*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, L.H.S dos. *Escola, currículo e medicalização do corpo* in SANTOS, L.H.S dos (Org.). *Formação de Professores/as em um mundo em transformação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

TADEU, T; CORRAZA, S; ZORDAN, P. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n-1 edições, 2012.

VASCONCELLOS, J. *Imanência & Vida Filosófica*, Considerações Preliminares acerca da Idéia de Plano de Imanência em Gilles Deleuze. Princípios: Revista de Filosofia, v. 5, n. 6, p. 7, 1998.

ZANELLA, A. V. *Perguntar, registrar, escrever: Inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

8_anexo 1 _ termo de assentimento livre e esclarecido

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Por uma Clínica de Uma Vida: Escoamentos entre arte, literatura, cinema e saúde coletiva”. Dessa forma, peço que leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir através de assinatura, sua participação nesse estudo. Você receberá uma cópia desse Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

O presente estudo tem por objetivo investigar os processos de medicalização da vida no contemporâneo, tomado nesse estudo como aquilo que des-pontencializa o viver. Para a realização dessa pesquisa, as informações serão coletadas através de quatro oficinaulas que aconteceram no Projeto/Curso/Atividade de Extensão “Por Uma Clínica de Uma Vida: Políticas de cuidado na educação e na saúde”.

Essas oficinaulas serão gravadas e os materiais produzidos: textos, desenhos, imagens, etc, juntamente com essas gravações serão o produto para a análise e para a escrita do trabalho final dessa pesquisa. O texto resultante desse estudo estará a sua disposição quando finalizado. As imagens gravadas serão apenas de uso do pesquisador, sem nenhuma vinculação e divulgação externa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Sua adesão como colaborador/a neste estudo oferece riscos mínimos à sua saúde, e as situações constrangedoras serão evitadas em todos os momentos das oficinaulas. A recusa do/a participante em seguir contribuindo com a pesquisa será sempre respeitado possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for de seu desenho. Bem como, a qualquer momento os/as participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

EU, _____, inscrito(a) no CPF/MF sob nº _____
 _____, portador do documento de identidade nº _____, expedida por _____, f u i

informado/a dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura

Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico (Pesquisador)
Contato: 51 3354 3247

Porto Alegre, _____, _____, 2015.

() Desejo receber o relatório final deste estudo pelo e-mail _____

Telefone para contato, caso necessário:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEP/UFRGS: (51) 3308- 3738

caderno de imagens

oficina: modos de cuidar e produzir saúde: dos aruis

























oficina: o que pode um corpo no contemporâneo?

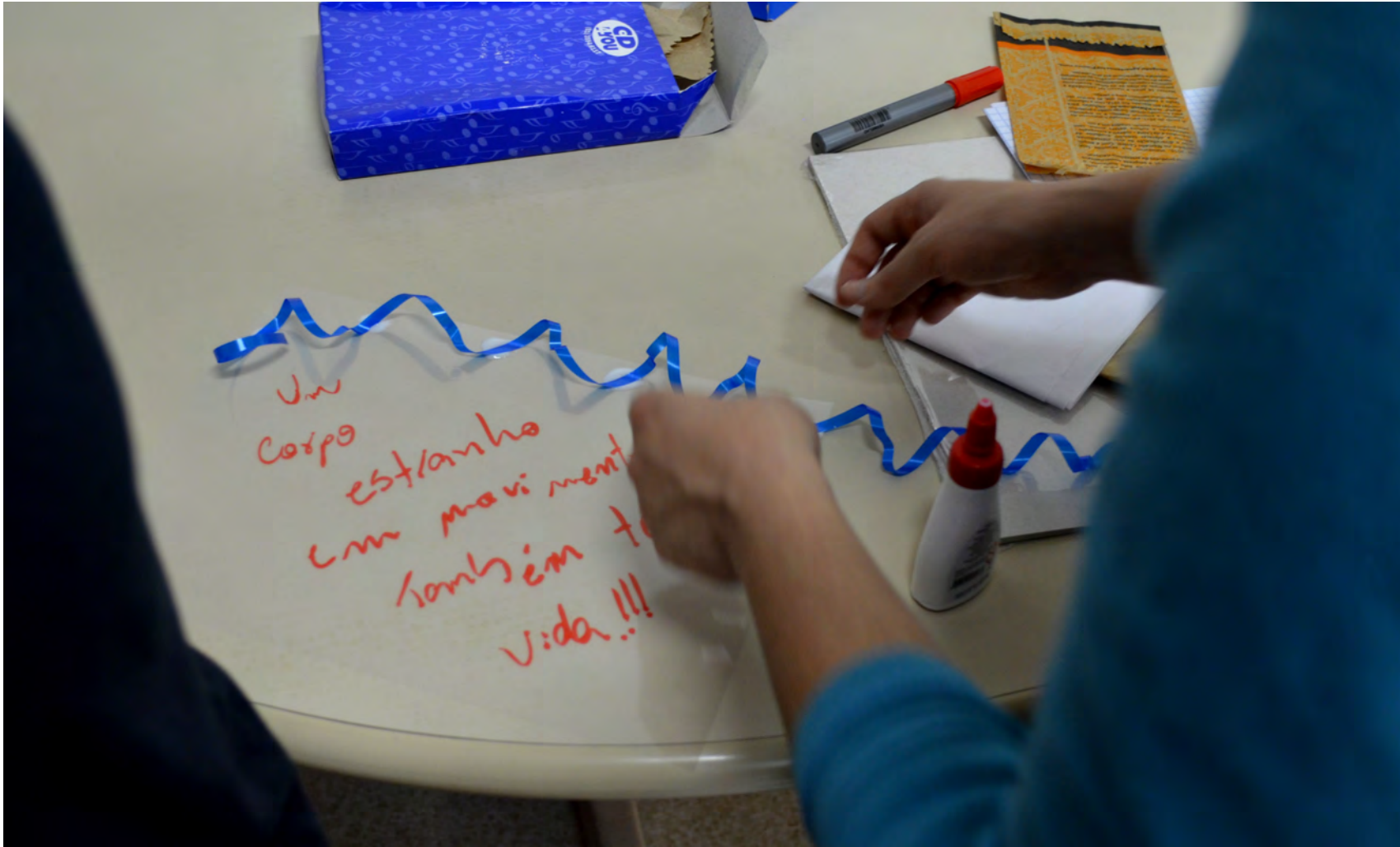












Um
corpo
estranho
em movimento
também tem
vida!!!

UM MOVIMENTO CRIA
UM NOVO MOVIMENTO

Eu não sei dançar...

A blue spiral drawing is positioned to the left of the text. Below the text, a sequence of green footprints is drawn, connected by red arrows that indicate a path moving from the top right towards the bottom left.

Eu não
posso ficar
aquí parado!

A Haveli iniciou suas atividades e
Com uma loja física em um dos pontos
Mercado Central, a empresa comercializa
somente produtos de artesanato ru
Em 2010, inaugurou sua sede
também no Mercado Central. Com
ação e diversificação de suas
passou a oferecer também
Indonésia e da China - movel
valorizando a cultura dos
seus produtos únicos, criados
A partir de 2011, percebeu
negócio, a empresa investiu
para o mundo virtual, surgindo
digital www.haveli.com.br
vendas em atacado. Em 2012,
lação e reestruturação da
estendidas também para
Nesses 18 anos, a Haveli
participar de mais de 30
continua expondo efetivamente
feiras do setor, levando o mo
nacional e internacional aos p
Obrigado! Aguardamos sua pr



Um
Cotpo

estranho
com maximento
também tem
Vida!!!

E QUEDA TIT



SE FAZ CAMINHO, GANHA

~~SE FAZ~~ ~~CAMINHO~~, AME

oficina: de uma vida anônima e passageira



oficina: de como [res]pingar uma vida







